

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UEG CÂMPUS CORACORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE – POSLLI

DANIELLE ROSA NUNES

**PARA ALÉM DO ILUSTRATIVO: letramentos visuais em práticas de educação
linguística**

CIDADE DE GOIÁS

2023

DANIELLE ROSA NUNES

**PARA ALÉM DO ILUSTRATIVO: letramentos visuais em práticas de educação
linguística**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para conclusão do curso e obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Linha de pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade
Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Rosa Lopes.

CIDADE DE GOIÁS

2023



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo Danielle Rosa Nunes

E-mail ldaniellerosa08@gmail.com

Dados do trabalho

Título Para além do ilustrativo: detramentos lexiais em práticas de educação linguística

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa Língua, Literatura e Interculturalidade

Concorda com a liberação documento

SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiânia, 24 de maio de 2023

Danielle Rosa Nunes
Assinatura autor(a)

Cristiane Rosa Lopes
Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

N972p Nunes, Danielle Rosa.
Para além do ilustrativo : letramentos visuais em práticas de educação linguística [manuscrito] / Danielle Rosa Nunes. – Goiás, GO, 2023.
127 f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Rosa Lopes.
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.

1. Linguística. 1.1. Multimodalidade textual.
1.1.1. Letramento visual. 1.1.2. Análise do discurso.
1.1.3. Educação linguística. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 801.8

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 08/2023

Aos onze dias do mês de abril de dois mil e vinte e três às catorze horas e trinta minutos, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Danielle Rosa Nunes, intitulado **“Para além do ilustrativo: letramentos visuais em práticas de educação linguística”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Cristiane Rosa Lopes – Presidente (POSLLI/UEG), Dr. Daniel De Mello Ferraz (USP), Dra. Julma Dalva Vilarinho Pereira Borelli (UFR), Dra. Carla Conti de Freitas (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (x) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver): _____

Cumpridas as formalidades de pauta, às 16h30 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 11 de abril de 2023.

Profa. Dra. Cristiane Rosa Lopes (POSLLI/UEG)

Prof. Dr. Daniel De Mello Ferraz (USP)

Profa. Dra. Julma Dalva Vilarinho Pereira Borelli (UFR)

Profa. Dra. Carla Conti de Freitas (POSLLI/UEG)

Página de assinaturas



Cristiane Lopes
515.739.701-15
Signatário



Julma Borelli
956.803.496-04
Signatário



Daniel Ferraz
268.749.908-02
Signatário

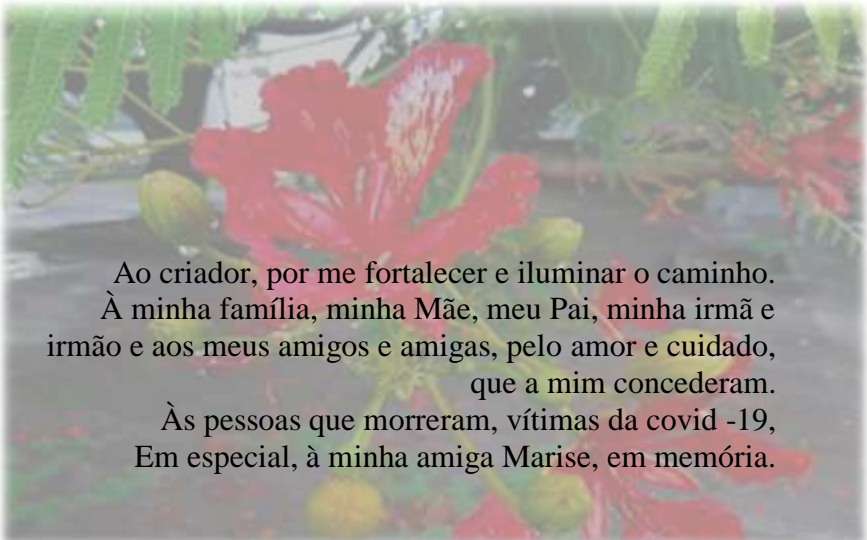
Assinado eletronicamente

Carla Freitas
564.590.761-20
Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|---|---|
| 11 abr 2023
21:24:59 |  | Cristiane Rosa Lopes criou este documento. (E-mail: cristiane.lobes@ueg.br, CPF: 515.739.701-15) |
| 11 abr 2023
21:25:00 |  | Cristiane Rosa Lopes (E-mail: cristiane.lobes@ueg.br, CPF: 515.739.701-15) visualizou este documento por meio do IP 186.211.75.12 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |
| 11 abr 2023
21:25:06 |  | Cristiane Rosa Lopes (E-mail: cristiane.lobes@ueg.br, CPF: 515.739.701-15) assinou este documento por meio do IP 186.211.75.12 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |
| 24 abr 2023
15:47:43 |  | Carla Conti de Freitas (E-mail: carla.freitas@ueg.br, CPF: 564.590.761-20) visualizou este documento por meio do IP 177.107.38.253 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |
| 24 abr 2023
15:49:32 |  | Carla Conti de Freitas (E-mail: carla.freitas@ueg.br, CPF: 564.590.761-20) assinou este documento por meio do IP 177.107.38.253 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil |
| 15 abr 2023
18:29:24 |  | Daniel de Mello Ferraz (E-mail: danielffe@usp.br, CPF: 268.749.908-02) visualizou este documento por meio do IP 189.16.81.60 localizado em São Paulo - Sao Paulo - Brazil |
| 15 abr 2023
18:30:55 |  | Daniel de Mello Ferraz (E-mail: danielffe@usp.br, CPF: 268.749.908-02) assinou este documento por meio do IP 189.16.81.60 localizado em São Paulo - Sao Paulo - Brazil |
| 12 abr 2023
10:09:58 |  | Julma Dalva Vilarinho Pereira Borelli (E-mail: julmaborelli@gmail.com, CPF: 956.803.496-04) visualizou este documento por meio do IP 200.129.248.2 localizado em Cuiabá - Mato Grosso - Brazil |





Ao criador, por me fortalecer e iluminar o caminho.
À minha família, minha Mãe, meu Pai, minha irmã e
irmão e aos meus amigos e amigas, pelo amor e cuidado,
que a mim concederam.
Às pessoas que morreram, vítimas da covid -19,
Em especial, à minha amiga Marise, em memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a todos que me ajudaram ao longo da minha trajetória. Gostaria de agradecer a Deus, por sua infinita bondade e misericórdia, à minha família, que sempre me apoiou e me encorajou a seguir meus sonhos, mesmo nos momentos mais difíceis. Vocês são a minha força motriz e eu não poderia ter chegado até aqui sem vocês.

Agradeço também aos meus amigos mais próximos, que estiveram comigo em todos os momentos, me dando apoio emocional e sendo uma fonte constante de alegria e diversão. A amizade de vocês significa muito para mim e me ajudou a manter o equilíbrio e a sanidade durante todo o processo de pesquisa.

Gostaria de agradecer aos professores, Daniel Ferraz, Julma Borelli e Carla Conti, que fizeram parte da minha banca de qualificação e defesa. Suas sugestões e críticas foram muito valiosas. Sou muito grata por suas contribuições e apoio. Gostaria de agradecer à minha orientadora Cristiane Rosa Lopes por todo o apoio e orientação que me concedeu durante o mestrado.

Por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para minha pesquisa, incluindo os participantes da pesquisa e os colegas que discutiram minhas ideias e me deram *feedbacks* construtivos.

Este Mestrado não teria sido possível sem a ajuda de todos vocês.

A minha eterna Gratidão.

ALGUMAS LETRAS DE PESAR

Por Rúbia Garcia de Paula

Esses dois de agosto de 2021 traz à nossa indissolúvel turma de Letras 2017-2020/21 da UEG/Inhumas um pesaroso vento gélido. Logo pela manhã, vítima de complicações causadas pela Covid-19, foi-se à imensidão celestial Marise Pires da Silva, 37 anos, funcionária da UEG durante quase toda a nossa estada na Universidade. Era licenciada em Letras, em Pedagogia e atualmente cursava Psicologia e o mestrado no POSLLI. Mãe amorosa e superprotetora, esposa zelosa, cozinheira de mão cheia, parceira, amiga, humana...

Mulher-múltipla. Se alguém perguntar a essa turma, “Qual Marise?”, muitas serão as respostas... A “Marise da Secretaria”; a “Marise do projeto Meninas da Vila”; a “Marise do English for Kids”; a “Marise do GEFOPLE”; a “Marise dos Certificados”; a “Marise da organização dos eventos”. Podemos dizer que na UEG era assim... “O quê? Não sei, vamos ver com a Marise”. “As chaves de tal sala? Vejamos com a Marise”. “Marise isso... Marise aquilo...”. E Marise lá... Em prontidão pelos corredores da Universidade, com respostas tão prontas quanto os rápidos passos certos. Correndo... como se não houvesse o amanhã sobre a Terra.

Quando, no final de 2019, ela e outros funcionários deixaram a UEG, a Turma teve a chance de se despedir dessa Mulher Mar(av)i(lhe)se, e de agradecê-la pelos serviços prestados. Foi uma noite dolorida! Houve choro e vozes embargadas. Mas também houve riso e o aconchegante abraço de Marise. Depois disso, em pouco tempo, o mundo parou por conta da Covid-19. Terminamos nossa graduação de forma remota e, numa dessas aulas via *Google Meet*, lá estava Marise na tela, convidada pela professora de Literatura para nos apresentar mais uma de suas faces, a Marise literata.

Marise era inteligente, solícita, criativa, dedicada, esforçada, atenciosa, carinhosa, generosa... mas não previa o amanhã. Desconhecia, assim como nós, que seríamos acometidos por uma pandemia que não só nos distanciaria fisicamente, mas também a ceifaria da própria existência material sobre esse Planeta. Porém, sabe-se lá Deus porquê, Marise tinha essa pressa de viver. Era intensa. Rápida. Pronta. Resolvida. Sem meias palavras, sem meias ações. Parece que lá no fundo sabia de seu chamado iminente, e consumia inteiramente cada átimo de vida na combustão existencial, o que lhe dava o aparente vigor de mulher forte e determinada.

Também gostava de sorrir, e de contar passagens por ela vividas, como a rapidez em que namorou, ficou noiva e se casou; ou as turbulências na primeira viagem de avião. Mas tinha apreço, sobretudo, pelas histórias de superações dos obstáculos a partir da Educação. Talvez por isso ela dizia se doar “cem por cento” ao ministrar as aulas de Inglês para as crianças; pois, mais do que ninguém, sabia o poder transformador de cada ação em sala de aula.

Assim, esse gélido mês de agosto de 2021 nos chega com a pesarosa notícia do falecimento de Marise que, temos certeza, lutou no leito da UTI até o último sopro de vida. Mas, como lhe é(ra) característico, a Mulher Mar(av)i(lhe)se não fugiu da travessia para o plano imaterial. A essa altura da noite, quando a turma, ainda em choque, custa a acreditar na sua passagem, e tece as últimas letras dessas lembranças, sua alma inquieta já deve estar em prontidão para servir à imensidão celestial.

Sirva em paz, Marise!

Licenciadas(os) de Letras da UEG-Inhumas,

Turma 2017/1 -2020/21

Ana-Emília Moraes - Ana Paula Castro - Danielle Rosa - Deborah Amador - Djelaine Castro - Euliane Silva - Gabriela Alves - Hellen Stéfanny - Jean Carlos - Karen Manso - Karollainy Cunha - Rúbia Garcia - Suzana Lino - Tayná Rabelo

NUNES, Danielle Rosa. **PARA ALÉM DO ILUSTRATIVO:** letramentos visuais em práticas de educação linguística. 2022. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2023.

RESUMO: No mundo contemporâneo é essencial que as práticas educacionais considerem a multiplicidade de linguagens presentes nas diversas esferas, incluindo a multimodalidade dos textos, como também as diversas semioses características do ambiente digital, como, por exemplo, as imagens. Nessa direção, a educação linguística deve promover letramentos visuais e críticos, de modo que os alunos possam ampliar seus processos de construção de sentidos nas aulas de línguas. Tendo em vista essas questões, este estudo tem por objetivo analisar em que sentido o uso frequente de recursos das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), no ensino remoto, promoveu experiências significativas de letramento visual e crítico na educação linguística. Para isso considerei como objetivos específicos: (i) Analisar e compreender o uso de diferentes formas de linguagem, além da escrita e da oralidade, em contextos educacionais e suas implicações para o ensino de línguas; (ii) analisar as percepções dos professores quanto ao uso do letramento visual na educação linguística; (iii) investigar quais funções as imagens desempenharam na construção de sentidos nas aulas virtuais de língua inglesa. Optei por realizar uma pesquisa qualitativa, de cunho interpretativista, na qual, segundo Moita Lopes (2006), os pesquisadores são agentes sociais e, como tais, atribuem significados para a pesquisa. Os participantes foram nove professores de língua inglesa, que atuam em diferentes níveis educacionais, do ensino básico à pós-graduação. As análises apontaram para a necessidade de uma formação de professores, em que os mesmos possam vivenciar novas formas de aprender e de ensinar. Além disso, a necessidade de investimentos para que as escolas possam promover mais acesso ao mundo digital.

PALAVRAS-CHAVE: Multimodalidade. Letramentos visuais. Educação linguística.

NUNES, Danielle Rosa. **BEYOND THE ILLUSTRATIVE:** visual literacies in linguistic education practices. Dissertation (Master's in Language, Literature and Interculturality) – Campus Cora Coralina, State University of Goiás, Goiás, 2023.

ABSTRACT: In the contemporary world, it is essential that educational practices consider the multiplicity of languages present in various spheres, including the multimodality of texts, as well as the diverse semiotics characteristic of the digital environment, such as images. In this direction, language education must promote visual and critical literacies, so that students can expand their processes of meaning construction in language classes. In view of these issues, this study aims to analyze how the frequent use of digital information and communication technologies (ICTs) in remote teaching promoted meaningful experiences of visual and critical literacy in language education. To do so, the specific objectives were: (i) to reflect on the various forms of language, beyond writing and orality, present in our society and their implications for language education; (ii) to analyze teachers' perceptions regarding the use of visual literacy in language education; (iii) to investigate the functions that images played in the construction of meaning in virtual English language classes. The study adopted a qualitative, interpretative approach, in which researchers, as social agents, attribute meanings to the research, according to Moita Lopes (2006). The participants were nine English language teachers who work at different educational levels, from basic to postgraduate. The ongoing analysis points to the need for teachers to have training in which they experience new ways of learning and teaching. In addition, it also highlights the need for investment so that schools can promote greater access to the digital world.

KEYWORDS: Multimodality. Visual literacy. Language education.

SUMÁRIO

PRÓLOGO – Luz, Câmera, Ação	11
CENA I. CONTEXTUALIZAÇÕES, METODOLOGIA E MÉTODOS	27
1.1 A pesquisa na Linguística Aplicada	27
1.2 A pesquisa qualitativa	30
1.3 Os procedimentos da pesquisa	32
1.4 Os participantes da pesquisa	32
1.5 O material empírico	38
CENA II. TECNOLOGIAS DIGITAIS	39
2.1 Tecnologias digitais na educação linguística e na formação de professores de línguas	39
CENA III. LETRAMENTOS VISUAIS	69
3.1. Educação linguística Crítica	69
3.2 Letramentos visuais na educação linguística crítica	72
CENA PÓS CRÉDITOS	99
Algumas (in)conclusões	99
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE	110



“Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça”.
(Cora Coralina¹)



Ruas da Cidade de Goiás. Fonte: acervo da pesquisadora.

Aprecio muito a poesia de Cora Coralina e a escolha dessa epígrafe diz muito sobre mim. O caminho da vida muitas vezes é construído por estradas não planas, compostas por muitas pedras, por rios turvos, mas também durante o percurso é possível encontrar flores. E isso é o que nos dá forças para caminhar e poder recomeçar, perante a incerteza que é a vida. Tendo em vista a minha caminhada até o momento, começo apresentando um pouco da minha

¹ Cora Coralina (1889-1985) foi uma poetisa e contista brasileira. Publicou seu primeiro livro quando tinha 75 anos e tornou-se uma das vozes femininas mais relevantes da literatura nacional. Ana Lins dos Guimarães Peixoto, conhecida como Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás, no Estado de Goiás, no dia 20 de agosto de 1889. Filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador, nomeado por Dom Pedro II, e de Jacinta Luísa do Couto Brandão cursou apenas até a terceira série do curso primário. E. BIOGRAFIA. **Biografia de Cora Coralina**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/cora_coralina/. Acesso em: 11 de julho de 2022.

trajetória, enquanto humana, mulher, irmã, prima, amiga, aluna, e professora em constante processo de formação e desconstrução do meu “eu” no mundo.

Minha formação foi sempre na rede pública de ensino, desde os anos primários na escola, até a formação superior. Reconheço os privilégios e as feridas que marcam esse meu lugar de existência (REZENDE, 2017). Nasci na cidade de Goiânia, na qual morei por quatro anos, logo após mudei para uma cidade do interior do estado de Goiás em Goianira, moro com os meus pais, eles se chamam Dinalva e Marcelo. Sou a filha mais velha, tenho uma irmã e um irmão mais novos, que estão concluindo o ensino médio também na escola pública. Sou professora de língua portuguesa e inglesa, atuo na educação infantil e no ensino fundamental, anos iniciais e finais. Pensar na educação, sobretudo a pública, é pensar na sociedade em conjunto, estar na escola pública me fez conhecer realidades diversas, e tem sido essencial na (re)construção da minha identidade.



Fonte: Acervo da pesquisadora².

² Essa sou eu nas ruas da cidade de Goiás.

Tenho breves recordações em relação à minha infância na escola primária, me lembro da minha primeira professora, que se chamava Claudia, sempre carinhosa e cuidadosa com os alunos, eu amava ir para escola. Acredito que esse gosto pela educação tenha sido despertado também por minha mãe, que fez o magistério, e foi professora de datilografia, na cidade de Nova Alegre - TO, amante da educação, me alfabetizou em casa e adorava me ensinar.

Estar na escola era um momento muito prazeroso e de interação, pois eu podia brincar com muitas crianças e aprender coisas novas. Estudei somente um ano nessa escola, logo depois mudei para outro setor da minha cidade, no qual resido há 18 anos. Nessa nova escola, bem próxima da minha casa, estudei por dez anos, tive muitas vivências nesse lugar, alegrias, descobertas, muitos aprendizados, que foram essenciais para minha trajetória e também para a minha formação humana.

Tendo em vista as vivências na educação escolar, não me recordo de ler muitos livros literários nesse período do ensino fundamental e médio, e nem tão pouco de ter momentos de criticidade e reflexão. Lembro apenas de ler um livro que marcou muito a minha vida, e ainda é a minha inspiração, o livro é: “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint Exupéry. Essa leitura me deixou encantada e me fez pensar na minha infância. O livro começa com uma dedicatória, a qual diz: “Todas as pessoas grandes foram, primeiro, crianças - mas poucas dentre elas se lembram disso”, a dedicatória do livro é para ele mesmo, enfatizando o seu “eu” enquanto criança.

Às vezes me pego pensando se os nossos olhos fossem da mesma maneira de quando éramos crianças, aquele olhar de descoberta e de inocência, sem maldade, vendo o mundo como uma aventura, as coisas seriam bem mais leves. Infelizmente a infância passa e com isso vem as obrigações da vida adulta, terminei meu ensino médio, não consegui passar no Enem³ (Exame Nacional do Ensino Médio), e em nenhum vestibular, nesse ano que fiquei sem ir para escola, foi um momento em que senti muitas saudades de estudar, mas também pude refletir muito sobre as minhas escolhas.

A escolha pelo curso de Letras ocorreu em um cursinho pré-vestibular, e embora não tivesse muita criatividade e nem fosse tão boa na escrita, gostava muito de escrever. Eu pensava em fazer veterinária ou gastronomia, e eu já tinha em mente que se eu quisesse estudar teria que

³ O Enem foi criado em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho dos estudantes concluintes do ensino médio. A partir de 2004, a prova passou a ser utilizada como ferramenta para ingresso em instituições do ensino superior e, em 2010, com sua inclusão no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), foi reconhecido como o maior e mais completo exame educacional do Brasil. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/programas-do-governo/enem/o-que-e> Acesso em: 19. Dez.2022.

ser em uma universidade pública, pois eu não tinha condições de pagar uma mensalidade na rede privada. Ganhei uma bolsa nesse cursinho, e sou eternamente grata por isso, pois foi essa oportunidade que possibilitou e facilitou a minha caminhada.

E foi nesse lugar que peguei um panfleto o qual trazia informações sobre o vestibular da UEG, eu ia fazer o Enem, e como o curso de gastronomia só era oferecido na rede privada do ensino superior, isso estava longe da minha realidade. Diante disso, o plano “A” era cursar veterinária, e o “B” era fazer Letras, outra vantagem em fazer Letras era pelo fato de o campus da UEG ficar mais perto da minha cidade.

O sonho em ser veterinária parecia cada vez mais distante, não tive uma nota muito boa, e não consegui a vaga para esse curso. No Enem a minha nota de redação foi boa, como eu disse anteriormente, embora não fosse boa para escrever, me arriscava na escrita, diante da nota de redação e após passar no vestibular de Letras, resolvi acolher a oportunidade que me foi concedida. Prefiro pensar que o curso de Letras não era a minha segunda opção, e também conforme o tempo foi passando eu pude entender que às vezes a vida nos leva para outros caminhos, acredito que o destino trouxe esse curso para minha vida.

E com isso pude conhecer pessoas incríveis, professores maravilhosos, e pude estudar e conhecer teorias, metodologias, e para além delas ler o mundo com outras lentes. Paulo Freire afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1989), e com isto, destaco que as nossas vivências e experiências são a base para qualquer construção de conhecimento. Foi na minha graduação também que tive vivências, momentos de reflexão, e criticidade, esse foi o meu primeiro contato, e acredito que me tornei outra pessoa, a partir desses momentos que aconteciam nas aulas, eventos e estágio.

Abracei o curso de Letras e prometi para mim mesma, que ali eu faria o melhor. Sempre fui muito tímida e tive bastante dificuldade na aprendizagem, e também na comunicação com as outras pessoas. Diante disso, acredito que as vivências na universidade me ensinaram bastante a lidar com esse meu lado. Recordo que meu maior medo era quando fosse para o estágio, pois a minha dificuldade em comunicar, a timidez, e o medo eram uma constante em minha vida.

Considerando as vivências no estágio, tive muita dificuldade durante esse período, e a sala de aula me assombrava, apesar de ter boas experiências na escola, também tive momentos difíceis, essas questões me assombravam sobretudo sobre a minha identidade, justamente porque eu ficava lembrando das vivências não tão boas que tive na escola. O estágio foi realizado em uma escola municipal, localizada em uma periferia, as salas de aulas eram bastante

cheias, e a quantidade de alunos me assustava, pois sempre tive muita dificuldade em falar em público.

Esse estágio pôde ser realizado em dupla ou trio, e com isso destaco que o apoio das minhas amigas e de toda turma me ajudou bastante a passar por mais essa etapa da graduação. No estágio foi o momento que mais me questioneei se realmente tinha feito a escolha certa e se algum dia conseguiria ao menos me ver como professora.

Tive um professor de estágio que dizia que quando um estudante de medicina entra na universidade, ele já se reconhece como um médico, e ele falava que muitos alunos do curso de licenciatura chegavam no curso, e não se reconheciam como professores. E aquela fala dele fazia todo sentido para mim, em nenhum momento eu conseguia me enxergar como professora, e achava que ser professora era realmente algo impossível para mim.

Considerando a minha trajetória na graduação, eu gostava muito de aproveitar as oportunidades oferecidas pela universidade, fiz uma seleção e consegui ser bolsista da Revista de Educação, Linguagem, e Literatura – REVELLI. Lembro que na época estava um pouco desanimada e com muita dúvida em relação à minha escolha, isso foi no início da graduação, essa oportunidade de trabalhar na revista foi muito importante e essencial para minha trajetória. Também fui bolsista de iniciação científica e me encantei por essa parte da pesquisa, essa foi uma questão primordial para que eu pensasse em seguir na área de pesquisa, quando terminasse a graduação.

Finalizei minha graduação em um momento atípico vivido por todos nós, a pandemia da Covid - 19⁴ que rondava o mundo, chegou até nós em 2020. As aulas foram suspensas, e aquilo me assustou muito, tinha muito medo de perder as pessoas que eu amava, a pandemia mudou tudo, alterando a rotina de todos, principalmente, no âmbito educacional. E isso gerou uma mudança na modalidade de ensino, a qual foi realizada de forma remota, tive muita dificuldade para me adaptar nessa nova realidade. A tristeza tomava conta dos nossos dias, e a vida tinha que continuar apesar de tudo.

⁴ Nota Técnica nº: 1/2020 - GAB- 03076. Considerando: - a Declaração da Organização Mundial de Saúde, em 11 de março de 2020, que decreta situação de pandemia no que se refere à infecção pelo novo coronavírus; - a Lei n. 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência em saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, responsável pelo surto de 2019.

Diante do cenário pandêmico vivenciado em decorrência da Covid-19, momento esse difícil de muita tristeza, perdas e inseguranças, continuar a caminhada foi algo muito difícil, não tinha como ignorar ou esquecer tudo o que estava acontecendo. As práticas escolares passaram por mudanças e adequações. Tanto alunos quanto professores passaram a fazer o uso intensificado das tecnologias digitais diante do ensino remoto.

Em relação às necessidades, urgências e desafios enfrentados pela educação nesse período, cabe destacar que,

A educação como a conhecemos historicamente vem se transformando e a pandemia da Covid-19 escancarou essa urgência de transformação, demandando o aprofundamento de diversas questões relacionadas ao uso das atuais tecnologias no ensino e à percepção dos grupos de estudantes que hoje frequentam as escolas. As tecnologias em sala de aula, muitas vezes criticadas, parecem ter se tornado a alternativa viável diante da suposta necessidade do ensino remoto emergencial, resultante do isolamento físico prolongado que temos vivenciado (BRAHIM, et al. 2021, p. 32).

No entanto, levando em consideração o cenário pandêmico, pude perceber a urgência de ampliar os olhares que temos sobre a educação e a importância de considerar a diversidade de culturas e linguagens que fazem parte de nossas vivências. E sobretudo inserir a tecnologia e contextualizá-la a essas novas formas de linguagens. Considerar a tecnologia para além de uma ferramenta, e poder enxergá-la como forma de linguagem.

A tecnologia foi extremamente relevante diante da pandemia, sem ela seria muito difícil continuar as aulas, porém cabe ressaltar também que temos a questão da desigualdade de acesso à tecnologia, principalmente escancarada diante da pandemia da Covid-19. Diante de tudo que vivenciamos nos últimos tempos, temos experimentado um sistema desigual de acesso ao conhecimento e de condições mínimas para a sobrevivência.

Um país constituído sobretudo pela desigualdade em que grande parte da população não possui condições mínimas e básicas para uma vida digna, e por conta dessa desigualdade muitas pessoas não tiveram o direito de assistir às aulas e estudar, pois, isso dependia de questões econômicas que vão além dos muros da escola. (MAGALHÃES, 2021). Ressalta-se assim a urgência de ações e políticas educacionais que atendam e supram as necessidades de nossos alunos.

FIGURA 1 - Desigualdade de acesso à educação escolar.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/478507529170>

Nesse contexto, destaco que o meu interesse pelos letramentos visuais, o encanto pelo universo visual sempre me fascinou, não sei dizer ao certo o motivo por tal fascínio, mas creio que seja pelo fato de gostar de admirar os detalhes que compõem a vida. E perceber que nela estão as nossas maiores lembranças, que se constituíram e se constituem por meio de nossas memórias formadas por um conjunto de imagens. Cabe ressaltar, que essa ideia de considerar os letramentos visuais foi inspirada na minha trajetória acadêmica enquanto aluna do curso de Letras e professora em formação inicial.

Esse encontro com os Letramentos Visuais, portanto, foi motivada não apenas por minha trajetória na universidade, mas também está ligada com as minhas vivências para além da acadêmica, como eu disse acima as imagens fazem parte de nossas histórias e são uma forma de construir as nossas narrativas pessoais. Como menciona Santaella (2003, p. 146): “a convergência das mídias diz respeito à ligação sem precedentes da imagem fotográfica fixa com

mídias que antes lhe eram distintas: áudio digital, vídeo, gráficos, animação e outras espécies de dados nas formas de multimídia interativa”. Então essa ligação com os letramentos visuais parte das minhas vivências e experiências com filmes, animações, gosto muito de assistir animações, tenho um grande apreço por esse universo visual.

É por meio das fotografias por exemplo, que podemos lembrar momentos de interação de nosso passado, acredito que a minha relação com os letramentos visuais parte de memórias afetivas que tenho pelas fotografias, pela arte, cultura, e representatividade que são expressa nos quadros, museus, nos muros das ruas, prédios, nas praças, da minha cidade e do estado de Goiás que moro, e também na música, nos vídeos, e nos filmes e animações das quais vivencio e vivenciei. Nesta introdução da dissertação trago algumas fotografias que contam um pouco sobre acontecimentos históricos sobre a cidade que nasci, essas fotografias foram fotografadas por meu primo Marco Amâncio e por mim, e como disse gosto muito dessa possibilidade de memória afetiva que as imagens me proporcionam, acredito que os Letramentos Visuais estão por toda parte e por meio dele é possível compreendermos muitas histórias outras. Por meio das imagens podemos conhecer um pouco mais sobre a história, cultura e linguagem de um povo e sobre nós mesmos. As narrativas visuais abaixo, portanto, narram um pouco dos lugares que passei e que conseqüentemente me marcaram de alguma forma, a partir dessas memórias afetivas da minha trajetória de vida.

Caro leitor, essa dissertação tem como foco os estudos de letramentos visuais, gostaria de lhe avisar que ao longo dos capítulos você irá se deparar com muitas imagens. Eu vou trazer imagens como forma de epígrafe, imagens que fazem algumas críticas sociais, algumas fotografias relacionadas às minhas memórias afetivas de lugares que passei, eu espero que vocês gostem, essas imagens partem de leituras e vivências ao longo da minha trajetória até o momento. E as imagens aqui neste trabalho estão abertas para a sua respectiva interpretação, visto que não existe uma leitura correta das imagens, pois a leitura parte muito de quem somos e do que nós acreditamos. Por esse motivo, as imagens também são uma forma de texto, tão valiosa quanto a escrita nesse trabalho, aqui elas serão compreendidas sob a perspectiva de texto.

FIGURA 2: Cidade de Goianira – Mural gigante em homenagem a Van Gogh⁵



⁵ Goianira recebe mural gigante em homenagem a Van Gogh | O Popular - Veja mais em: <https://opopular.com.br/magazine/goianira-recebe-mural-gigante-em-homenagem-a-van-gogh-1.3012211>. Acesso em: 29.04.2023. O mural é uma obra do artística plástico goiano Ivanor Florêncio Mendonça, o mural possui 101m2 de pintura, coincidindo com a idade da cidade. Essa cidade de Goianira é onde eu moro desde quando era criança, me mudei para essa cidade quando eu tinha cinco anos, tenho muitas lembranças desse trajeto que passa pela GO – 070, por esse motivo trago essa imagem para mostrar um pouco para vocês o meu lugar de origem.

FIGURA 3 - Murais no centro de Goiânia - Andança⁶ e Geraldinho⁷



⁶ O autor Wes Gama afirma que sua obra "Andança" aborda "o problema da sociedade global é que as pessoas não compreendem que somos parte da Terra, que somos um organismo vivo". "A relação com a água, a terra, as plantas, a qualidade do ar, esse é o ponto principal. O que vemos é uma sociedade que enxerga essa extensão do nosso corpo, como recurso a ser explorado, a gente vê aí a mineração, o agronegócio e o desmatamento, as usinas e garimpos, as invasões nos territórios, os rios secando, o ar poluído, e o pior, as pessoas vivendo para alimentar um sistema baseado em lucros e desigualdades", prossegue.

⁷⁷ Esta é a representação do contador de causos Geraldinho Nogueira, feita por artistas do Bicicleta Sem Freio, Douglas Pereira e Renato Reno. Geraldinho é uma das marcas da história de Goiás. O comediante nasceu em 18 de dezembro de 1913, em local onde atualmente é o município de Bela Vista. Sua trajetória como contador de histórias ganhou destaque no programa Frutos da Terra, após ser descoberto por produtores do show enquanto narrava seus causos engraçados, em um bar de onde morava. Disponível em: <https://www.aredacao.com.br/cultura/143436/murais-no-centro-de-goiania-dois-projetos-derramam-cores-na-capital>. Acesso em: 27. dez. 2022.

"Essa fotografia foi tirada na cidade de Goiânia, que fica próxima à cidade em que moro Goianira. Eu nasci em Goiânia e passei boa parte da minha infância lá. Além disso, tenho muitos parentes que moram na cidade, então ainda tenho muitas vivências e memórias afetivas nessa cidade. Por esse motivo, trago neste trabalho algumas fotografias que falam sobre Goiânia e alguns lugares que possuem um marco histórico, bem como obras de artistas goianos."

FIGURA 4 - Monumento praça cívica de Goiânia "Às Três Raças"⁸



⁸ O **Monumento** às Três Raças, localizado na **Praça Cívica**, foi esculpido em bronze e granito por Neusa Moraes em 1968, e representa as etnias negra, indígena e branca, que deram **origem** ao povo goiano. Desde sua inauguração, o **monumento** se tornou um dos símbolos de Goiás. Esse monumento é importante para representar e demonstrar um pouco sobre a cultura Goiânia, e por esse motivo trago essa imagem como forma de contextualizar e demonstrar um pouco sobre a cultura e povo goiano. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/goiania-monumento-as-tres-racas/#!/map=38329&loc=-16.680235961057196,-49.25646604046405,17>. Acesso em: 27. Dez.2022.

FIGURA 5 – Museu de arte urbana “Beco da codorna”⁹



Fonte: Acervo da pesquisadora.

⁹ O local, antes abandonado e utilizado por usuários de drogas, foi revitalizado pela Associação de Grafiteiros de Goiânia (AGG), em 2014, tornando-se um ponto turístico e de eventos. Trago essa imagem para contextualizar e retratar as possibilidades e ressignificação de lugares e historias outras que arte pode proporcionar. Essa forma de arte urbana tem ganhado cada vez mais espaço na cidade, proporcionando não apenas beleza, mas também reflexão e identidade para a população local. Disponível em: <https://diaonline.ig.com.br/2018/11/07/beco-da-codorna-lindo-museu-de-arte-urbana>. Acesso em: 27. Dez. 2022.

FIGURA 6: Galeria de artes centro de Goiânia ¹⁰



Fonte: acervo da pesquisadora.

¹⁰ Galeria localizada no centro de Goiânia, ao lado do estacionamento redondo, onde são expostas várias obras criadas por artistas goianos.

O interesse pelos letramentos visuais se intensificou também durante o período da pandemia, pois as leituras e discussões desenvolvidas nos encontros virtuais do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professoras/es de Línguas (GEFOPLE/UEG CNPq), passaram a focar mais em questões relacionadas à formação docente e à educação linguística no formato de aulas remotas, o que implica o uso frequente das tecnologias digitais. Assim, pude compreender ainda mais a relevância de considerar e propiciar uma formação crítica que considere as diversas formas de linguagens e culturas presentes na sociedade contemporânea.

Com o estudo das perspectivas dos multiletramentos e letramentos críticos, pude perceber que as imagens não são apenas recursos ilustrativos, pois elas também são formas de textos e, conseqüentemente, formas de linguagem tão valiosas quanto qualquer outra. Nessas perspectivas, a língua é concebida como uma prática social, que não se restringe à escrita e à oralidade. A língua/linguagem, como prática social, é carregada de crenças, ideologias, histórias, vivências e experiências, que devem ser consideradas e valorizadas, sobretudo diante da heterogeneidade cada vez mais característica da sociedade. Sendo assim, é importante que na formação de professores de línguas sejam enfatizados “os estudos culturais e as abordagens que compreendem a língua como prática social, ampliando a visão de futuros professores e professoras no que se refere ao papel da linguagem na vida social e nos processos políticos nos quais o ensino se situa” (BORELLI, 2018, p. 55).

Diante do exposto, este estudo tem por objetivo geral analisar em que sentido o uso frequente de recursos de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) na educação linguística, durante o ensino remoto, promoveu experiências significativas de letramento visual e crítico. Para isso considero como objetivos específicos: (i) Analisar e compreender o uso de diferentes formas de linguagem, além da escrita e da oralidade, em contextos educacionais e suas implicações para o ensino de línguas; (ii) analisar as percepções dos professores quanto ao uso do letramento visual na educação linguística; (iii) investigar quais funções as imagens desempenharam na construção de sentidos nas aulas virtuais de língua inglesa.

Desse modo, apresento as perguntas que norteiam a pesquisa:

I - Quais são as percepções que os professores de línguas participantes desta pesquisa têm em relação aos letramentos visuais?

II - Como esses professores estão utilizando os letramentos visuais em sala de aula?

III - Quais as contribuições e dificuldades nessa construção?

Essa pesquisa pretende contribuir para a área de educação linguística e de formação de professores de línguas, trazendo discussões sobre o uso e a relevância de considerar os letramentos visuais para além de um recurso ilustrativo, já que geralmente nas práticas em sala de aula que envolvem imagens, filmes, vídeos, animações e outros, eles são utilizados apenas como recurso ou relacionados à aprendizagem linguística (FERRAZ, 2018).

Considero que aliar os letramentos visuais na formação de professores de línguas requer incorporar a diversidade de linguagens e culturas que constituem a nossa realidade, por isso considero essencial que os letramentos e multiletramentos façam parte dos currículos dos cursos de formação de professores. É necessário que os cursos de Letras articulem práticas educacionais que promovam experiências significativas com as novas linguagens, demonstrando que os textos imagéticos têm um papel tão importante quanto as demais formas de linguagens oral, escrita e verbal. Pesquisas, entretanto, apontam que isso ainda não ocorre de forma significativa. Freitas (2019), por exemplo, ao analisar os currículos dos cursos de Letras da Universidade Estadual de Goiás, identificou que

[...] embora a universidade tenha apresentado um esforço para modernização das matrizes curriculares dos cursos de licenciatura, a área de tecnologia aparece de forma tímida. Em contrapartida, lidamos cotidianamente com a modernização das escolas e recursos didáticos e a inserção de recursos tecnológicos para os quais os professores não estão sendo preparados. (FREITAS, 2019, p. 63)

Quanto aos principais temas focalizados nos capítulos desta dissertação trago as concepções sobre os estudos de letramentos os quais têm inspirado os estudos sobre linguagens no ambiente virtual e conseqüentemente nos ambientes educacionais, os quais estão relacionados aos estudos referentes a multiplicidade de linguagens e culturas discutidas por estudiosos dos multiletramentos.

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade de práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos é bom enfatizar aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13).

Os multiletramentos portanto tem sido uma área de estudo voltada para formação de professores de línguas, pois as transformações intensas pelas quais a sociedade contemporânea vem enfrentando fazem surgir novas formas de interação, aprendizado e comunicação. A diversidade de culturas e de linguagens está cada vez mais presente em nossa sociedade assim, exige de nós uma proposta de educação que esteja voltada para uma pedagogia dos multiletramentos.

Para isso, será abordada nesta dissertação a relação dos multiletramentos com enfoque nos letramentos visuais e digitais no que tange ao ensino mediado por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e, conseqüentemente, relacionados às práticas dos professores participantes desta pesquisa. Assim, o letramento visual é fundamental para a aquisição de outras formas de letramento, como o letramento digital, e para a formação de um indivíduo crítico e criativo. Trata-se, portanto, de uma habilidade essencial para a participação efetiva na sociedade contemporânea. Cabe destacar assim que os letramentos, multiletramentos, não são sinônimos do termo ‘tecnologias’ eles podem ou não estão relacionados, como apontado por Rojo (2012),

trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação (‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos”. (ROJO, 2012, p. 8).

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além da introdução que se encontra em construção. No primeiro capítulo, intitulado “Contextualizações, metodologias e métodos”, discuto sobre como a pesquisa foi realizada e analisada. No segundo capítulo, intitulado “Tecnologias Digitais”, traz as questões de experiências com as tecnologias com os professores de línguas e sobre o uso de tecnologias digitais na educação linguística, e sobre as tecnologias digitais na formação de professores de línguas. No terceiro capítulo, intitulado “Letramentos Visuais” discorro sobre a educação linguística, e as experiências de letramentos visuais com os professores de línguas integrantes dessa pesquisa, e, por fim, trago algumas possibilidades sob a perspectiva do letramento visual.

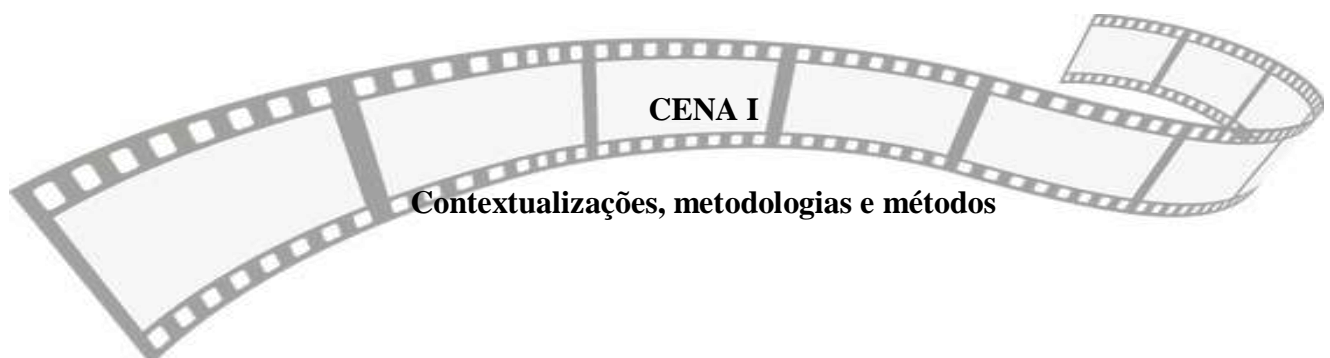
No texto que ora apresento optei por usar a primeira pessoa do singular, e também na redação da dissertação, fiz a opção de não marcar o gênero feminino ou usar linguagem neutra, embora acredite que a língua é sobretudo um produto de manifestação linguística e social, e

considero extremamente relevante que por meio da língua/ linguagem possamos tentar amenizar e expressar questões relacionadas à diversidade. Nos excertos de transcrições de fala dos participantes mantive a forma de manifestação linguística de cada um, para que assim fosse preservada a forma como eles se expressaram nas entrevistas.

Neste trabalho optei por não separar em diferentes capítulos a fundamentação teórica e a análise do material empírico. Visando colaborar para uma ruptura com a dicotomia entre teoria-prática em discussões na área da Linguística Aplicada, busquei desenvolver a dissertação a partir de uma perspectiva praxiológica, que diminui a hierarquia e interrelaciona, neste estudo, teorizações de pesquisadores dos temas estudados e percepções dos professores participantes do estudo. De acordo com Freitas e Avelar (2021), praxiologias podem ser entendidas como:

a leitura daquilo que fazemos, imbuída do que somos e pensamos: as nossas escolhas como professoras estão cheias de nós e refletem o que pensamos o que e como fazemos; também, são construídas pela nossa cultura e pelos elementos que a constituem, como nossa percepção de mundo, do lugar onde vivemos e de onde viemos, dos valores, das experiências. (FREITAS e AVELAR, 2021, p. 93)

Desta forma, conhecimentos desenvolvidos a partir de formações acadêmicas e/ou profissionais e conhecimentos advindos de vivências estão articulados e compreendidos de forma dialética. Portanto, ao me referir à praxiologias, considero todos os conhecimentos, pensamentos e ações que nos constituem.



1.1 A pesquisa na Linguística Aplicada



11

Este capítulo se inicia com a imagem, de um flamboyant, o qual é o protagonista. Essa escolha não foi por acaso, ela foi feita com o intuito de contextualizar o capítulo, especialmente por meio de uma analogia com a metodologia de pesquisa. A imagem da árvore nos convida a refletir sobre a construção da pesquisa e a sua constituição.

Na obra "Metodologia Científica: Teoria e Prática", Monte Mór utiliza a metáfora da árvore para ilustrar a importância da metodologia de pesquisa. De acordo com a autora, as raízes da árvore representam as filosofias, teorias e concepções que sustentam a pesquisa. Elas são a base e a direção para a investigação, sendo fundamentais para se alcançar resultados significativos e confiáveis (MONTE MÓR, 2009).

O tronco da árvore, por sua vez, representa a metodologia utilizada na pesquisa. Assim como o tronco fornece suporte para as folhas e frutos da árvore, a metodologia é o alicerce da pesquisa, fornecendo os meios para coletar, analisar e interpretar os dados. As folhas da árvore representam as práticas da pesquisa, ou seja, as técnicas utilizadas para coletar e analisar os

¹¹ Árvore Flamboyant no campus da Universidade Estadual de Goiás na cidade de Inhumas, um lugar muito especial para mim, em que fiz a minha graduação em Letras. Foto tirada por minha amiga Rubia Garcia no ano de 2022.

dados. Elas são importantes para a sobrevivência da árvore, assim como as práticas são fundamentais para o sucesso da pesquisa. Monte Mór destaca ainda que, assim como a árvore precisa de nutrientes para crescer e se desenvolver, a pesquisa também requer fontes de informação e conhecimento, tais como livros, artigos científicos, dados de pesquisa anteriores, entre outros (MONTE MÓR, 2009).

Segundo dados Wikilivros (2013), a árvore é composta por um elemento principal chamado raiz, que possui conexões com outros elementos denominados galhos ou filhos. Esses galhos, por sua vez, levam a outros elementos que também possuem outros galhos. O elemento que não possui galhos é conhecido como folha. Assim, trago aqui a analogia da estrutura de uma árvore relacionada aos elementos necessários para a pesquisa.

Tal como a árvore, a pesquisa deve ser relacionada ao contexto. É imprescindível conhecer e respeitar o contexto de pesquisa, bem como a relação do pesquisador com o contexto em que está inserido. Além disso, a organização e a estruturação da metodologia são fundamentais, como a ligação e a coerência entre as partes que a pesquisa carrega e também, como as flores e folhas em analogia com as informações e material empírico utilizados durante os processos de pesquisa. Esses elementos são essenciais para compor e produzir o resultado final.

A relação entre esses elementos é evidente e crucial, pois caminham juntos. A pesquisa, assim como a árvore, é uma semente plantada no coração do pesquisador, a qual não se realiza sozinha. Ela requer cuidado, atenção, dedicação e a habilidade de observar e compreender a natureza e o contexto em que está inserida. Dessa forma, podemos afirmar que a pesquisa e a árvore compartilham a mesma essência e beleza, que se revelam por meio de seus frutos e descobertas.

Posto isto, a Linguística Aplicada Crítica, doravante LAC, como pontua Pennycook (2006, p. 67), “é uma abordagem mutável e dinâmica para as questões de linguagem em contextos múltiplos”, que instiga o pensamento crítico, como forma problematizadora, principalmente em busca de uma educação libertadora voltada pela justiça e para as questões sociais.

Nesse sentido, a pesquisa em Linguística Aplicada (LA) considera o pesquisador “inseparável do conhecimento produzido sobre ele mesmo, assim como das visões, valores e ideologias do próprio pesquisador” (MOITA LOPES, 2013, p.17). Na visão interpretativista, os significados são múltiplos e constituem as realidades sociais, enxergando-as como meios passíveis de interpretação (MOITA LOPES, 1994). Entendo, dessa maneira, que os estudos

relacionados à LA buscam trazer discussões e problematizações sobre o viés das questões sociais e da diversidade que nos constituem como seres em constante processo de formação. E também compreender que nos pressupostos da LA a língua é vista como uma prática social, entendendo que a língua está para além de conceitos linguísticos estereotipados, ela não é limitada, não se restringe apenas a escrita e a oralidade (MENEZES, SILVA e GOMES, 2009).

Esta pesquisa considerou os pressupostos da Linguística Aplicada Crítica (LAC), com intuito de relacioná-la ao olhar da pesquisa interpretativista, para que assim possamos refletir sobre as diversas formas de produzir conhecimento nessa área. Segundo Ferraz (2018, p.11), a Linguística Aplicada Crítica “contribuiu para a discussão dos vieses sociais, críticos, políticos e sócio históricos em que as linguagens/língua necessariamente se engendram”. Nesse sentido, os estudos da LAC proporcionam discussões e problematizações que surgem nas práticas pedagógicas, que são mediadas pelos professores e que necessitam constantemente de análise crítica. Sobre a relevância de termos uma prática problematizadora, Duboc diz que,

[...] o exercício de crítica perpassa a desconstrução ou deslocamento de sentidos, nos termos derridianos, numa lógica não mais pautada no desvelamento de sentidos por trás de um texto, mas na compreensão da leitura que fazemos sobre o outro com vistas à compreensão de nosso próprio percurso interpretativo, ou, nas palavras de Menezes de Souza (2011), o exercício de “ler se lendo”. (DUBOC, 2018, p.15)

Portanto, as problematizações são ações necessárias, para que possamos entender os discursos que permeiam a nossa prática. A respeito desse pensamento, Ferreira (2018, p. 98) destaca que,

Problematizar é procurar desconstruir o que é posto pelo *modus operandi*. Isso não quer dizer que advogo por um relativismo discursivo que procura explicar a natureza humana assentada somente no discurso. Compreender o modo como as pessoas se apresentam no discurso me permite entender de onde elas enunciam e por que enunciam de tal maneira e não de outra. Isso me possibilita depreender como se estabelecem as relações de poder e suas possíveis contradições. Desse entendimento, posso agir em busca de fissuras deixadas pelo sistema. (FERREIRA, 2018, p. 98)

A metodologia proposta na pesquisa em Linguística Aplicada segue as premissas da abordagem interpretativista, que considera a multiplicidade dos significados e das realidades

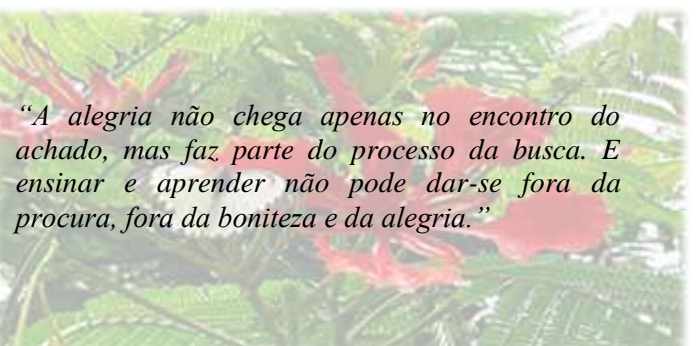
sociais e culturais. O objetivo é relacionar a LAC à pesquisa interpretativista para refletir sobre as várias formas de produzir conhecimento na área. Além disso, adota-se essa perspectiva, buscando problematizar questões sociais e de poder presentes nas práticas linguísticas, as quais abordam os pressupostos para uma pesquisa na área da LAC.

A pesquisa consiste em revisão bibliográfica, análise crítica de textos e análise do material empírico. A revisão bibliográfica tratou de estudos relacionados à LAC, pesquisa interpretativista e questões sociais e de diversidade na linguagem. A análise crítica de textos envolverá a identificação de discursos que permeiam a prática pedagógica, com o intuito de compreender de onde as pessoas enunciam e por que enunciam de tal maneira.

O material empírico coletados foram analisados através da análise de conteúdo, onde serão identificados os temas e padrões emergentes do material empírico coletado. Essa análise permitiu identificar os discursos que permeiam a prática pedagógica e compreender como as relações de poder e suas possíveis contradições se estabelecem.

Por fim, a pesquisa culminou em uma análise crítica do material empírico, relacionando-os aos pressupostos da LAC e da pesquisa interpretativista, a fim de refletir sobre as diversas formas de produzir conhecimento nessa área. Os resultados da pesquisa são apresentados no decorrer desta dissertação, a qual destaca as contribuições da LAC e da pesquisa interpretativista para a compreensão das questões sociais e de diversidade na linguagem, bem como para a construção de uma educação voltada para a justiça social.

1.2 A pesquisa qualitativa



Assim como disse Paulo Freire, a busca é uma constante em nossa vida e também é um fator primordial para a construção do conhecimento, assim cabe destacar que a formação docente será sempre um processo contínuo. Desse modo, ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e fora da alegria que os caminhos da educação podem nos proporcionar.

A citação de Paulo Freire ressalta que a alegria e o processo de busca são tão importantes quanto o próprio achado na construção do conhecimento. Esse pensamento se aplica à pesquisa qualitativa, em que a jornada da pesquisa é tão importante quanto os resultados obtidos. A pesquisa qualitativa geralmente é realizada em situações naturais, como a vida cotidiana dos indivíduos, permitindo que os pesquisadores sejam capazes de observar e analisar os comportamentos e experiências em seus próprios contextos.

Este estudo traz características da pesquisa qualitativa de cunho interpretativista (MOITA LOPES, 2006), como, por exemplo, o fato de o material empírico ser gerado, interpretado e analisado, tendo em vista os significados que cada professor participante atribuiu às suas experiências e os significados que, eu, como pesquisadora, atribuí às percepções dos professores. Denzin e Lincoln (2018), ressaltam que a metodologia de pesquisa qualitativa é uma abordagem que busca compreender e descrever as experiências e comportamentos humanos, considerando a perspectiva dos indivíduos envolvidos no estudo. Ela se baseia em métodos interpretativos, em que a análise e a interpretação do material empírico são fundamentais para a construção do conhecimento.

O estudo descrito é um exemplo de pesquisa qualitativa interpretativista, que busca compreender e analisar os significados atribuídos pelos professores participantes à suas próprias experiências, bem como os significados atribuídos pela pesquisadora. Esse tipo de pesquisa valoriza a subjetividade e a interpretação individual dos participantes e do pesquisador, e permite uma compreensão mais rica e detalhada dos fenômenos estudados. Dessa forma, a pesquisa qualitativa é uma metodologia importante para compreender as complexidades das experiências humanas e pode ser utilizada em diversas áreas, como educação, saúde, sociologia, entre outras (DENZIN E LINCOLN, 2018)

Flick (2009, p. 24) salienta que “os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana”. A pesquisa qualitativa descreve as impressões e observações como parte relevante para a construção do

conhecimento. Denzin e Lincoln (2006, p. 20) consideram que a pesquisa qualitativa é como um “conjunto de atividades interpretativas, a qual não privilegia uma única prática metodológica em relação a outra.” Conforme destacado pelos autores, a pesquisa qualitativa não privilegia uma única prática metodológica, o que significa que os pesquisadores têm a liberdade de escolher os métodos que melhor se adaptam ao seu objeto de estudo e aos objetivos da pesquisa.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo compreender como os letramentos visuais são incorporados e utilizados nas práticas de educação linguística a partir das percepções dos professores participantes dessa pesquisa. A escolha do tema se justifica pela crescente importância dos recursos visuais na educação, especialmente em um contexto de constante evolução tecnológica e expansão do acesso à informação.

Além disso, a pesquisa visa investigar as experiências relacionados ao uso de letramentos visuais em práticas de educação linguística, buscando entender como os professores participantes atribuem significados às suas próprias experiências com letramentos visuais e como eles contribuem para a construção do conhecimento em educação linguística.

1.3 Os procedimentos da pesquisa

Para a geração de informações e construção do material empírico, foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: i) um questionário com perguntas fechadas e abertas elaborado e respondido com uso da plataforma *Google Forms*, com o objetivo de conhecer o perfil dos participantes integrantes dessa pesquisa (faixa etária, formação etc.); ii) uma entrevista semiestruturada realizada individualmente com cada professor participante com o uso de *Google Meet*; iii) interações com uso do aplicativo *Whatsapp*, apenas para complementar minhas análises com alguns professores, e também foi pelo *Whatsapp* que foi disponibilizado o convite e foi marcado o dia e horário para a realização das entrevistas. Os estudos foram pautados e conduzidos nas possibilidades de interpretações e no contexto da diversidade de linguagens, culturas e da interculturalidade.

1.4 Os participantes da pesquisa



Ao escolher convidar os professores do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professoras/es de Línguas (GEFOPLE/UEG) para integrar essa pesquisa, cabe ressaltar que apenas um integrante dessa pesquisa não participa desse grupo, o convite foi enviado no grupo de *Whatsapp* do GEFOPLE, acabou sendo compartilhado e esse professor recebeu e se interessou em participar, percebo que minha escolha é guiada por um interesse específico em explorar as práticas locais desse grupo. Reconheço que esses professores têm acesso a discussões e reflexões sobre as temáticas relacionadas à formação de professores de línguas, um privilégio que muitos outros professores podem não ter. Mas também reconheço que essa seleção pode limitar a diversidade de experiências e práticas investigadas na pesquisa, uma vez que há um direcionamento para um grupo específico de professores. E, em minha busca por compreender as complexidades dos letramentos visuais, me questiono: como estender esses aprendizados para além desse grupo selecionado? Como ampliar o alcance dessas reflexões para além de um público privilegiado, para que outros professores também possam se beneficiar dessas discussões?

O GEFOPLE abrange diversos assuntos visando discutir, sobretudo, perspectivas críticas de educação linguística e formação de professores de línguas e também faz parte da

¹² Imagem de Marco Amâncio publicada em 16/12/2021 na página do instagram. <Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CI4bOQcByER/>>Aceso em: 12. Nov. 2022.

Rede Cerrado de Formação Crítica de Professoras/es de Línguas (UFG/UnB/UEG), que integra o Projeto Nacional de Letramentos (USP). A escolha deste público foi devido à minha atuação no grupo de pesquisa, sou integrante do grupo desde a minha graduação, ocasionando assim uma maior abertura para participação dos professores.

O convite para participação neste trabalho, como já mencionado, foi realizado de forma online pelo *Whatsapp* e nele foi explicitado de forma geral os objetivos e a relevância da pesquisa. Para aqueles que concordaram em participar, foi enviado o link para preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) via Plataforma Brasil e executado somente após aprovação pelo CEP. A pesquisa atende às disposições da Resolução CNS nº 466/2012, que trata da ética em pesquisa envolvendo seres humanos, e da Resolução CNS nº510/2016, que regulamenta pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais.

Foi disponibilizado para esses professores um roteiro, no formato de um questionário (via *Google Forms*), a fim de nortear a nossa entrevista, o qual foi subdividido em três temáticas principais (explicitadas no próximo tópico), mas que estava aberto a contar com outras questões que pudessem surgir fora desse roteiro. Nossa entrevista foi realizada no *Google Meet*. Os participantes da pesquisa foram 9 professores de língua inglesa, da rede privada e pública, que atuam em diferentes esferas de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior.

A partir disso, questões foram surgindo e sendo levantadas ao longo da entrevista (individual) com os professores participantes. Tivemos assuntos tais como: i) o uso de TIDCs e imagens nas aulas de inglês; ii) Como era antes da pandemia, como foi durante o período de ensino remoto e como têm sido agora; iii) Quais tecnologias digitais e quais letramentos visuais esses professores utilizavam antes da experiência com o ensino remoto; iv) Quais usaram durante e quais têm utilizado atualmente; vi) o uso de TIDCs e dos letramentos visuais quais são os novos aprendizados para a sala de aula de línguas; vii) os desafios encontrados no ensino remoto e agora com o retorno do presencial.

Para garantir o anonimato e a privacidade dos participantes, optei por referir-me a eles por um nome fictício escolhido pelos próprios participantes.

Desse modo pude identificar algumas das características dos participantes e suas percepções em relação às tecnologias digitais e aos letramentos visuais em suas práticas de educação linguística.

Jota tem mais de 50 anos e atua como professor em uma universidade pública, situada na cidade de Campos Belos-GO. No curso de Letras, é professor da disciplina de língua inglesa

e também orientador no estágio supervisionado de Língua Inglesa. Possui especialização em tradução português e inglês. Seu tempo de atuação nessa universidade é de dois anos. Relatou que trabalhou por muitos anos em Brasília, em um curso particular de inglês. Durante a nossa conversa, disse que nesse período já tinha acesso ao aprendizado de várias TDICs, destacou também que já utilizava muito o *Kahoot* e o *Classdojo*, e no seu ambiente de trabalho era sempre encorajado a utilizar. Jota, relata alguns dos motivos para utilizar os letramentos visuais em suas aulas, ele então acredita que é muito útil, principalmente para os alunos que jamais tiveram contato com a língua alvo, no caso o inglês. E isso é importante para que eles entendam as explicações de forma oral. Jota explica que os alunos têm muita dificuldade para compreender as explicações que ele faz de forma oral e que uso de imagens e vídeos facilita essa compreensão.

Ana tem entre 30 e 40 anos. Seu tempo de atuação na educação é de 20 anos, possui graduação em Letras português/ inglês, é professora de língua inglesa na rede pública, atuando no ensino fundamental do 6º ano ao 9º ano. Considera que tem um bom nível de conhecimento acerca das novas tecnologias e relata que sempre usou muita tecnologia, sempre foi muito “antenada”. Ela destaca que apesar de ter certa afinidade com a tecnologia, nada se compara com o que foi a pandemia. Quanto às tecnologias que utiliza, ela destaca *sites* que possuem *quiz* e jogos em inglês, e o *PowerPoint* para fazer tirinhas, com o propósito de utilizá-las em suas aulas. Em relação às suas experiências com os Letramentos Visuais, ela destaca que o uso deles em suas aulas é bem básico, mas ela acha que é muito interessante e auxilia no processo de ensino e aprendizagem, ela destaca que utiliza muito os *flashcards*, tanto para vocabulário quanto para questões gramaticais pontuais específicas. Ela também acredita que as imagens sempre podem fornecer uma problematização a mais.

Scooby tem entre 30 e 40 anos e seu tempo de atuação na educação é de 12 anos. Tem mestrado em Ensino em Educação Básica, é professora de inglês na rede pública e atua no ensino fundamental do 6º ano ao 9º ano. Scooby destacou que tem uma boa relação acerca das novas tecnologias digitais e tem muita facilidade em utilizar computadores, slides, projetor, música, filmes, tudo isso a favor das suas aulas. E quanto aos letramentos visuais, a professora destaca que acredita que esses textos visuais ajudam de forma muito significativa, principalmente para desenvolver um pensamento crítico.

Matheus tem entre 40 e 50 anos e atua na educação há 20 anos. É mestrando e tem graduação em Relações Internacionais e em Letras. Atua como professor em cursos de pós-graduação e em cursos profissionalizantes. Destacou ter um nível muito bom de conhecimento

relacionado às novas tecnologias digitais e diz utilizá-las com frequência em seu cotidiano. Em nossa conversa, ele relatou um pouco sobre a sua trajetória com as tecnologias, disse que quando começou a trabalhar na educação era muito complicado porque o método que ele utilizava era o método de repetição e que ele utilizava bastante algumas tecnologias disponíveis na época, como o videocassete. Ele disse também que desde então, já observava que os alunos se interessavam muito pela questão da imagem e dos vídeos. Quanto a essa utilização dos letramentos visuais ele relata que visualmente, pelo menos ao seu ver, a questão do aprendizado visual é uma coisa fantástica. E diz que a internet e as tecnologias trazem inúmeras possibilidades de promover uma aprendizagem significativa.

Bia possui graduação em Letras português e inglês, e especialização na área de inglês para crianças. Ela tem entre 20 e 30 anos e possui 8 anos de atuação na educação. É professora de inglês e atua na educação infantil com crianças de 3 anos até 10 anos. Bia relatou que gosta de utilizar as tecnologias digitais e os recursos visuais em suas aulas. Destacou que o letramento visual é algo essencial, principalmente em relação ao aprendizado das crianças, que são extremamente visuais, e o ensino tem que ser muito voltado para aprendizagem lúdica.

Butterfly tem entre 40 anos e 50 anos e seu tempo de atuação na docência é de 24 anos. Ela é formada em Letras e trabalha como professora de inglês na rede pública, atuando no ensino fundamental do 6º ao 9º ano. Ela relatou que sempre procurou trabalhar com músicas e vídeos, com o intuito de dar uma inovada na sala de aula. Em relação à tecnologia, destacou que gosta de utilizar, apesar de ter algumas dificuldades. Ela ressalta que sempre procura aprender mais sobre como manusear as ferramentas e disse que tem uma filha adolescente que a auxilia muito com essas questões tecnológicas, mas também conta com a ajuda de seus alunos. Quanto aos letramentos visuais em suas aulas, a professora relata que utiliza muito, inclusive para montar as suas provas. Segundo ela, gosta de trabalhar com muitas charges que falam sobre *Bullying*. Mas também trabalha com o intuito de que os alunos possam aprender e interpretar o que está acontecendo no mundo, no contexto atual, por isso ela busca as charges mais atualizadas.

Alice tem entre 30 e 40 anos. Ela é estudante de doutorado e professora na rede pública no estado de São Paulo, mas atualmente está na Secretaria de Ensino. Trabalhou durante muitos anos como professora de inglês para crianças, em um bairro situado na periferia de São Paulo, atuou no ensino fundamental nos anos iniciais e finais. Ela considera o seu nível de conhecimento tecnológico bom. Dentre as tecnologias digitais que fazem parte de sua prática como professora de inglês destacou *sites* de interatividade e o *YouTube*. Cabe ressaltar que a

percepção que tive ao analisar a fala dessa professora é que ela tem uma percepção de letramentos voltada apenas para as tecnologias, pois ela fala em relação às experiências voltadas para a sua prática, ela tem a percepção de que os letramentos são uma forma de exclusão e que só são acessíveis para pessoas que tem uma condição financeira melhor. Ela também acredita que a pandemia foi o momento em que isso se tornou mais claro, diante das vivências que ele teve durante esse período.

Maya tem entre 30 e 40 anos de idade e seu tempo de atuação na educação é de dezenove anos. Atualmente é mestranda, trabalha como professora de língua inglesa e portuguesa no ensino fundamental e médio, atua na rede pública e privada. Maya Destacou que tem bom nível de conhecimento acerca das novas tecnologias e as utiliza em suas aulas, mas usa também para jogar, pesquisar, divertir, passar o tempo, ouvir música, ver filmes ou vídeos, manter-se informada, redes sociais e fazer pesquisas relacionadas à tecnologia. E quanto aos letramentos visuais em sua prática, a professora destaca que acha que a interação melhora e facilita a aprendizagem, quando o visual está presente.

Da Silva é professora de língua inglesa e de estágio supervisionado em uma universidade pública. Tem a idade entre 40 e 50 anos, seu tempo de atuação na educação é 24 anos. Disse ter boas experiências com a tecnologia durante a sua trajetória na educação, utiliza o *Canva*, *PowerPoint* e faz uso de *podcasts*. Ela destacou que durante a pandemia aprendeu mais sobre as tecnologias e aprofundou o uso, tem mantido boa parte delas em suas aulas presenciais. Em relação ao uso de letramentos visuais em sua prática, a professora destaca que o visual muda o foco do aluno, tira o aluno da leitura tradicional e pode despertar ali outras habilidades, além de ser mais agradável, por causa da flexibilização, ou seja, usar um vídeo, usar uma imagem, em vez de usar somente a escrita. Segundo ela, desse modo está (pelo menos) tentando desenvolver habilidades que estavam estagnadas.

Todos os participantes relataram que já tiveram experiências com as tecnologias digitais, entretanto, apesar desse contato com a tecnologia, eles relataram sobre as dificuldades enfrentadas durante o período remoto e diante do retorno das aulas presenciais. Cada professor desta pesquisa relatou uma percepção sobre o que é o letramento visual e sobre a utilização deles em suas práticas docentes, vale destacar que alguns professores expressaram maior conhecimento e maior uso acerca dos letramentos visuais, enquanto outros apresentaram na entrevista que utilizam os letramentos visuais de maneiras mais superficiais.

Cabe ressaltar, que como apontado anteriormente, a escolha dos participantes dessa pesquisa não foi feita apenas para que ela fosse bem-sucedida, mas sim para que pudéssemos

refletir e analisar a nossa própria prática. Foi uma oportunidade para reconhecer o lugar em que cada um de nós tem vivências, e como isso influencia na nossa atuação como professores. A escolha desses participantes foi uma forma de investigar a prática do grupo, mas também de nos autoconhecermos e de nos questionarmos sobre o que podemos fazer para melhorar a nossa prática docente. Contudo, é importante destacar que as percepções identificadas durante a pesquisa não definem a prática do professor, que vai além do que consegui analisar nesse estudo e que pode estar em constante modificação.

Tabela 1 – Participantes da pesquisa

Identificação/ Pseudônimo	Idade	Sexo	Tempo de atuação	Grau de formação	Raça
Jota	Mais de 50 anos	Masculino	2 anos	Especialização-Tradução português-inglês	Preta
Ana	Entre 30 e 40 anos	Feminino	20 anos	Graduação em letras português/inglês	Branca
Scooby	Entre 30 e 40 anos	Feminino	12 anos	Mestre em ensino em educação básica	Branca
Matheus	Entre 40 e 50 anos	Masculino	20 anos	Relações Internacionais e Letras	Branca
Bia	Entre 20 e 30 anos	Feminino	8 anos	Especialista	Parda
Butterfly	Entre 40 e 50 anos	Feminino	24 anos	Graduação	Branca
Alice	Entre 30 e 40 anos	Feminino	15 anos	Doutoranda	Branca

Maya	Entre 30 e 40 anos	Feminino	19 anos	Mestranda no programa Língua, Literatura e Interculturalidade (UEG - Câmpus Coralina)	Branca
Da Silva	Entre 40 e 50 anos	Feminino	24 anos	Especialização	Branca

1.5 O material empírico

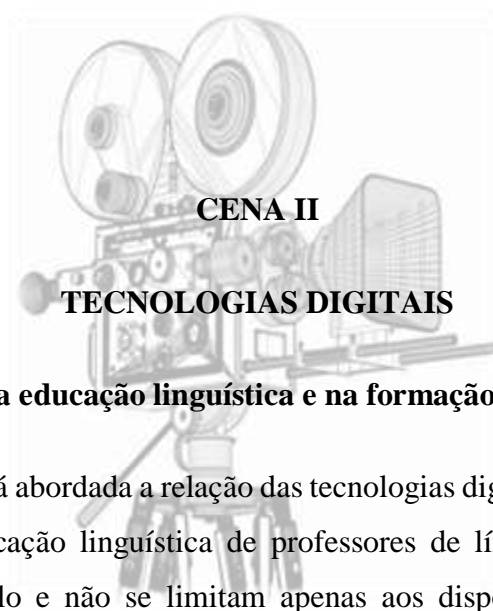
Como já mencionado, o material empírico para essa pesquisa foi construído por meio de um questionário elaborado na plataforma *Google Forms*; e de entrevistas realizadas remotamente pela plataforma *Google Meet* com professores de língua inglesa. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para o arquivo pessoal da pesquisadora. Para nortear as entrevistas eu elaborei um roteiro, o qual abordou três temáticas: i) Uso de TIDCs na educação linguística; ii) Experiências de letramento visual; iii) Funções do letramento visual.

Cabe ressaltar que as perguntas referentes a essas temáticas foram elaboradas com perguntas abertas para que os participantes pudessem explicar suas experiências e expressar suas opiniões e reflexões. Esse roteiro não necessariamente precisaria ser seguido à risca, foi enviado para cada participante com antecedência, tendo como propósito nortear a nossa conversa, na qual os participantes da pesquisa também poderiam expressar suas opiniões e questões fora desse roteiro.

Os procedimentos para a categorização do material empírico foram: i) ouvir os áudios das entrevistas; ii) listar os assuntos abordados; iii) listar trechos que pudessem ser usados para discutir questões relativas aos objetivos da pesquisa; iv) elaborar as categorias de análise a partir dos assuntos mais listados e trechos selecionados.

Para as análises, não utilizei integralmente todas as questões abordadas nas entrevistas, apenas alguns trechos conforme os objetivos buscados neste trabalho. Vale retomar que, seguindo uma perspectiva praxiológica, construí as discussões articulando teorizações e percepções acerca de temas recorrentes nas entrevistas.

Diante do que foi abordado nas entrevistas, foi realizada a transcrição, em forma de texto, de todas as entrevistas que, ao serem dispostas no texto, passaram por adequações a norma padrão, conforme necessário, preservando sobretudo a manifestação linguística de cada participante. A necessidade de realizar as correções ortográficas foi para que a fala dos participantes, quando transcritas e citadas no texto, tornasse a leitura coerente e compreensível.



2.1 Tecnologias digitais na educação linguística e na formação de professores de línguas

Neste capítulo será abordada a relação das tecnologias digitais na educação e a relação delas nas práticas de educação linguística de professores de línguas. Aqui, as tecnologias possuem um sentido amplo e não se limitam apenas aos dispositivos tecnológicos, como

computadores, smartphones, tablets, videogames e etc. Desse modo, é importante compreender que as tecnologias giram em torno da pedagogia dos letramentos.

Para isso, é preciso entender que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) estão relacionadas também com o letramento digital, que se trata da habilidade de compreender e usar as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) de forma crítica. Ribeiro (2020) argumenta que o ensino remoto, impulsionado pela pandemia da COVID-19, evidenciou a necessidade de repensar os modelos tradicionais de ensino, incluindo a valorização dos letramentos digitais. A autora ainda destaca que o letramento digital não se limita ao domínio das ferramentas tecnológicas, mas envolve habilidades mais amplas, como a capacidade de selecionar e avaliar informações, além de compreender e produzir textos em diversos formatos.

Almeida (2017), também comunga da ideia de que as TDICs estão relacionadas diretamente ao letramento digital, compreendendo as tecnologias de maneira crítica, que está para além do uso de um simples dispositivo. A pedagogia dos letramentos, que inclui o letramento digital, é central para a compreensão das tecnologias digitais na educação linguística.

Ribeiro (2020) faz uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos, desenvolvido por um grupo de estudiosos em 1996, o qual propunha uma abordagem mais ampla e diversificada do ensino de língua materna, considerando as diversas formas de linguagem e comunicação, considerando não apenas o texto escrito. Essa abordagem se mostrou ainda mais pertinente no século XXI, quando o avanço das tecnologias digitais ampliou as possibilidades de comunicação e produção de textos multimodais.

Nesse contexto, Ribeiro (2020) propõe uma reflexão sobre os futuros possíveis que as práticas de educação linguística podem redesenhar, levando em conta a crescente importância dos letramentos visuais. Para além do uso ilustrativo das imagens, é preciso considerá-las como elementos semânticos plenos, que contribuem para a construção do sentido do texto.

Assim, é fundamental que os educadores estejam atentos às demandas dos novos tempos, em que a comunicação se dá de forma cada vez mais multimodal e diversificada. É preciso, portanto, ampliar as práticas de letramento para além do texto escrito, considerando a complexidade e a diversidade dos modos semióticos presentes nas diversas formas de comunicação.

Em meio a uma gama de tecnologias encontradas na contemporaneidade é possível fazermos diversas leituras e isso exige de nós, novas habilidades. Cabe ressaltar que nessa

dissertação os letramentos visuais estão relacionados com os letramentos digitais, pois acredito que é por meio deles que aprendemos a ler e interpretar as informações postas e impostas em nossa sociedade e, conseqüentemente, no ambiente digital. De acordo com Lankshear e Knobel (2008), o letramento digital é uma competência necessária para o mundo contemporâneo.

Em resumo, as TDICs são as ferramentas e as plataformas que permitem a troca de informação e a comunicação, enquanto o letramento digital é a habilidade de compreender e usar essas ferramentas de forma crítica e criativa. Portanto, o letramento digital depende das TDICs e conseqüentemente está ligado aos letramentos visuais. Esses termos não são sinônimos, mas sim perspectivas que se completam.

Destaco que o letramento não se trata de uma abordagem metodológica, todavia o letramento visual é fundamental para a aquisição do letramento digital, para que assim, haja uma compreensão efetiva na sociedade digital atual. O letramento visual, que é fundamental para a aquisição do letramento digital, está relacionado diretamente com as tecnologias digitais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Com base nessas referências, posso dizer que a tecnologia tem um papel importante na formação de professores de línguas e no desenvolvimento de habilidades críticas de letramento.

Aqui neste texto, concentro-me no tópico tecnologia, dando ênfase à relação desta com os estudos sobre letramentos visuais, com o propósito de ampliação de reflexões e conhecimentos acerca da relação da tecnologia no ambiente digital. Os letramentos visuais serão abordados no próximo capítulo dessa dissertação, os quais estarão relacionados com a educação linguística. Cabe dizer que os estudos sobre letramentos digitais neste trabalho não serão trabalhados de forma aprofundada, trago esse conceito aqui apenas para relacionar o letramento digital com as tecnologias, pois acredito que seja necessário pensar as tecnologias digitais nas perspectivas dos letramentos.

Neste capítulo, portanto, trarei as análises referente apenas às experiências desses professores de línguas relacionadas com as vivências que dizem respeito às tecnologias digitais e no próximo capítulo será discutido sobre as questões dos letramentos visuais relacionados com as práticas de educação linguística.

Alguns autores foram considerados ao longo desta análise, suas contribuições teóricas foram de suma importância para as discussões aqui realizadas. Para falar sobre a formação de professores, sob a perspectiva dos letramentos e multiletramentos me ancorei nas teorias de autores como Avelar (2021), Cope e Kalantzis (2009 e 2012), Duboc (2017), Freitas e Avelar (2021), Monte Mor (2019), Nunes e Freitas (2021), Rojo e Moura (2012 e 2019) e outros. Para

abordar as questões do ensino remoto, implicações e desafios da educação durante a pandemia, selecionei autores como Passerino (2021), Ribeiro (2020), Sousa Santos (2020) e alguns outros. A respeito das discussões sobre tecnologias digitais para o ensino e ambientes digitais para aprendizagem, considerei as ideias de Almeida (2017), Buzato (2018), Gomes (2018), Kenski (2012), Moran (2013), etc. Sobre o ensino de línguas na perspectiva dos letramentos, Monte Mor (2010 e 2017). E para falar especificamente dos letramentos visuais, temos Ferraz e Tomizuka (2021), Ferraz e Furlan (2019) e Ferraz (2014).

Nas entrevistas realizadas, todos os professores relataram que tem contato com diversas tecnologias, mas que nada se compara ao que vivenciaram durante a pandemia da COVID-19. Considerando o uso das tecnologias digitais na sala de aula de línguas, alguns participantes relataram que já utilizavam algumas tecnologias no período anterior a pandemia. Em relação à não utilização frequente desses recursos antes do período das aulas remotas, os participantes relatam motivos como falta de recursos no ambiente educacional, falta de conexão com a internet e também ausência de experiências significativas com as tecnologias.

Quanto à falta de acesso à tecnologia, o professor Jota relata a sua experiência com a internet durante esse processo de aulas.

Eu mesmo fiquei sem internet várias vezes durante a pandemia, foi um desespero. Depois disso, durante a pandemia, né? Depois de eu apanhar bastante com a internet daqui dessa região, eu comprei esse tablet que eu tô usando para falar com você, eu comecei a gravar vídeos, né é ... na própria tela do computador, então eu ia escrevendo explicando, né? (JOTA, 2022)

A fala do professor Jota aponta para um problema muito comum em muitas regiões do mundo, que é a falta de acesso à tecnologias digitais e, conseqüentemente, à recursos disponibilizados na internet. A dificuldade de acesso à tecnologia digital e à internet durante a pandemia levou muitos professores e alunos a enfrentarem desafios para continuar suas atividades educacionais. Segundo dados da UNESCO (2021), cerca de 1,6 bilhão de estudantes em todo o mundo foram afetados pela pandemia, com muitos enfrentando desafios devido à falta de acesso à tecnologia e à internet.

O ensino remoto no período da pandemia foi, portanto, repleto de desafios. O professor Jota encontrou uma solução criativa para continuar a ensinar, mesmo sem acesso constante à internet. Ele comprou um tablet e começou a gravar vídeos, escrevendo na própria tela do computador para explicar os conteúdos aos alunos. Essa iniciativa demonstra a importância da criatividade e da adaptação em situações de crise, como a pandemia.

O relato do professor Jota é relevante para a pesquisa sobre letramentos visuais na educação linguística, pois destaca a importância da tecnologia e da internet como fortes aliadas para o ensino de línguas, uma vez que, o professor se viu diante de um obstáculo que o “impedia” de ministrar suas aulas com eficácia e decide então, fazer aquisição de dispositivo, o qual foi de grande valia para que o processo de ensino aprendizagem de fato acontecesse, ou seja, esse fato deixa claro a proatividade do professor em buscar melhorias para sua prática docente, ele se dispôs de muita criatividade e até mesmo disponibilidade para aprender a utilizar tal tecnologia, em prol de seu fazer pedagógico.

Ao mesmo tempo, a declaração ressalta a importância de considerar as desigualdades no acesso à tecnologia e à internet, especialmente em áreas rurais ou periféricas. A partir disso, é possível inferir a necessidade de pesquisas que considerem as implicações sociais, econômicas e geográficas da falta de acesso à tecnologia e à internet na educação.

Quanto à utilização das tecnologias digitais antes e durante do período pandêmico, o excerto a seguir da professora Da Silva explica sobre a ampliação no uso.

As tecnologias digitais eu já usava antes mesmo do ensino remoto. E aí durante o ensino remoto eu aprimorei algumas coisas... eu inseri, né? Que eu ainda não trabalhava, como, por exemplo, o Google Classroom, que eu não trabalhava ... o Google Meet. Eu comecei a entender melhor as funções que ele tinha neste período de ensino remoto, porque no início o Meet que eu usava tinha várias funções, que ajudaram muito nesse período. Mas então assim, me inteirei mais em relação a como funcionava essa plataforma. (DA SILVA, 2022)

As reflexões feitas pela participante trazem o relato que a partir da pandemia da COVID-19 no ano de 2020 e 2021, os professores tiveram que utilizar plataformas digitais e as aulas/interações foram todas realizadas remotamente. Essa percepção relatada por ela ressalta o aprimoramento das tecnologias digitais durante esse período de pandemia, cabe ressaltar também, que a participante diz que antes desse período já utilizava em sua prática as tecnologias digitais.

FIGURA 7: Algumas plataformas digitais.



Fonte: https://www.cenpec.org.br/wp-content/uploads/2020/06/tutorial_banner.png

Outro participante, o professor Matheus, também relata uma experiência semelhante e diz que a pandemia, de certo modo, acelerou o processo de adaptação às tecnologias, pois estas eram algo que já estava disposto no campo da educação, porém, ainda pouco considerada. Segundo ele, é possível considerar um avanço, na perspectiva de uns 10 anos, a mais, pois a tecnologia já estava em processo de implementação no ensino, mas não de forma tão ampla e intensa quanto agora.

Está sendo tudo através da tecnologia, Meet, Zoom, Colaborate, e outros dispositivos. Então acho assim, a pandemia (...) é estranho o que eu vou falar, mas, as pessoas às vezes não entendem que eu tô te dizendo. Uma vez, até um professor falou assim: “não teve nada de bom”, mas de todo ruim a gente tira alguma coisa boa. E a tecnologia são essas inovações tecnológicas, que tangem a educação. (MATHEUS, 2022).

Embora o professor Matheus deixe bem claro, a importância de considerar as tecnologias no âmbito educacional, sua fala também aponta para uma ambiguidade em relação ao uso da tecnologia na educação. Enquanto para alguns professores a tecnologia pode ser vista como uma aliada, para outros pode ser vista como algo problemático. O professor Matheus

menciona um colega que afirmou que "não teve nada de bom", enquanto ele, afirmou que "de todo ruim a gente tira alguma coisa boa", que foi o que ele considerou ter acontecido durante a pandemia.

A forma como a tecnologia é utilizada e o papel do professor na mediação desse processo pode influenciar o tipo de conhecimento que é construído na sala de aula. Nesse sentido, a fala do professor Matheus traz à tona a necessidade de uma reflexão crítica sobre a relação entre tecnologia e educação, considerando os desafios e as possibilidades que essa relação pode apresentar, levando em consideração as diferentes perspectivas e experiências dos sujeitos envolvidos.

Desta maneira o professor relata que o uso de mais tecnologias amplia aprendizagem. E também a questão da tecnologia como facilitadora da aprendizagem. O ensino remoto promoveu uma agilidade, uma frequência maior do uso de tecnologia digital.

Quanto a essas experiências na pandemia relacionada às vivências com as tecnologias no ambiente digital, Freitas e Avelar (2021, p. 107) afirmam que,

[...] as experiências com os ambientes digitais são necessárias e urgentes. Não só sobre tecnologias digitais, que, embora já estejam no dia a dia da sociedade contemporânea, ainda não foram integradas e percebidas, neste aspecto, pela escola. Entendemos que ter experiências com os ambientes digitais e refletir sobre elas criticamente provoca uma mudança de paradigma, ou seja, um novo olhar para as aulas de línguas. (FREITAS e AVELAR, 2021, p.107).

As autoras trazem importantes reflexões sobre as experiências com os ambientes digitais na educação. A pandemia forçou a aceleração do uso dessas tecnologias e muitos professores e alunos se viram obrigados a se adaptarem a um novo ambiente de ensino e aprendizagem. Como elas dizem, é necessário refletir criticamente sobre essas experiências e integrar as tecnologias de forma mais consciente na prática pedagógica. Além disso, a pandemia também revelou a desigualdade no acesso à tecnologia, com muitos alunos sendo excluídos do processo de aulas remotas por falta de condições econômicas ou tecnológicas. Essa exclusão resultou em desigualdades educacionais significativas e pode ter efeitos duradouros na vida desses alunos. Portanto, é importante que a implementação de tecnologias na educação seja acompanhada por políticas e iniciativas que garantam a inclusão digital de todos os alunos, independentemente de sua situação socioeconômica.

Ainda sobre o uso das tecnologias digitais na educação, Pretto (2013) argumenta que a mera disponibilidade de tecnologia não é suficiente para garantir o sucesso de sua utilização

na educação. É preciso uma reflexão crítica sobre como essas tecnologias são usadas, considerando tanto as potencialidades quanto as limitações dessas ferramentas. Além disso, é necessário um olhar atento às desigualdades sociais que podem afetar o acesso e a utilização das tecnologias, como apontam os relatos dos professores Jota e Matheus.

Apesar de os participantes da pesquisa relatarem que o período da pandemia foi um período muito difícil na educação, também relatam que foi um momento de expansão de perspectiva, sobretudo relacionada às experiências que envolvem tecnologias digitais. Da Silva diz que

A partir do momento em que eu consigo lidar bem com as ferramentas digitais, eu pesquiso mais ... e descobrir mais sobre a língua, sobre outros aspectos também, que podem ajudar no ensino e no aprendizado, né? Eu tenho alguns alunos que começaram a fazer cursinho por aplicativos, pelo aplicativo Duolingo, utilizam esse aplicativo desde o período remoto até agora, então assim, como já tava tudo de forma remota, eu penso que eles tentaram aproveitar da melhor maneira possível, né? E eu percebo que houve mais pesquisa, mais busca, né? (DA SILVA, 2022)

Assim, como aponta a participante, o contato com as ferramentas digitais proporciona momentos de reflexão e expansão de conhecimento relacionado com a linguagem, que podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. É também o momento de advento da tecnologia, da internet e da utilização de muitas plataformas, aplicativos, sites. Segundo a professora, durante esse período em que os acadêmicos estavam com aulas no formato online, houve por parte de seus alunos uma busca pelo conhecimento por meio do aplicativo *Duolingo*, um aplicativo de aprendizado de idiomas (não somente o Inglês), o qual vem se tornando uma grande empresa nos últimos anos e atualmente tem a opção de certificação de proficiência no idioma estudado, aceita por instituições no mundo todo.

13



¹³ Interface inicial do Duolingo. Fonte: Arquivos da pesquisadora.

14



O *Duolingo* é altamente visual, ele trabalha com imagens. Em que crianças e adultos podem aprender diversas línguas através do aplicativo. Então é um aplicativo que trabalha com a tecnologia, e utiliza muitas imagens. Assim, ela destaca que durante esse período ela percebeu em seus alunos o desejo de buscar e expandir seus conhecimentos.

É importante ressaltar que o *Duolingo* é uma das chamadas "*big techs*" que têm ganhado cada vez mais espaço no mercado educacional. Essas empresas, muitas vezes, têm como objetivo principal o lucro, o que pode levar a uma priorização de interesses comerciais em detrimento da qualidade do ensino. É preciso questionar, portanto, de que forma o uso desses aplicativos pode afetar o aprendizado de uma língua estrangeira a longo prazo, já que muitas vezes se baseiam em um modelo de ensino padronizado, que não leva em consideração as particularidades e necessidades individuais dos alunos.

Outra questão a ser levantada é a relação entre o *Duolingo* e a comodificação da educação. Ao utilizar um aplicativo comercial para aprender uma língua, muitas vezes sem o auxílio de um professor ou de um ambiente de aprendizado mais completo, estamos assumindo

¹⁴ Interface de uma atividade de tradução. Fonte: Arquivos da pesquisadora.

uma postura de consumidores, em que a educação se torna mais um produto a ser adquirido no mercado. Isso pode levar a uma redução da complexidade e da riqueza do processo de ensino-aprendizagem, que muitas vezes envolve muito mais do que simplesmente memorizar palavras e frases.

Dessa forma, é importante considerar as possibilidades e limitações do uso do *Duolingo* e outras ferramentas tecnológicas na aprendizagem de línguas estrangeiras, levando em conta não só os aspectos pedagógicos, mas também as dimensões sociais, políticas e econômicas envolvidas.

A professora Da Silva relatou na entrevista que essa experiência com as tecnologias durante o período remoto proporcionou aos alunos um maior aprendizado, principalmente referente ao letramento digital. Ela relata que o uso das TDICs proporcionou esse letramento digital,

Nossa, trouxe muitos aprendizados, principalmente o letramento digital, né? Eu vejo que 90% das pessoas passaram por um letramento digital durante esse período de aulas remotas, em relação aos alunos que eu trabalhava. E eu também passei, né? Por esse letramento digital, então por meio desse tipo de letramento, muitos outros conhecimentos podem surgir, né? (DA SILVA, 2022).

Conforme Soares (2002), o letramento pode ser entendido como a capacidade de usar a linguagem de maneira eficaz em contextos sociais diversos. Já o letramento digital, como destaca Gomes (2018), refere-se à competência que o indivíduo possui para utilizar e produzir informações por meio das tecnologias digitais. A afirmação da professora Da Silva de que ela e 90% de seus alunos passaram por um processo intenso de letramento digital durante o ensino remoto comprova um impacto positivo do ensino remoto na formação dos alunos e professores. Considerando a era digital em que vivemos, é essencial que a educação linguística promova a incorporação no processo de ensino e aprendizagem de habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento de agência e cidadania na sociedade contemporânea.

Portanto, é possível afirmar que o letramento digital propiciado pelo uso das TDICs, durante o período remoto pode ter sido uma experiência valiosa para alunos e professores, pois além de auxiliar na continuidade do processo educacional, pode ter contribuído para a formação de indivíduos mais preparados para atuarem na sociedade digital em que vivemos.

Uma outra percepção semelhante é demonstrada pela participante Ana, que relata sobre o dinamismo e praticidade das aulas online:

E agora com o ensino presencial eu sinto falta, porque algumas coisas no ensino remoto dinamizaram bastante. Então eu tô aqui, por exemplo, dando aula para vocês de língua inglesa, aí eu lembro de uma referência. Eu abro uma aba aqui de imagens e eu já te mostro. Lá na sala de aula [presencial] para eu fazer isso, eu tenho que reservar o data show, tem que esperar alguém ir lá pegar e voltar, eu tenho que ter todos os recursos disponíveis. Aí eu penso nossa, mas só para mostrar uma imagem, será que eu faço essa correria toda? Então às vezes eu acho que é desanimador o processo assim, porque dá trabalho, né? E também tem a questão que perde tempo né dá aula, né? Que já é pouco, né? Porque em inglês só tem uma vez na semana, né? Então vamos imaginar que eu saio da sala dos professores para usar na terceira aula o data show e ele me acompanha nessas duas primeiras aulas. Então, eu sinto falta do dinamismo que o uso dessas tecnologias [digitais] traziam para a gente e, de maneira geral, até de uma imagem no vídeo que às vezes eu vou mostrar um chat, um “videozinho” e uma musiquinha, aí eu penso que é melhor cantar. (ANA, 2022)

Há um tempo, o livro didático era o recurso mais usado, às vezes o único, e que o uso das TDICs trouxe muitas novas possibilidades para a sala de aula, ou seja, esse dinamismo e fluidez apontado na fala da professora participante, só é possível hoje, com o avanço da tecnologia. Essa percepção de Ana, portanto, indica alguns aspectos muito positivos do uso das tecnologias digitais no ensino de línguas, que são a ampliação dos recursos didáticos e em particular a dinamicidade e a praticidade que eles podem proporcionar às aulas.

A respeito do uso das tecnologias digitais em sala de aula, a professora Ana relata que o ensino remoto promoveu uma maior dinamização do ensino e uma maior facilidade de utilizar as tecnologias digitais durante o ensino remoto. A professora Ana relata que teve a percepção de acordo com as suas vivências, de que o uso das tecnologias ampliou a aprendizagem de seus alunos.

A professora Ana relata que o ensino remoto proporcionou maior dinamicidade ao ensino e maior facilidade em utilizar as tecnologias digitais durante o ensino remoto. Ela destaca que o uso dessas tecnologias ampliou a aprendizagem de seus alunos. Entretanto, ela observa que, durante o ensino presencial, sente falta dessa dinamicidade e da facilidade de utilizar as tecnologias, que exigem um tempo maior de preparação para a aula e requerem equipamentos específicos, como o data show.

Segundo Buzato (2018), o uso das tecnologias digitais em sala de aula pode ampliar as possibilidades de interação e colaboração entre professores e alunos, bem como oferecer mais recursos e ferramentas para a exploração de diferentes gêneros textuais e linguagens. Além disso, como destaca Da Silva, as aulas remotas também puderam propiciar o desenvolvimento

de habilidades de letramento digital nos alunos, que se tornaram capazes de utilizar as tecnologias digitais, em prol do conhecimento.

No entanto, Ana também destaca alguns desafios do uso das tecnologias digitais, como a necessidade de preparação prévia dos recursos, uma vez que as aulas de inglês na escola é de apenas 50min, uma vez por semana. Segundo ela, ter que ir em busca dos dispositivos e materiais, antes de iniciar a aula, acaba tomando um pouco mais de tempo. Outro desafio, que é um contraponto, é o fato de que o ensino remoto acaba causando uma dependência de equipamentos e dispositivos, tanto para professores como para os alunos, e também, o fato da dificuldade em estabelecer a mesma interação e engajamento dos alunos que seriam possíveis em aulas presenciais. Esses desafios são discutidos por diversos autores, como Warschauer e Matuchniak (2010) e Buzato (2018), que alertam para a importância de um planejamento cuidadoso das atividades e materiais didáticos, bem como da capacitação dos professores para a utilização adequada das tecnologias digitais em sala de aula.

Assim, a declaração de Ana nos leva a refletir sobre a importância de um uso crítico e reflexivo das tecnologias digitais no ensino de línguas, de forma a explorar seus potenciais recursos e ferramentas, mas também saber lidar com seus desafios e limitações. Além disso, destaca a necessidade de se repensar as práticas pedagógicas a partir da incorporação das tecnologias digitais, considerando suas implicações no desenvolvimento de habilidades de letramento digital e nas dinâmicas de interação e colaboração em sala de aula.

Outra participante dessa pesquisa também aponta sobre essa facilidade de utilizar as tecnologias durante o período remoto,

Quando a gente se volta para o presencial, eu passo, claro! Eu perco no sentido de que eu já não tenho mais essa facilidade de projetar qualquer momento, porque eu não tenho Datashow em todas as salas na prefeitura. Como é que funciona? Você pega, reserva o Datashow, ou então você leva. Então, não tá lá a disposição, não é somente eu chegar e decidir. (ALICE, 2022)

Acredito, portanto, que as tecnologias são um meio possível para auxiliar o professor e os alunos, elas podem ser uma grande aliada nos processos de ensino e aprendizagem. Contudo, trago a tecnologia aqui neste trabalho como uma possibilidade e não como uma solucionadora de problemas referentes ao ambiente educacional, pois acredito que os impasses vivenciados na educação estão ligados a questões que vão além dos muros da escola, a educação não se constitui sozinha, o conhecimento advém de práticas e ações conjunta.

Desta maneira, Moran (2000) destaca que os professores têm à sua disposição, uma série de opções metodológicas e outras várias possibilidades para apresentar e introduzir um tema, portanto, a formação de professores, sob a perspectiva dos letramentos visuais, digitais e da educação linguística crítica, deve ser vista com um olhar atento e sensível.

Embora todos nós tenhamos vivenciado a mesma pandemia, enfrentado problemas semelhantes, no que tange a educação, após as entrevistas pude refletir e identificar várias divergências entre os professores participantes, no que diz respeito à forma como lidaram com os obstáculos. Alice, por exemplo, relata demandas extras e dificuldades com as tecnologias digitais.

Para muitos colegas foi assim: “Nossa, que legal, agora eu vou usar internet, vou aprender a usar”. Para mim, eu estava num outro momento... Assim, antes eu não tinha que descobrir o que era um login, eu não tinha que descobrir qual era a diferença de usar os aparelhos da Microsoft e das senhas da Google. Eu fui descobrir coisas sobre como gravar vídeos, como dinamizar e diminuir o tamanho dos meus vídeos, para que eles coubessem no WhatsApp. (ALICE, 2022)

Tal reflexão, narrada por Alice, quanto ao uso de tecnologias digitais no período de aulas remotas, pode ser caracterizada pela falta de habilidades de alguns professores para lidar com elas, ou até mesmo, falta de interesse em lidar com as tecnologias. Ao mesmo tempo, as informações narradas pela integrante suscitam a ideia de que essa falta, também pode estar relacionada com a ausência de vivências com tecnologias digitais durante a sua formação como docente de línguas. Pesquisas como a de Freitas (2019), apontam para essa problemática nos cursos de licenciatura em Letras. A autora fala sobre essa problemática enfrentada nos cursos de formação, abordando a falta de experiências significativas com a tecnologia, para além da ferramenta na universidade. Então, durante as vivências na universidade, os acadêmicos não aprendem ou não tem contato com as tecnologias, ou as vezes até tenha, mas ocorre de maneira superficial.

Durante as entrevistas, alguns professores relataram que seus colegas, professores com mais idade, tiveram maior dificuldade em lidar com as aulas remotas. Conforme relata a participante Ana, “*teve professores que a gente tinha que gerar o link e mandar para eles, porque eles não sabiam gerar o link das aulas, então, aprender a mexer com isso, eu acho que foi mais difícil*”. Essa questão vivenciada por essa professora traz indícios de que os professores mais velhos têm mais dificuldades relacionadas às questões tecnológicas e os professores mais

novos têm mais facilidade, (porém, isso não é uma regra) cabe ressaltar que isso é muito relativo e não se trata de um fator determinante.

Prensky (2001) cunhou o termo de nativos digitais que são aqueles que nasceram e se desenvolveram em um ambiente dominado pelas tecnologias, ocasionando assim na familiaridade com o ambiente digital. No entanto, há estudos atuais (e eu corroboro com a ideia) que consideram nativos digitais, todas as pessoas que estão imersas na sociedade digital e dominam/fazem uso das tecnologias, (independentemente da idade) não necessariamente que tenham nascido na era digital. Do mesmo modo, acontece também o contrário, pessoas que nasceram na era digital, mas que por algum motivo é, em geral, a possibilidade de acesso por questões financeiras, não fazem parte de nenhuma comunidade que faz uso de tecnologias, ou seja, não estão imersos no mundo digital, automaticamente, não podem ser considerados nativos digitais, serão imigrantes quando passarem a ter o acesso.

A professora Scooby relata um episódio sobre esse fato relacionado às tecnologias com um público de alunos mais velhos e alunos mais novos,

Eu dou aula à noite na prefeitura, os que estudam a noite, que são mais velhos, têm uma resistência muito grande com a tecnologia. Para eles, o que funciona é o quadro, o caderno e o lápis, então tudo que foge do caderno, lápis e quadro, eles possuem muita resistência. Agora os alunos de manhã, eu acredito que eles já desenvolveram as habilidades necessárias para fazer leitura de qualquer texto multimodal, a partir deles mesmo, né? Assim eles têm muita facilidade em relação a essas questões, eles sabem fazer meme, eles sabem fazer fanfic, eles conseguem fazer isso tudo pelo celular. Se você pede pra eles fazer uma revista, um meme, uma charge, tudo eles sabem fazer pelo celular. Tudo em segundos, então eu acredito que os alunos mais novos, eles já têm as habilidades necessárias, assim, na minha visão. Agora já para o grupo EJA, que não tem contato contínuo com as tecnologias, que igual eu falei, é o caderno, o lápis e o quadro, então, para eles eu acredito que tem que ser trabalhada a habilidade de como fazer, acredito que tem que ter passo a passo, né, ensinar o que é um meme, por exemplo, como faz o meme. (SCOOBY, 2022)

A resposta da professora Scooby destaca a diferença de habilidades e resistências em relação ao uso de tecnologias digitais entre alunos mais velhos e mais novos. Ela observa que os alunos mais novos já desenvolveram habilidades necessárias para utilizar diferentes recursos digitais, como memes, fanfics e charges, enquanto os alunos mais velhos podem ter maior resistência e preferência pelo uso tradicional do caderno, lápis e quadro. Ela ressalta a importância de ensinar passo a passo como utilizar as tecnologias digitais, principalmente para o grupo EJA, que pode não ter tanto contato com elas no dia a dia.

O professor Matheus também traz um relato semelhante, a respeito de suas vivências, essa questão da idade dos alunos relacionadas às habilidades e experiências com as tecnologias, também acontece nas aulas dele.

Enfim, a gente vê uma inversão disso quando já é no curso superior, por exemplo, quando eu dou aula de literatura inglesa para pós-graduação, eu dou aula utilizando somente a língua inglesa porque eu pego todos os grandes escritores. E nossa aula é toda em inglês. Eles, por exemplo, já gostam mais do texto. Eles não gostam muito dessa ideia do vídeo etc. Então eles falam que perdem muito tempo nessa questão. E aí a gente começa utilizando muito por exemplo o Padlet, né, o Kahoot! e a gente deixa as tecnologias, mais numa coisa mais em casa. Em sala de aula, eles gostam de imersão, né, conversação, de imersão mesmo inglês, então eu vejo essa diferença, né? Os jovens gostam mais, assim como está o Instagram, que é mais para jovens, e os mais velhos gostam mais de Facebook, A gurizada gosta muito de imagem, eles gostam muito de movimento, eles gostam muito da impressão visual que a tecnologia traz, e isso de maneira muito legal. (MATHEUS, 2022)

A partir desse relato, o professor Matheus tem a percepção de que a questão da tecnologia está relacionada à idade e ao público em questão. São alunos mais velhos e eles preferem utilizar as tecnologias em casa, e na universidade preferem utilizar a conversação. Os alunos não veem a tecnologia como uma possibilidade de aprender a língua e muito menos para discutir outras temáticas. Matheus também relata que o digital é algo mais interessante para os alunos e que os alunos mais novos se interessam mais pelo visual.

Quanto aos aspectos de aprendizagem envolvendo tecnologias digitais, o relato do professor Matheus em nossa entrevista, indica uma percepção de que a tecnologia possui uma possibilidade de inclusão.

Então, por exemplo, eu falo sete línguas ... mas cada um aprende de um jeito, então assim não há um jeito certo, existe um jeito que serve para você, e isso essas novas tecnologias vem com muita força, trazendo uma opção para quem não se adapta ao modelo tradicional, ou não se adapta ao modelo X, então eu tenho “n” modelos, né “n” metodologia que eu posso utilizar conforme a necessidade, inclusive de inclusão do meu aluno que tem algum tipo de deficiência, algum tipo de problema que faz com que ele não consiga assimilar a metodologia normal... há problemas demais. (MATHEUS, 2022)

A afirmação do professor Matheus sobre a possibilidade de inclusão por meio das tecnologias é um ponto importante a ser considerado no contexto da educação. Segundo Kenski (2012), as tecnologias digitais podem ser utilizadas para atender às necessidades de

aprendizagem individuais dos alunos, possibilitando a inclusão, independentemente de suas características e habilidades.

Nesse sentido, é possível utilizar diferentes recursos tecnológicos para promover a acessibilidade e a inclusão de alunos com deficiências e necessidades educacionais especiais. Segundo Passerino et al. (2021), as tecnologias digitais podem ser utilizadas para desenvolver atividades de aprendizagem inclusivas e acessíveis, por meio da adaptação de conteúdo, do uso de ferramentas de comunicação, da interação social, entre outras estratégias.

É importante destacar que, apesar das possibilidades de inclusão que as tecnologias oferecem, é necessário um planejamento cuidadoso e uma abordagem pedagógica adequada para que elas possam ser utilizadas de forma efetiva. De acordo com Moran et al. (2015), a tecnologia deve ser vista como uma ferramenta para apoiar e enriquecer as práticas pedagógicas e não com um fim em si mesma.

Assim, é fundamental que os professores estejam preparados para utilizar as tecnologias de forma consciente e reflexiva, buscando sempre adaptar sua prática educativa às necessidades e características dos alunos, de forma a promover a inclusão e a diversidade na sala de aula.

A partir desses relatos, cabe destacar a relação entre as experiências de vida e o uso de tecnologias digitais, que envolvem vários fatores como faixa etária, tempo de atuação etc., mas é importante ressaltar que esses fatores não são determinantes. Ser nativo digital pode facilitar, ter mais idade pode dificultar, mas não são determinantes (AVELAR, 2021).

Um dos integrantes desta pesquisa relatou um episódio, o qual descreve a sua experiência com tecnologia no início de sua carreira como docente. Matheus relata que quando começou a lecionar,

Era muito complicado, porque o método que a gente utilizava era o método de repetição. Eu sou professor há 20 anos, então as experiências tecnológicas que a gente tinha eram por vídeo cassete, fone de ouvido, então era aquele programinha que eu acho que quase todo mundo que começou a dar aula há mais 10 e 15 anos tinha. Então, nós não tínhamos muita tecnologia, na verdade, a única tecnologia era essa relacionada ao áudio e vídeo, e isso era muito caro. Então tinha umas fitas cassetes, enfim, o vídeo cassete que ajudava nas aulas, e naquela época a gente já via que os meninos se interessavam muito pela questão da imagem de vídeos, então eles interagiam muito mais do que necessariamente com livros. (MATHEUS, 2022)

Percebe-se que a experiência do professor com as tecnologias disponíveis naquela época (fita cassete, videocassete, fones de ouvido) possibilitou uma percepção positiva em relação ao uso delas nas aulas de línguas. Se a experiência de ensino de línguas tivesse sido somente com uso de livro didático nas aulas, provavelmente a percepção seria diferente.

FIGURA 8 : Evolução Tecnológica



Fonte: <https://www.metodista.br/ead/rea/wpcontent/uploads/2016/04/Evolu%C3%A7%C3%A3o-1.jpg>

Cabe destacar que esse processo que emerge da relação com as tecnologias propiciou a esse professor, vivências únicas e uma ampliação de suas perspectivas relacionadas a aprendizagem de línguas, sob essas experiências destaco a relação da diversidade de linguagens, que as tecnologias nos proporcionam, ele também destaca a percepção de que os alunos despertaram maior interesse relacionado a esse contexto tecnológico. Sobre isso, Monte Mór (2017) destaca o processo de ensino a partir do mundo digital, o qual traz a possibilidade de ampliação de perspectivas,

[...] a flexibilidade e a riqueza da multimodalidade — linguagens dos/das imagens, sons, tons, cores, corpos, gestualidades, emoções — amplamente viabilizadas pelos recursos digitais, podendo vivenciá-la

em suas criações comunicativas, nas quais podem extrapolar o paradigma da ordem alfabética do letramento convencional. (MONTE MÓR, 2017, p. 279)

FIGURA 9 : As mudanças sociais.



Fonte: <https://i0.wp.com/blog.portaleducacao.com.br/wp-content/uploads/2021/04/448-Evolucao-Tecnologica-e-as-mudancas-sociais.jpg>

No que diz respeito ao uso de TDICs nas aulas de línguas, a participante Da Silva destaca que já tinha um contato significativo com as tecnologias antes do período remoto. Então, ela diz que aprimorou algumas coisas e inseriu o que ainda não trabalhava como, por exemplo, o *Google Classroom*. A participante complementou que,

a pandemia foi um período de avanço. Eu considero, nesse sentido, porque eu conheci mais coisas, né? Fui além do que eu já usava e agora eu mantenho algumas coisas... o Classroom, eu não dispensei, além dos outros aplicativos que eu também usava [no ensino remoto] ... que era o Canva, especialmente o Canva, eu usava muito para montar as atividades em grupo, né? (DA SILVA, 2022)

A participante Da Silva partilha da mesma percepção de outros integrantes dessa pesquisa, pois acredita que a pandemia possibilitou uma ampliação de possibilidades didáticas

com o uso de tecnologias digitais em sala de aula. Ela relata que as vivências proporcionadas durante o ensino remoto foi um momento, apesar de tudo, de muitos aprendizados e reflexões. Sobre isso, Monte Mór (2019) advoga que as experiências no ambiente digital a partir das interações que ali acontecem, resultam em uma expansão de suas vivências, pois permite que os professores revisem e ampliem “as perspectivas sobre linguagem, comunicação, cultura, diversidade, poder, construção de conhecimento, construção de sentido, formas de participação e interação, agência, cidadania, língua, cultura” (MONTE MÓR, 2019, p. 323).

Eu acho assim ... dois anos de pandemia, dois anos de ensino remoto, as coisas não tem como voltar a ser o que era antes. Eu acho que isso é impossível, porque foram dois anos trabalhando com essas formas de ensinar e tanto professor quanto aluno, conseguiram se adaptar bem. No meu caso, eu percebo que consegui me adaptar bem, então eu não vejo motivo para descartar tudo que vivemos assim, sabe? de um dia para o outro. (DA SILVA, 2022)

Nota-se que a percepção de Da Silva sobre experiência com o uso das tecnologias digitais no ensino remoto foi positiva e isso foi determinante para ela continuar após o retorno das aulas presenciais. As experiências com as tecnologias citadas pela participante da pesquisa e a forma positiva como ela traz suas vivências, evidenciam a relevância do envolvimento do professor e aluno, enfatizando essas experiências significativas de interação e de colaboração mediadas pelas tecnologias digitais. Sobre essa reflexão, Freitas e Avelar (2021, p.106) destacam que

A leitura do e no mundo digital aponta para epistemologias que compreendem não só o contexto tecnológico que constitui a sociedade em redes, mas também as relações estabelecidas entre as pessoas, que estão além do conhecer e utilizar. Esse contexto se refere a uma concepção de linguagens por meio da tecnologia, seja a ilustrada no mural digital ou no jogo, como prática social; e de formação crítica de professores, a partir das problematizações possíveis em interações com temática diversa. (FREITAS e AVELAR, 2021, p. 103)

Nessa reflexão, as autoras abordam sobre a expansão de perspectivas por meio das tecnologias, bem como a relação que a tecnologia traz para além do contexto tecnológico, portanto, a tecnologia é também uma forma de linguagem, assim é possível que possamos problematizar questões diversas por meio dela. A tecnologia foi bastante útil e utilizada durante as aulas remotas, ocasionadas pela pandemia da Covid-19, com isso se tornou uma grande aliada para que as aulas acontecessem neste período tão difícil enfrentado por todos. Apesar

dos vários benefícios trazidos pela tecnologia, é importante também destacar as dificuldades encontradas durante esse período.

Quanto aos aspectos relacionados com os desafios tecnológicos, o professor Matheus destaca um dos maiores desafios enfrentados por ele, que foi relacionado ao acesso às tecnologias e às questões de saúde mental que o período da pandemia trouxe.

O grande desafio acredito não foi em si a tecnologia, mas foi a questão da navegação, dar uma aula pelo WhatsApp. Como é que é isso? Como é que você consegue? Outro grande desafio, acho que foi conciliar o meu tempo, o meu tempo professor do meu WhatsApp pessoal, né, do meu WhatsApp profissional. E teve muita gente que não teve oportunidade de ter um [WhatsApp] profissional. Reconciliar também saúde mental durante esse processo [foi desafiador] muitos professores abandonaram a profissão durante esse processo, tive vários colegas que desistiram da docência e acho que o grande desafio é retornar, não sei, mas eu acho que a gente perdeu um pouquinho a pegada. (MATHEUS, 2022)

No que diz respeito à conciliação do tempo, os professores foram sobrecarregados com o aumento da carga horária e a necessidade de adaptar as aulas para o formato digital. De acordo com Rienties et al. (2020), essa sobrecarga pode ter impactos negativos na saúde mental dos professores, especialmente em relação ao esgotamento e ao estresse. Além disso, a falta de treinamento e de suporte técnico adequado também pode agravar esses problemas.

Sobre a questão da saúde mental, o professor Matheus destaca a desistência de colegas da docência durante o processo. A pandemia intensificou uma demanda que é a necessidade de se considerar os aspectos emocionais dos professores e de se oferecer suporte adequado. Segundo Liu et al. (2021), a saúde mental dos professores pode ser afetada por diversos fatores, como a incerteza, a falta de contato social e a sobrecarga de trabalho. Portanto, é fundamental que as instituições de ensino ofereçam suporte psicológico e programas de bem-estar para os professores.

FIGURA 10: A importância do olhar atento para a Saúde Mental.



Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/4f/25/8d/4f258d6928bf02a872e5e78f18309667.jpg>

O relato do professor Matheus nos mostra a importância de se considerar não apenas os aspectos técnicos, mas também os aspectos sociais e emocionais da utilização das tecnologias na educação. A pandemia evidenciou a complexidade e a importância de se oferecer suporte adequado aos professores, para que eles pudessem lidar com os desafios da educação digital de forma saudável e produtiva.

A participante Da Silva relata que o ensino remoto trouxe uma percepção de perspectivas jamais vivida.

Nem eu pensava, nem vocês pensavam, né? Tá vendo ... poderia ter sido diferente. As distâncias são encurtadas, então essa é para mim uma das maiores vantagens, dessas distâncias serem encurtadas. Eu posso participar de um evento em São Paulo sem sair daqui, como eu participei esses dias, né? Ter acesso a palestras que são maravilhosas, que eu não teria acesso. Se fosse só presencial, não teria muitas vantagens. (DA SILVA, 2022)

A participante Da Silva traz um relato interessante sobre como o ensino remoto pode encurtar as distâncias, permitindo que os estudantes possam participar de eventos e palestras que não seriam possíveis de outra forma. Esse ponto é importante, pois destaca uma das possíveis vantagens do ensino remoto, de ampliar as oportunidades de aprendizado e enriquecer a formação dos estudantes. E é claro, não podemos esquecer de mencionar a respeito dos professores, que ganhou um leque de possibilidades para a formação, tanto inicial como continuada.

Nesse sentido, a literatura acadêmica destaca a importância de considerar a acessibilidade e inclusão digital na implementação do ensino remoto. A tecnologia pode ser uma ferramenta poderosa para democratizar o acesso ao conhecimento, mas é importante garantir que todos os estudantes tenham igualdade de condições para participar.

A professora Scooby relata sobre as mudanças de perspectivas vivenciadas por ela na escola em que ela trabalha.

A escola tem uma regra de que não pode utilizar celular, fone, né? Mas ainda bem que eles dão liberdade para o professor fazer da forma que ... que ele organiza o plano de aula. Então eu sempre coloco no plano de aula que eu utilizo o telefone, eu utilizo fone e então eles [os alunos] têm essa permissão de levar, isso ocorre pelo fato de ter colocado no plano de aula. Eu sempre coloco que eu utilizo esses aparelhos nas minhas aulas, porque às vezes é preciso realizar uma pesquisa rápida ali, eu falo quem achar primeiro ganha um ponto, sabe? Aí eu os deixo procurarem e pesquisarem no celular, no Google, para ter uma resposta rápida, então eu sempre utilizo, né? O celular, eu utilizo plataformas ... A gente tem na escola hoje um cantinho que fica o Chromebook que o governo encaminhou depois da pandemia, né? (SCOOBY, 2022)

A professora Scooby revela a sua prática de usar tecnologias, especialmente o celular e o *Chromebook*, como ferramentas pedagógicas em sala de aula, apesar de a escola em que ela trabalha ter uma política de proibição do uso desses dispositivos eletrônicos. Isso sugere que a

professora está empenhada em buscar maneiras criativas e inovadoras para tornar suas aulas mais interessantes e atraentes para os alunos. Essa professora trabalha nas brechas, que de acordo com Duboc (2014, p. 2012), “corresponderia a uma mudança em um cenário relativamente estável ou homogêneo”, assim, ela vai buscando caminhos alternativos, transformando o currículo (sem deixar de fazer o que lhe é proposto) e rompendo barreiras, em suas aulas de língua inglesa.

A prática de usar tecnologias digitais, o que inclui o celular e o *Chromebook*, como uma ferramenta pedagógica, tem sido objeto de discussão entre os estudiosos do letramento visual (LANKSHEAR & KNOBEL, 2003; JEWITT, 2014). Um dos apontamentos que eles trazem é que as tecnologias digitais podem enriquecer a aprendizagem ao permitir que os alunos tenham acesso a uma gama de informações, construam conhecimentos colaborativamente e se comuniquem de maneira mais eficaz.

No entanto, há também críticas sobre o uso de tecnologias digitais na sala de aula, principalmente no que diz respeito à desigualdade no acesso à tecnologia e à desigualdade na habilidade de usá-la (WARSCHAUER, 2003). A professora Scooby mencionou que a escola recebeu *Chromebooks* do governo após a pandemia, o que sugere que a escola pode estar enfrentando esses desafios de acesso à tecnologia.

Além disso, a prática de usar tecnologias como uma ferramenta pedagógica também pode ser vista como uma forma de letramento visual, que se refere à capacidade de interpretar, produzir e usar imagens e outras formas de comunicação visual (KRESS & VAN LEEUWEN, 1996). Ao incorporar o celular e o *Chromebook* em suas aulas, a professora Scooby está ajudando seus alunos a desenvolver habilidades em letramento visual, bem como em outras formas de letramento, como a leitura e a escrita.

Em resumo, a declaração da professora Scooby ilustra a importância do uso criativo e inovador de tecnologias em sala de aula como uma forma de letramento visual e como uma forma de tornar a aprendizagem mais interessante e envolvente para os alunos. No entanto, é importante considerar as possíveis desigualdades no acesso à tecnologia e explorar mais a fundo como o uso dessas tecnologias pode afetar a inclusão e a equidade na aprendizagem.

A participante Da Silva relata que os seus alunos tiveram uma boa adaptação e um bom aproveitamento e expansão de aprendizagem durante o período remoto.

Eu vejo que sim, eu não tenho os mesmos alunos que tinha durante o ensino remoto, são os mesmos alunos, mas eu percebo que alguns sentem falta do ensino remoto, alguns se desenvolveram muito bem no ensino remoto, se adaptaram muito bem. [Eles] comentam comigo que

às vezes sentem falta do ensino dessa maneira, agora outros já acham muito melhor agora, né? (DA SILVA, 2022)

A declaração da participante Da Silva evidencia a experiência que seus alunos tiveram durante o período remoto de ensino e aprendizagem. Ela observou que alguns alunos se adaptaram bem a esse modelo e tiveram um bom desempenho. Essa observação é importante para entender como os alunos podem responder de maneiras diversas a diferentes modalidades de ensino.

A adaptação dos alunos ao ensino remoto pode ser explicada pela teoria da aprendizagem situada, que argumenta que a aprendizagem é uma atividade contextualizada e que a experiência é um fator importante na aprendizagem (LAVE & WENGER, 1991). O ensino remoto, embora tenha desafios em relação ao contato social e à interação presencial com o professor e os colegas, também oferece algumas vantagens, como a flexibilidade, a personalização do aprendizado e o acesso a diferentes recursos digitais (HRASTINSKI, 2008).

Em relação à dissertação em questão, a percepção da participante Da Silva pode ser relevante para o estudo do letramento visual em práticas de educação linguística, pois sugere que a aprendizagem pode ocorrer de diferentes maneiras e que a tecnologia pode desempenhar um papel importante no processo de aprendizagem.

Em resumo, a declaração da participante Da Silva destaca a diversidade de experiências dos alunos durante o período remoto de ensino e aprendizagem, e enfatiza a importância de considerar a diversidade de experiências e as necessidades dos alunos no planejamento das atividades pedagógicas. Essa observação é relevante para a pesquisa em letramento visual em práticas de educação linguística, pois sugere que a tecnologia pode desempenhar um papel importante no processo de aprendizagem e que é importante considerar a diversidade dos alunos para garantir a inclusão e a equidade na aprendizagem.

Um apontamento, em relação às dificuldades enfrentadas por uma das participantes, que é professora da educação infantil e do ensino fundamental da rede privada de ensino, foi seguinte:

Uma dificuldade que eu achei durante a pandemia foi que os alunos usavam as tecnologias né, porém para brincar, para se divertir, para jogar, para assistir filmes, e de repente eles tiveram que ficar em frente a um computador assistindo aulas, né? Então foi um período muito difícil para essa adaptação no ensino remoto agora, né? (BIA, 2022)

Na percepção dessa participante sobre a maior dificuldade encontrada por ela durante o ensino remoto foi em relação à dificuldade dos alunos de assistir aulas pelas telas do

computador. É importante ressaltar que ela relata que os alunos já tinham familiaridade e acesso às tecnologias e que gostavam, porém, para outros fins. Sobre isso, Freitas e Avelar (2021, p. 106) ressaltam a importância de uma formação docente que promova a expansão de perspectivas, “pois muitos professores não estavam – e muitos ainda não estão – preparados para utilizar tecnologias digitais em suas aulas nem, principalmente, para percebê-las como uma prática social, como uma forma de linguagem que requer novas formas de ensinar e aprender”. (MONTE MÓR, 2019).

A familiaridade e o gosto por *games*, por exemplo, poderiam ser aproveitados. A pesquisa de Avelar (2019) aponta várias potencialidades dos jogos digitais para a educação linguística, pois eles além de “se integrarem às atividades cotidianas da sociedade contemporânea, mobilizam novas manifestações de linguagem construídas a partir da diversidade cultural e de recursos semióticos provenientes da cibercultura” (AVELAR, 2021, p. 24).

Um apontamento, em relação às dificuldades enfrentadas por uma das participantes, que é professora da rede pública de ensino, foi o seguinte:

Assim eu aprendi a utilizar algumas ferramentas, não só sites, mas aplicativos. E eu trouxe para as aulas na modalidade remota, né? E na minha opinião, assim, auxiliou bastante as aulas de inglês por mais que esse número de alunos tenha sido pequeno. Eu sou professora da rede pública, né, do estado e da prefeitura, então o número de alunos nas aulas remotas era muito pequeno, por conta do fato deles não terem celular, não terem internet, né? Então sempre foi um público muito pequeno comigo no Google meet durante as aulas e eu fiz uso de muitas ferramentas, eu fiz o uso do Karrot!, Mentimeter. Fiz uso de tudo que pudesse auxiliar as minhas aulas neste período de ensino remoto, eu fui em busca, né, para poder fazer com que a aula fosse mais dinâmica e menos monótona e que eu desse mais protagonismo para o meu aluno. (SCOOBY, 2022)

O relato da professora Scooby demonstra a importância da utilização de ferramentas tecnológicas como recursos para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, ela também expõe as dificuldades enfrentadas por muitos alunos da rede pública de ensino, que não têm acesso à internet e a dispositivos tecnológicos adequados.

Segundo Almeida e Valente (2013), a utilização da tecnologia na educação pode oferecer diversas possibilidades de aprendizagem e de inclusão social, mas para isso é necessário que haja políticas públicas que garantam o acesso equitativo e inclusivo às tecnologias da informação e comunicação. Infelizmente, no contexto brasileiro, ainda há uma

grande desigualdade no acesso à internet e aos dispositivos tecnológicos em grande parte das escolas públicas, o que dificulta a implementação de práticas pedagógicas que utilizem as TICs de forma efetiva.

A professora Scooby, por sua vez, buscou alternativas para contornar essa situação, utilizando uma variedade de ferramentas tecnológicas que pudessem tornar suas aulas mais dinâmicas e interessantes, ao mesmo tempo em que dava mais protagonismo para seus alunos. Esse é um exemplo de como os professores podem buscar soluções criativas para enfrentar os desafios impostos pelo ensino remoto, apesar das limitações estruturais.

No entanto, é importante ressaltar que a utilização de ferramentas tecnológicas não deve ser vista como uma solução mágica para todos os problemas do ensino-aprendizagem. É necessário que haja um planejamento cuidadoso e uma reflexão crítica sobre o uso adequado dessas ferramentas, a fim de que elas possam efetivamente contribuir para a formação dos alunos. Como afirma Moran (2013), a tecnologia pode ser um importante recurso pedagógico, mas é preciso que ela seja utilizada de forma integrada e consciente, a serviço de uma educação que valorize a aprendizagem significativa e o desenvolvimento humano.

Outro apontamento do professor Matheus semelhante aos relatados nesta pesquisa foi em relação às dificuldades enfrentadas por ele durante o período de aulas remotas.

Mas, por outro lado, os alunos não interagem tanto quanto presencialmente e, assim, o grande desafio, necessariamente quando você fala em educação, foi fazer com que os alunos interagissem, abrissem as câmeras, conversassem com você. Enfim, porque a maioria só logava lá e ia fazer as coisas deles, e isso é muito complicado. (MATHEUS, 2022)

A afirmação do professor Matheus evidencia um dos principais desafios enfrentados pelos professores durante o período de aulas remotas, que é a falta de interação e engajamento dos alunos. De fato, diversos estudos têm destacado que a falta de interação social e de motivação dos alunos são fatores que afetam a qualidade do ensino remoto.

Para superar esses desafios, o professor Matheus teve que adotar estratégias pedagógicas que incentivassem a interação e o engajamento dos alunos, como propiciar momentos de discussão e debate, e utilizar recursos digitais e tecnológicos que permitissem a participação ativa dos alunos. Essas estratégias são fundamentais para garantir que o ensino remoto seja mais efetivo e para manter os alunos motivados e interessados no processo de aprendizagem.

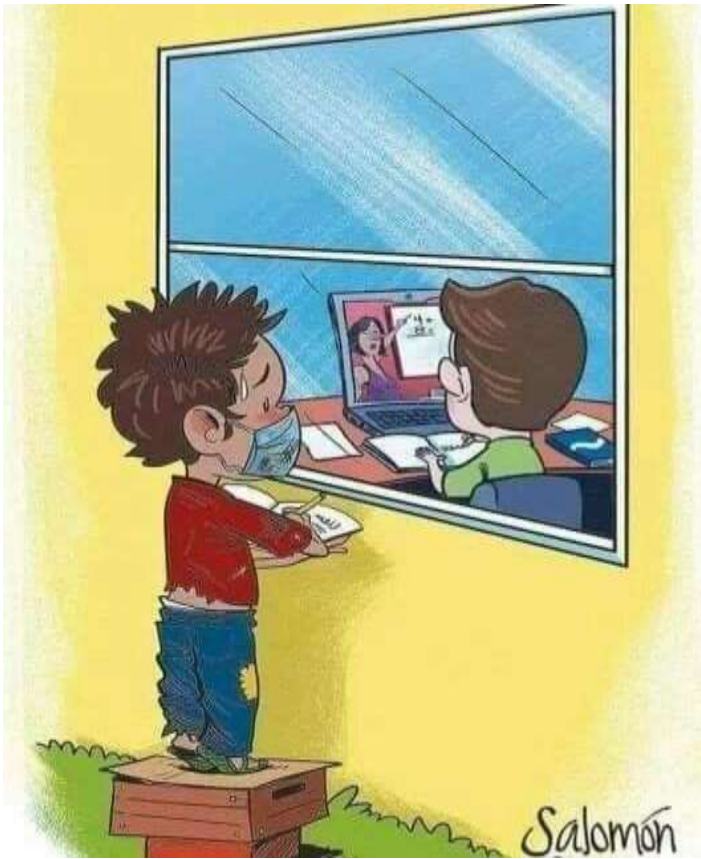
Além disso, é importante ressaltar que a falta de interação e engajamento dos alunos durante o ensino remoto pode ser um reflexo de outras questões, como dificuldades de acesso à tecnologia e à internet, problemas de saúde mental e dificuldades de adaptação ao novo modelo de ensino. Nesse sentido, é importante que as instituições de ensino e os governos ofereçam suporte aos professores e alunos, por meio de investimentos em infraestrutura tecnológica, capacitação de professores e políticas de inclusão digital.

Em relação à falta ou pouco uso das tecnologias, a maioria dos participantes relata que um fator determinante foi a falta de conexão de internet de qualidade. Jota, por exemplo, destaca a má qualidade da conexão e também a falta de aparelhos por parte dos alunos.

Durante a pandemia ficou muito complicado utilizar essas ferramentas, primeiro porque com os alunos a distância dá para utilizar diferentes sites e aplicativos, um exemplo disso é o Kahoot!, mas o aluno tem que ter o celular e um computador e muitos alunos não têm computador. Além disso, a conectividade com a internet é muito ruim. Eu mesmo fiquei sem internet várias vezes durante a pandemia, foi um desespero. [...] (JOTA, 2022)

Nota-se que a pandemia ressaltou as desigualdades sociais, que prejudicam o desenvolvimento de uma educação de qualidade no Brasil. Sousa Santos (2020) relata sobre as consequências da pandemia ao redor do mundo, destacando os impactos sociais causados em diferentes esferas da sociedade. Ele fala que a humanidade já vivia em quarentena, social, política, econômica; em distanciamentos e afastadas de direitos básicos, como o de alimentar-se com dignidade e também de acesso à educação. Desta maneira, a pandemia apenas fez vir à tona algo que já era vivido e presenciado por nós.

FIGURA 11 - Desigualdade de acesso à educação



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/66217057011743165/>

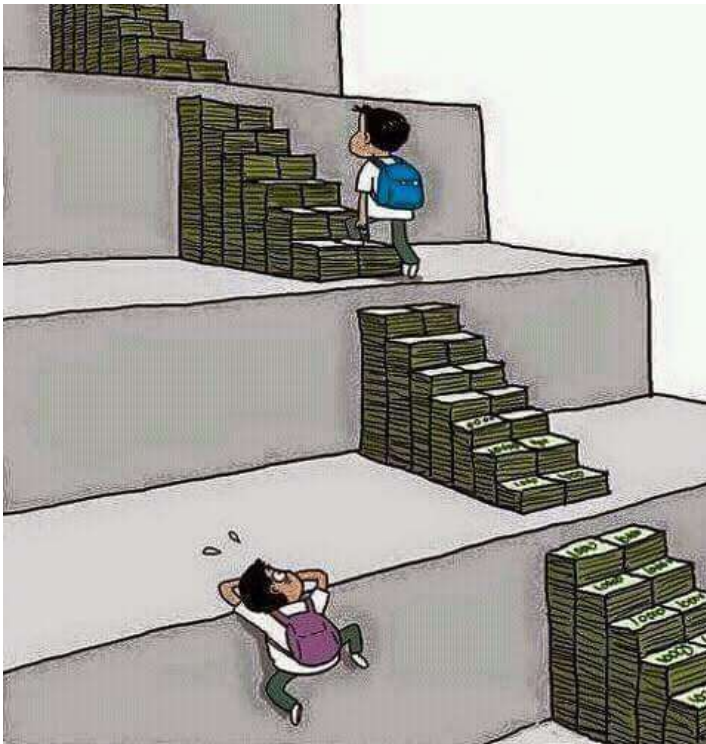
Sobre isso, a participante Alice considera que o período de aulas remotas foi um período de segregação de classes, principalmente quando pensamos no uso das TDICs, pois essa solução ocasionada pelo momento em que diz respeito às aulas online, deixou muita gente de fora, visto que na percepção dela esse modelo de ensino não alcançou todos alunos. Com relação a essa questão, advinda da pandemia, concordo com a percepção indagada da professora, pois esse modelo de aula online não alcançou todos os alunos de nosso país, visto que muitas regiões do Brasil não possuem sinal de internet e muitos alunos e professores não tinham os aparelhos para poder estudar ou assistir às aulas. Então, acredito também que essa porta de refúgio em que foi utilizada através das tecnologias digitais, em conformidade com as aulas online durante o ensino remoto na pandemia, restringiu o acesso ao ensino de muitos alunos de nosso país.

Quanto ao período de aulas remotas, a professora Alice destaca que atua na rede pública de ensino do estado de São Paulo e que sua percepção advém de suas vivências durante esse período, pois ela acredita que isso esteja relacionado ao fato de a escola em que ela leciona estar localizada na periferia e atender um público muito carente.

Eu vejo com muita tristeza a pandemia, sabe? Eu não consigo ver nas experiências que eu tive, enxergar a pandemia da mesma forma como as pessoas de outras cidades menores tiveram, algumas pessoas viram com muito otimismo, mas uma cidade grande, São Paulo, eu só vi que a pandemia tornou os pobres mais pobres, sabe? E também nas minhas interações foram muito poucos aqueles que conseguiam ter acesso, né? Porque enquanto eu tinha o benefício de estar em home office, a grande maioria dos pais dos meus alunos estavam trabalhando, porque o home office é para uma elite, por mais que nós sejamos professoras, a grande maioria dos pais da periferia trabalha em profissões e ações que são presenciais, que não se furtaram a sua presença, e isso era muito triste assim. (ALICE, 2022)

As considerações acima, na percepção da participante, refletem a situação vivenciada por vários professores e alunos do nosso país, portanto não se trata apenas de um caso isolado. Ela se posiciona de acordo com as suas vivências enfrentadas durante o período de aulas remotas decorrentes da pandemia da Covid-19. Ela ressalta essa questão da desigualdade de acesso. Assim, podemos destacar que as pessoas não têm oportunidades iguais e isso reflete nas vivências de muitos alunos e professores.

FIGURA 12 - Desigualdade social



Fonte: <https://br.pinterest.com/tayncosta/desigualdade-social>

FIGURA 13 - A tão sonhada igualdade



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/609815605808949511/>

Apesar de as tecnologias já fazerem parte do cotidiano de muitos, ela ainda é restrita a uma grande parte da sociedade, principalmente relacionada às que se encontram na margem da sociedade, e com a pandemia, fomos colocados em uma situação na qual se viu a necessidade do uso intensificado das tecnologias digitais. Isso resultou nessa limitação de acesso à educação, a qual destaca também a falta de políticas públicas para quem não pudesse acessar as aulas.

As TDICs podem proporcionar um conjunto de aprendizagens e vivências significativas no ambiente educacional, pois além de diminuir as distâncias, uma vez que possibilitam a interação independentemente do local onde as pessoas estejam, elas são essenciais para agência na sociedade digital. Todavia, a falta de investimento na educação para acesso a equipamentos, internet e falta de formação docente dificultam que os alunos aprendam “outros modos de ler e escrever, considerando as diversas semioses nesse ambiente [digital], tais como imagens, vídeos, *emojis*, áudios, memes, que exigem de nós novas habilidades de leitura e escrita para uma comunicação efetiva” (FREITAS; AVELAR, 2021, p. 106).

A respeito do uso das tecnologias digitais em sala de aula, a professora Bia relata que o ensino remoto promoveu uma maior interação e aceitação por parte da escola em que ela trabalha, ou seja, por meio do ensino remoto houve uma aceitação da gestão escolar em considerar e aceitar o uso da tecnologia em sala de aula. De acordo com a percepção dessa

professora, o ensino remoto promoveu aceitação do uso de tecnologia digital nas aulas. E uma ampliação de possibilidades didáticas com uso de tecnologias digitais (celular) nas aulas. Ademais ela descreve um momento de atividade utilizando a tecnologia.

Sinceramente eu acredito que a frequência continua a mesma para mim, só mudou os tempos, antes do ensino remoto eu sempre utilizei música, sempre utilizei recursos visuais. Desde que eu comecei a trabalhar com língua estrangeira eu sempre utilizei esses recursos. Durante o ensino remoto, a dificuldade que encontrei foi o que já falei, que é sobre a dificuldade de os alunos terem acesso à internet. E no atual momento eu vou até mudar minha colocação, não está como antes porque hoje a escola permite que os alunos levem o celular para escola, porque antes do ensino remoto era tudo muito restrito, eles não poderiam de jeito nenhum levar o celular para escola. E com a pandemia, a escola percebeu que os alunos tinham essa deficiência, né? E no momento atual, os alunos já levam celular. Então eu consigo pedir para eles ... acessar o YouTube, colocar uma música, às vezes traduzir alguma coisa, eu consigo agendar para que eles possam utilizar o Canva, que eu utilizo bastante para eles construírem memes, histórias em quadrinhos, várias coisas. E mais, há um tempo atrás, eu coloquei várias palavras no quadro que a gente estava aprendendo e eu pedi para que eles produzissem flashcards no Canva, então achei muito interessante, porque antes o acesso ao celular era proibido na escola, hoje já tem essa liberdade porque os nossos alunos precisam aprender usar essa ferramenta de forma responsável. Eles têm que saber que na sala de aula é um momento de aula, e não de acessar às vezes o seu WhatsApp ou uma rede social. Pois hoje os alunos produzem vídeos e imagens, como eu falei, então eu acho que agora com as vivências na pandemia intensificou o uso né das ferramentas e os alunos puderam ter essa experiência melhor, né, com o visual. (BIA, 2022)

A declaração da professora Bia aponta para a percepção de que o ensino remoto promoveu uma maior aceitação do uso de tecnologias digitais na sala de aula, o que possibilitou uma ampliação de possibilidades didáticas e uma maior interação entre professores e alunos. A professora também destaca a importância do uso do celular como ferramenta pedagógica, e como a escola precisou adaptar suas políticas para permitir o uso desses dispositivos em sala de aula.

A utilização de tecnologias digitais na educação vem sendo debatida na literatura acadêmica há décadas. Segundo Moran (2007), o uso dessas ferramentas deve ser visto como um meio para aprimorar a aprendizagem, tornando-a mais significativa e colaborativa. Além disso, o autor destaca que o uso de tecnologias digitais possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para a sociedade atual.

No entanto, apesar dos potenciais benefícios, a implementação de tecnologias digitais na educação também traz desafios. Um desses desafios diz respeito à necessidade de acesso à

internet e aos dispositivos tecnológicos, que pode ser desigual entre os alunos. Como apontado pela professora Bia, a falta de acesso à internet pode ser uma barreira para a utilização dessas ferramentas em sala de aula.

Outro desafio é o uso responsável das tecnologias digitais em sala de aula. A professora Bia destaca a importância de os alunos entenderem que o uso do celular em sala de aula deve estar voltado para fins pedagógicos, e não para o acesso a redes sociais ou outros aplicativos. Esse tema também é abordado por Ferrés e Piscitelli (2012), que destacam a necessidade de se discutir o uso responsável e ético das tecnologias digitais na educação.

A experiência vivida durante a pandemia também pode ter contribuído para uma maior valorização dos letramentos visuais na educação linguística. De acordo com Kress (2003), a sociedade atual é cada vez mais visual, e a compreensão de textos e imagens é fundamental para o desenvolvimento da cidadania. Nesse sentido, o uso de tecnologias digitais pode ser visto como uma forma de ampliar o letramento visual dos alunos.

Para a pesquisa em questão, a declaração da professora Bia pode ser relevante, uma vez que aponta para a importância do uso de tecnologias digitais na educação linguística, bem como para os desafios e oportunidades que essa utilização pode trazer. Além disso, a percepção da professora sobre a aceitação do uso dessas ferramentas pela escola pode ser um tema interessante para futuras investigações sobre as políticas de educação e tecnologia.

A utilização das tecnologias digitais na educação tem sido objeto de discussão e reflexão na literatura acadêmica, especialmente no que se refere à sua efetividade no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Almerich et al. (2017), a tecnologia pode ser uma ferramenta útil para potencializar a aprendizagem, desde que seja utilizada de forma adequada e alinhada aos objetivos educacionais.

A respeito do uso das tecnologias digitais em sala de aula, a professora Maya relata que o ensino remoto promoveu uma maior utilização das tecnologias digitais. A professora Maya relata que durante a pandemia houve uma maior utilização das tecnologias e com o retorno das aulas presenciais a frequência desses recursos diminuiu.

Então é assim então quer dizer eu utilizava antes muitas coisas já gravava vídeo demais já. Depois intensificou mais ainda e depois, agora assim, eu continuo utilizando por outros caminhos, mas continuo utilizando na sala de aula também. Às vezes eu utilizo, porque como a escola é particular e assim às vezes dá para interagir com alguma coisa, quis alguma coisa assim algum vídeo, né? Não passei vídeo mais no datashow, eu mandava lá e os alunos assistiam no celular, então assim antes essas coisas não eram realizadas, coisa que na pandemia a gente fazia. Digo pelo fato dessa agilidade assim, é também só porque

é escola particular, porque se fosse na minha realidade pública, não teria como também, por conta das questões de internet, e de aparelhos, na escola particular todo aluno tem a sua internet e o seu aparelho. Enfim, então assim eu acho a língua inglesa e as TDICs aproxima um aprendizado, e o aluno da língua inglesa. (MAYA, 2022)

A professora Maya relata que o uso das tecnologias digitais foi intensificado durante o ensino remoto, mas que mesmo com o retorno das aulas presenciais, ela continua utilizando esses recursos em sala de aula. Ela menciona que, por trabalhar em uma escola particular, é possível interagir com vídeos e outras mídias que os alunos podem acessar em seus próprios dispositivos, o que traz uma agilidade ao processo. No entanto, a professora observa que, em uma realidade pública, as questões de acesso à internet e dispositivos poderiam limitar o uso desses recursos. Ela acredita que o uso das tecnologias digitais pode aproximar o aprendizado da língua inglesa e as TDICs podem ser uma ferramenta valiosa para os alunos.

Nesse sentido, a respeito da relação entre as tecnologias e a sociedade, Monte Mór (2017, p. 275) ressalta que “no campo da educação e dos estudos de linguagem [...] não se trata apenas de introduzir aparelhos tecnológicos e conexão em rede nas escolas”. Temos que ter um olhar atento e sensível relacionado aos processos de formação de professores e de alunos para o uso das tecnologias digitais.

A respeito da falta de experiências e habilidades para lidar com o meio tecnológico, Freitas (2019) destaca que falta nos cursos de formação de professores de línguas vivências e estudos relacionados ao uso das tecnologias voltadas para o ambiente educacional. Segundo pesquisas realizadas por Freitas (2019, p. 68),

[...] os professores, no processo formativo, não aprendem a lidar, explorar, utilizar e questionar as ferramentas disponíveis para o processo de aprendizagem dos alunos e não se sentem parte dessa mudança social. Em alguns casos, há uma familiaridade com ferramentas como as que se referem à rede social e de interação e comunicação, mas o conhecimento fica restrito a esse uso.

Análises de currículos dos cursos de Letras indicam que embora a universidade tenha apresentado um esforço para atualização das matrizes curriculares dos cursos de licenciatura, o contato com a tecnologia e com as linguagens multimodais ainda aparece de forma escassa (FREITAS, 2019). Em razão disso, os professores no processo formativo não estão tendo contato de forma significativa e crítica com a diversidade de linguagens. Por isso, respaldo a

relevância de promover um olhar sensível para a formação de professores de línguas e que essa formação seja voltada para as diversas formas de linguagens.

Considerando a formação de professores, sobretudo a formação continuada relacionada ao uso das tecnologias, Avelar (2020, p.18) destaca a necessidade de refletir sobre a prática que considera os multiletramentos e que “possibilitem (re)pensar as epistemologias digitais de modo que as tecnologias digitais sejam consideradas para além do uso (enquanto ferramenta de ensino- aprendizagem)”. Assim, é necessário que tenhamos esse olhar atento para as tecnologias, pois elas também são uma forma de linguagem.

A utilização das tecnologias digitais em sala de aula tem sido cada vez mais frequente, especialmente durante a pandemia do Covid-19, em que o ensino remoto se tornou a principal forma de ensino. As professoras Ana e Maya relataram suas percepções em relação ao uso dessas tecnologias, destacando a facilidade de dinamizar o ensino com a utilização de recursos visuais e multimodais, como imagens, vídeos e músicas.

No entanto, ambas as professoras destacam que, com o retorno das aulas presenciais, a frequência do uso desses recursos diminuiu. A professora Maya destaca que, em escolas públicas, a falta de recursos tecnológicos e de acesso à internet pelos alunos pode ser um obstáculo para a utilização dos letramentos visuais em práticas de educação linguística. Já a professora Ana destaca que, mesmo em escolas particulares, o uso dos recursos tecnológicos pode ser limitado pela disponibilidade de equipamentos.

As percepções das professoras Ana e Maya estão relacionadas ao tema da dissertação "Para além do ilustrativo: letramentos visuais em práticas de educação linguística". O uso de recursos visuais e multimodais, como imagens, vídeos e músicas, pode ampliar a aprendizagem dos alunos, possibilitando a construção de significados a partir de diferentes linguagens e modalidades. No entanto, é importante considerar que o uso desses recursos não pode ser apenas ilustrativo, mas sim integrado ao processo de ensino e aprendizagem de forma crítica e reflexiva.

Os letramentos visuais se tornam, portanto, fundamentais em práticas de educação linguística, especialmente em um contexto em que a comunicação se dá de forma cada vez mais multimodal e visual. É preciso que os professores estejam preparados para utilizar esses recursos de forma efetiva e crítica, promovendo o desenvolvimento dos letramentos visuais dos alunos e contribuindo para a formação de indivíduos críticos e reflexivos em relação às diversas linguagens e modalidades que compõem nossa sociedade.

Cabe destacar, que embora a minha pesquisa, considerando o material empírico e as análises descritas, tenham apontado os letramentos visuais como uso de imagens, canva, filmes e outros recursos visuais, compreendo que eles são muito mais do que isso. Os letramentos visuais estão presentes em todas as esferas da nossa vida, da publicidade ao jornalismo, da política à ciência, da arte à tecnologia. Eles são a linguagem dos nossos tempos, um reflexo do mundo em que vivemos, das nossas relações sociais e culturais, da nossa história e memória coletiva.

No próximo capítulo, analiso as experiências dos professores de língua inglesa que contribuíram com este estudo, no intuito de discutir como essas experiências possibilitam refletir sobre os letramentos visuais na educação linguística.



3. 1 Educação Linguística



15

Neste capítulo, apresento e analiso, com base nos referenciais teóricos selecionados, as discussões sobre educação linguística, que são relacionadas aos letramentos visuais, e que foram abordadas nas entrevistas realizadas com os professores de línguas. Assim, esse capítulo discutirá questões das segunda e terceira partes do roteiro utilizado para realizar as entrevistas.

O estudo da educação linguística pressupõe a compreensão da língua para além de sua dimensão linguística material. Nessa perspectiva, é fundamental considerar os aspectos relacionados à imagem, pois o que é escrito além das palavras pode ser tão relevante quanto o que é apresentado no quadro-giz, por exemplo. A partir desta perspectiva, torna-se possível

¹⁵ Photo by Mario Tama @mario_tama // An Afghan child stands inside the ruins of the devastated but functioning Habibia High School January 3, 2002 in Kabul, Afghanistan. The school, which reopens in spring, was severely damaged by years of civil war. Countries can never develop with generations without education. (TR) 3 Ocak 2002 Kabil'de yer alan yıkılmış ama işleyen Habibia lisesinin harabeleri içinde bekliyor. Okul Afgan iç savaşı sırasında ağır hasar görmüş ve ilkbaharda tekrar açılmış. Eğitimin olmadığı nesillerle ülkeler asla gelişemez. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxRxxCTggxw/>. Acesso em: 04.01.23

refletir criticamente sobre diferentes culturas, relações e condições locais, por exemplo. A crítica pode ser simples, não há necessidade de ser “algo enciclopédico e superior; a crítica é microrrelação e acontece na sala de aula, na vida cotidiana; a crítica advém dos repertórios que desenvolvemos ao longo de nossas experiências” (FERRAZ, 2018, p. 93).

A língua não é apenas um meio de comunicação, ela também está intrinsecamente relacionada às questões políticas, econômicas e sociais, além de estar associada a temas como, por exemplo, direitos humanos e acessibilidade. Dessa forma, a educação linguística é fundamental para a construção do "eu" no mundo, uma vez que está diretamente ligada às nossas experiências e identidades. Como explica Mastrella (2018), se usamos a língua/gem para fazer coisas (como, por exemplo, pedir, negar, elogiar, humilhar), estamos fazendo quem somos e quem os outros são.

Ao trabalhar sob a perspectiva da educação linguística, é possível superar o ensino tradicional de línguas, que se limita à aprendizagem do idioma. A noção de crítica, presente nessa perspectiva, busca problematizar e questionar as verdades impostas e naturalizadas em nossa sociedade. A percepção crítica permite confrontar as diversas desigualdades sociais e expandir as perspectivas sobre o mundo em que vivemos.

Neste sentido, é importante ressaltar a definição de crítica proposta por Monte Mór (2018), que a entende como um constante exercício de suspeita e ampliação de perspectivas. Por meio dessa prática, é possível desenvolver sujeitos conscientes e atentos à sua cultura e identidade, constituídas por meio da linguagem. Portanto, a educação linguística se apresenta como uma perspectiva fundamental para a formação de indivíduos capazes de compreender e atuar de forma crítica no mundo.

Sendo assim, pensar a educação linguística para as práticas de professores de línguas, em consonância com a contribuição desta perspectiva para além da sala de aula, é considerar a educação com princípios colaborativos e significativos, que envolvem questões sociais de língua. Para tanto, é necessário que o professor compreenda suas práticas e seja capaz de refletir sobre a maneira como a língua/linguagem está sendo considerada em suas aulas.

Frank (2018) advoga sobre a relevância da educação linguística,

Independentemente se língua materna ou estrangeira, ao entendermos que toda pessoa já se predispõe à manifestação da língua/linguagem por ocasião do convívio social, aprender e ensinar línguas constituem-se ações que equivalem, por um lado, a processos formais desenvolvidos em ambientes educacionais, mas que obviamente não se restringem a

esse espaço e, logo, se estendem ao mundo social. (FRANK, 2018, p.122)

Em consonância com a fala do autor citado, a língua está para além de conceitos e definições genéricas, ela não se dissocia das nossas práticas de vida. Assim, a educação linguística deve se expandir para além da aprendizagem de línguas estrangeiras ou maternas, pois a língua está totalmente relacionada à vida.

A leitura do mundo para além daquilo que está posto, está sobretudo relacionada à educação linguística. Vale ressaltar que a língua é heterogênea, sendo assim, ela é composta por uma diversidade de linguagens e culturas, ela não se restringe apenas a oralidade e a escrita, a língua então é uma prática social, construída na interação e pautada na diversidade. (FREIRE, 2005). Somos seres construídos na diversidade, cada um com as suas vivências, culturas e experiências, que advém de um contexto de vida único de cada ser humano. (BAKHTIN, 2011). A diversidade cultural compõe o mundo, somos pessoas com características diferentes, culturas variadas e modos de vida diferentes. Estamos em lugares diversos, com diferentes grupos sociais, raciais, religiosos, linguísticos e culturais. Apesar da diferença que nos constitui, somos todos seres humanos e estamos unidos pela língua, linguagem e diversidade. (SANTOS, 2002).

Mattos (2014a) argumenta sobre a questão dos novos letramentos e da língua como prática social;

os novos letramentos abarcam uma noção de linguagem como prática social e a compreensão de que é necessário proporcionar o desenvolvimento do senso crítico dos cidadãos/alunos, permitindo questionar, analisar e contestar as relações de poder existentes, com vistas a provocar mudança social (MATTOS, 2014a, p.103).

Diante da fala da autora, o ensino crítico de línguas advém da necessidade de considerarmos a língua como prática social. Posto isto, a educação linguística é uma pauta essencial para tornar o ensino mais colaborativo, significativo e interativo. Para que assim possamos entender que o ensino de línguas não se restringe apenas à aprendizagem linguística, é necessário pensarmos em uma educação voltada para as questões sociais que nos cercam.

Nesse sentido, Ferraz (2010) diz que o ensino de línguas e as questões educacionais devem ser consideradas em sua totalidade, pois conseqüentemente são campos indissociáveis do conhecimento, assim torna-se possível que educadores tenham condições de promover ações docentes voltadas para a cidadania, para assim tornamos o mundo um lugar melhor.

Completando o pensamento acima, Monte Mór (2018) tece considerações sobre a necessidade da educação linguística no ambiente educacional,

Entendo que a educação linguística crítica se preocupa em ir além da tradição do ensino da língua/cultura/identidade padrão, no trabalho com a língua materna ou com as línguas estrangeiras. Nessa percepção, a língua padronizada também refrata uma visão de linguagem, cultura e identidade, preservada e controlada por um projeto iluminista e modernista de sociedade, uma Sociedade da Escrita. (MONTE MÓR, 2018, p. 268)

A respeito disso Menezes de Sousa (2019, p. 245) diz que “a língua não é mais uma coisa, é um processo”, assim é necessário pensarmos em uma abordagem que seja mutável e dinâmica para abranger, desta forma, as questões de linguagem em contextos diversos, em vez de pensar apenas na perspectiva do método, ou uma série de técnicas (PENNYCOOK, 2006).

3.2 Letramentos visuais na educação linguística



16

¹⁶ Segundo o ACNUR, dos 7,1 milhões de crianças refugiadas em idade escolar, 3,7 milhões - mais da metade - não vão à escola. “A escola é onde os refugiados recebem uma segunda chance”, disse Filippo Grandi, Alto Comissariado da ONU para Refugiados. “Estamos falhando com os refugiados por não lhes dar a oportunidade de desenvolver as habilidades e conhecimentos de que precisam para investir em seu futuro.” via ACNUR. A pandemia do COVID-19 criou a maior interrupção dos sistemas educacionais da história, afetando quase 1,6 bilhão de alunos em mais de 190 países e em todos os continentes. O fechamento de escolas e outros espaços de aprendizagem impactou 94% da população estudantil do mundo, chegando a 99% em países de renda baixa e média-baixa. Impedir que uma crise de aprendizagem se torne uma catástrofe geracional exige uma ação urgente de todos. A educação não é apenas um direito humano fundamental, é um bem comum global e um dos principais impulsionadores do progresso em todos os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável como alicerce de sociedades pacíficas justas, iguais e inclusivas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGVO4yAghB6/>. Acesso em: 04.01.23

De acordo com Kleiman (1995, p.19), o letramento pode ser definido como um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita como sistema simbólico e tecnológico em contextos específicos, para objetivos específicos. Nessa direção, a construção de sentidos a partir de imagens também é uma forma de letramento, conhecida como letramento visual. Para tanto, é necessário ampliar o conceito de imagem, que geralmente é considerada apenas como um recurso. Monte Mór (2013) advoga por uma pedagogia fundamentada nos letramentos visuais, que utiliza constantemente imagens estáticas, vídeos e cinema para expandir o olhar dos indivíduos.

As imagens, portanto, são parte integrante dos letramentos visuais, que surgem a partir dos estudos visuais e culturais da sociologia e da antropologia. Segundo Morphy e Perkins (2006), a antropologia da arte é um campo de estudo que se preocupa em compreender como as obras de arte são produzidas e interpretadas dentro de um contexto cultural. Gell (1998) desenvolve uma teoria antropológica sobre a arte, argumentando que as obras de arte são objetos com agência e que a compreensão de seu significado está diretamente ligada aos processos sociais e culturais em que são produzidos e consumidos.

FIGURA 14: Releitura de obras de artes



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/10344274143512540/>

Além disso, a imagem é um elemento importante na cultura visual contemporânea, que é cada vez mais presente na sociedade em que vivemos. As redes sociais, como *Tik Tok*, *Twitter*, *Instagram* e *Pinterest*, são exemplos de como o uso da imagem se tornou uma atividade essencial na comunicação e na interação social. Como observado por Santaella (2013), estamos vivendo em uma cultura pós-humana, que se caracteriza pelo aumento da presença da tecnologia nas relações sociais e culturais.

A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, de Benjamin (1994), também é relevante para a discussão sobre a imagem na cultura contemporânea. O autor argumenta que a técnica de reprodução de obras de arte, como a fotografia e o cinema, transformou a forma como as obras de arte são produzidas e consumidas, e que a imagem perdeu sua aura original, tornando-se um objeto de consumo e de reprodução em massa.

Em resumo, os estudos antropológicos da imagem permitem uma compreensão mais profunda sobre a importância e o significado das imagens na sociedade contemporânea. Através da antropologia da arte e da teoria antropológica da arte, é possível compreender como as obras de arte são produzidas e interpretadas dentro de um contexto cultural. Além disso, a cultura visual contemporânea, cada vez mais presente na sociedade atual, é influenciada pela reprodução em massa e pela presença crescente da tecnologia nas relações sociais e culturais.

Nesse sentido, é importante ressaltar a relevância dos estudos antropológicos da imagem para compreendermos a importância cultural e social que ela possui. Segundo Santaella (2013), a imagem é um elemento central nas culturas contemporâneas, uma vez que estamos em uma sociedade altamente visual. Desde a pré-história, a imagem vem sendo utilizada como forma de comunicação e expressão cultural, tendo evoluído ao longo dos anos e influenciando diversas áreas do conhecimento, como a literatura, a filosofia e a própria antropologia.

FIGURA 15: Pintura Rupestre



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/383580093275166984/>

Autores como Geertz (1989) e Gell (1998) desenvolveram teorias sobre a interpretação cultural da imagem, argumentando que ela é um produto da cultura e, portanto, possui significados simbólicos complexos que variam de acordo com o contexto cultural em que é produzida e interpretada. Já Campbell (2014) enfatiza que a imagem tem o poder de transmitir significados que ultrapassam as palavras e as fronteiras culturais, sendo uma forma de comunicação universal.

Além disso, Bourdieu (2000) discute o poder simbólico da imagem, argumentando que ela é uma forma de construção de identidades e de relações de poder, sendo utilizada como forma de legitimar valores e práticas sociais dominantes. Benjamin (1994), por sua vez, destaca a relação entre a imagem e a reprodução técnica, enfatizando que a imagem perde sua aura de originalidade e unicidade em uma sociedade em que a reprodução em massa é possível.

Diante desse contexto, é possível entender que as imagens são parte integrante dos letramentos visuais, conforme defende Monte Mór (2013), e que o seu estudo é fundamental para compreendermos a cultura e a sociedade em que vivemos. A expansão do conceito de imagem como um elemento cultural e simbólico, aliado à crescente importância das mídias

visuais na sociedade contemporânea, torna cada vez mais urgente a necessidade de ampliarmos nossos conhecimentos sobre a antropologia da imagem.

Considerando os letramentos visuais, podemos destacar vários tipos de imagens, entre elas, a imagem estática, que é aquela que não possui movimento. As imagens que não são estáticas, ou seja, que possuem movimento, e estão ligadas ao meio digital, possibilita formar um conjunto de imagens, que também fazem parte da produção de filmes, por exemplo. O estudo das imagens estáticas, em movimento e mistas possui a finalidade de investigar e problematizar em todos os campos, principalmente relacionados a representatividades, para que assim, possamos repensar as imagens como processos de produção de significados, e então ampliar perspectivas, interpretações e conhecimentos (FERRAZ, 2014).

Considerando as entrevistas realizadas com os professores de línguas desta pesquisa, será analisada nesta sessão a percepção dos professores de línguas em relação aos letramentos visuais por meio de suas vivências durante as aulas remotas em decorrência da pandemia da Covid- 19. O professor Matheus relata uma de suas experiências utilizando os letramentos visuais em sua prática docente, mais especificamente vídeos sobre obras literárias trabalhadas nas aulas de língua inglesa. No excerto a seguir Matheus descreve como utiliza os textos imagéticos nas suas práticas em sala de aula e em plataformas digitais e o propósito da escolha desses textos.

Eu gosto muito de utilizar teatro, né? E também utilizar obras literárias para iniciar e problematizar as minhas aulas. Eu utilizo muito Jane Austen. Inclusive por uma questão de politização das minhas alunas, para elas entenderem o quão importante essa mulher foi e quão difícil foi para ela entrar dentro do mundo literário por ser mulher. E aí são livros maravilhosos, uma escritora magnífica da literatura inglesa, e aí eu utilizo muitos vídeos relacionando a obra com os filmes. E quando eles assistem ao filme é sem legenda, e independentemente parece que eles realmente emergem, eles têm um pensamento muito profundo, e às vezes o interessante que não dá tempo de terminar em sala, inclusive eles utilizam por exemplo o Meet para eles terminarem, pra continuar discutindo o filme, e um vai traduzindo para o outro aquilo que não entendeu, então acho interessante, né, esses textos. (MATHEUS, 2022).

A partir desse relato do professor Matheus é possível perceber como o uso de textos imagéticos na sala de aula pode abrir um leque de possibilidades e aprendizagens, e conseqüentemente, novas habilidades para lidar com esses textos imagéticos que estão presentes em nosso cotidiano. É importante ressaltar o olhar atento e sensível do professor ao escolher as obras de Jane Austen pelo motivo de politização crítica de suas alunas, e como possibilidade de trabalhar com a questão da trajetória das mulheres em nossa sociedade, a luta

por direitos mais igualitários. O uso desses vídeos, portanto, colabora com a construção de uma prática de educação linguística, que considera que ensinar é um ato político (FREIRE, 1996). Nessa direção, buscar “entender como as relações de poder operam em diferentes realidades sociais, de modo a favorecer pessoas em situação de subalternidade” é o objetivo principal da formação crítica (PESSOA, 2018, p. 165). E é um trabalho que “não pode ser feito sem língua/linguagem, já que todas as realidades sociais são construídas por meio de repertórios linguísticos e só podem ser desconstruídas e reconstruídas por meio deles” (PESSOA, 2018, p. 165). O excerto de Matheus indica que as discussões dos alunos após assistirem os vídeos além de terem o propósito de ampliar os repertórios linguísticos em língua inglesa, também servem para problematizar questões de poder e de gênero.

FIGURA 16: Jane Austen.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/438819557457260062/>

As percepções trazidas pelo professor apontam para a relevância de trabalhar com letramentos visuais para além do intuito linguístico. Estudos como os de Ferraz e Tomizuka (2021), por exemplo, relatam que por anos o uso de meios audiovisuais foi aplicado principalmente para fins linguísticos e as imagens teriam função apenas de complementar o texto e reforçar a questão gramatical. Portanto, o trabalho que o professor Matheus está realizando com os seus alunos ressalta que o ensino de línguas não deve incluir somente habilidades linguísticas, mas também é necessário incluir práticas que desenvolvam a capacidade crítica dos alunos. Assim, podemos perceber que o letramento visual vai além da sala de aula, pois ele envolve questões sociais e culturais de nossa sociedade.

Para Monte Mór (2017), com o advento das tecnologias ficou mais perceptível a identificação de que a linguagem não se limita apenas à escrita e à oralidade. É a partir dessa conjuntura que surge "uma nova cultura que opera de modo ampliado, por diversos meios de comunicação e também por diversificadas e algumas novas formas de interatividade" (MONTE MÓR, 2017, p. 276). Nesse cenário, considerar o texto imagético como um fator de construção de sentidos em nossas vidas implica em considerar a leitura crítica de imagens como uma prática altamente significativa e necessária principalmente no ambiente educacional, pois as imagens estão frequentemente inseridas em diferentes contextos de nosso cotidiano.

Nessa direção, Ferraz (2014, p. 264) aponta que "a importância dos estudos visuais está no fato de que as imagens não são meras representações da realidade social (visão linear onde a imagem x significa y), mas que elas constroem significados e, como tal, desempenham um papel crucial em todas as esferas sociais, incluindo os contextos educativos.

A respeito desse entendimento, a participante Scooby destaca que,

Eu sempre busquei nas minhas aulas utilizar todo tipo de texto imagético. Hoje eu entendo que é uma forma de letramento, né? Depois que eu comecei a participar do Grupo de estudos GEFOPLE, eu entendo o que eu fazia... o uso dessa prática de multiletramentos na sala, sem saber o que era, porque eu sempre busquei toda aula, eu nunca levava só livro, ou eu levava um vídeo para iniciar, uma charge, ou eu levava um meme, né? Então eu faço uso constante de todos os tipos de textos imagéticos nas minhas aulas ou para iniciar um conteúdo ou para finalizar a aula, né? E eu uso de diferentes recursos. Porque até mesmo para poder alcançar todos, né? Então... tem alunos que tem muita leitura de charge, de cartoons, de memes, e outros não têm, é porque ainda tem aquele que gosta de ler livros. Então eu utilizo todos possíveis nas minhas aulas e os meus propósitos sempre são uma forma de trazer a língua para sala de aula como prática social, né? Eu

utilizo essas informações nesses textos para iniciar conteúdo, para promover uma discussão, mas sempre com foco no uso da língua, para que se posicionem e deem a opinião deles ao utilizar a língua nesse sentido. (SCOOBY, 2022)

As vivências relatadas por essa participante sobre o uso de letramentos visuais em sua sala de aula destacam a relevância de trabalhar nessa perspectiva e também demonstram o interesse dos alunos, pois a partir desse ensino a partir do visual, os alunos se mostram mais interessados e adeptos para questões trabalhadas em sala de aula. É importante destacar o olhar sensível e atento da professora, que busca uma diversidade de letramento para alcançar a diversidade de sua sala de aula. E também sobre a sua percepção de língua como prática social, pois a partir dessa percepção a professora pode expandir e trabalhar na percepção de que a língua não restringe apenas a escrita e a oralidade, trazendo assim, para a sala de aula questões problematizadoras sobre diversas questões sociais. A partir disso também é possível, como apontado por ela, trabalhar com a percepção crítica dos alunos acerca das imagens. O relato dessa professora encontra respaldo em Ferraz e Tomizuka (2021), que afirmam que “é essencial que os alunos se preparem para navegar em um mundo dominado por imagens passíveis de interpretações sócio-históricas”, já que “a capacidade de entender (e, por vezes, utilizar) a linguagem visual é entender o meio de comunicação pelo qual a sociedade contemporânea informa, compartilha e cria”.

A professora Da Silva, por sua vez, relata atividades realizadas numa disciplina de estágio supervisionado de um curso de Letras durante o período de ensino remoto, considerando em sua prática os letramentos visuais.

Pensando nessa questão de aproveitar o período para expandir o nosso horizonte, eu lembrei de uma atividade avaliativa do estágio que fizemos durante o período de ensino remoto. Eu e a outra professora de estágio fizemos uma proposta de realizarmos um vídeo, em vez de realizarmos relato de experiência escrito, como era proposto antes da pandemia, e como foi importante aquela atividade, porque antes o relato final de estágio tinha que ser um artigo, o relato tinha que ser apenas escrito. E essa foi a primeira vez que teve um relato de estágio na modalidade de vídeo, né? Achei essa experiência com um vídeo bastante interessante, aí ano passado eu mantive a proposta. A turma passada que trabalhei todos aceitaram realizar o vídeo. Porém, nessa nova turma, não foram todas as pessoas que aceitaram realizar essa proposta, sabe? É interessante, né? Ano passado, nós tivemos um vídeo, e aí nós fizemos uma proposta para quem não quisesse fazer o vídeo. Então faria um relatório multimodal. E aí os outros foram relatos multimodais, inclusive ficou assim, magnífico sabe? os meninos conseguiram, são dois rapazes, conseguiram trabalhar muito bem

vários recursos, né? para mostrar o trabalho que foi feito durante o estágio. (DA SILVA, 2022)

Quanto às questões relatadas pela professora Da Silva durante o período da pandemia, ela fala sobre essa possibilidade de expansão, de aproveitar o período do ensino remoto para expandir os horizontes. No excerto há o relato sobre a proposta para a atividade avaliativa final da disciplina de estágio obrigatório de seus alunos do curso de Letras, pois ao terminarem o estágio os acadêmicos de Letras têm que escrever um relato para descrever e fundamentar as vivências durante esse período. Diante disso, a professora Da Silva juntamente com a outra professora de estágio propuseram que os alunos fizessem um vídeo relatando as vivências de estágio. Acho importante frisar que essa proposta do relato multimodal nunca tinha sido realizada antes do período de ensino remoto.

Assim, podemos perceber que as vivências durante esse período de aulas remotas promoveram nessas professoras uma percepção diferente e possibilitou uma nova proposta de atividade final. O quão importante é esse relato dessa professora, pois ela está incluindo e validando uma atividade avaliativa final a partir do audiovisual. É importante ressaltar que os estudos de Ferraz (2012) falam sobre esse tipo de experiência, que muitas vezes não é vivenciada na universidade. E esse relato já traz essa possibilidade de atividade utilizando os letramentos visuais, principalmente como uma atividade avaliativa final do estágio.

Nessa direção, Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) ressaltam a importância de os alunos desenvolverem competências diversas, e que isso ocorre quando há justaposição de diferentes linguagens e padrões de construção de significado nas práticas em sala de aula. Desta forma, podemos citar como exemplo o trabalho de conclusão final de um curso, que geralmente só é considerado no formato escrito, mas que passou a incluir também os formatos de vídeo e de relatório multimodal.

O trabalho com o letramento visual é muito relevante, principalmente no que diz respeito à promoção de uma educação linguística. É um objetivo a ser alcançado pela escola e pela universidade, pois é essencial na contemporaneidade considerar e utilizar a multimodalidade presente em diversos meios, a qual deve ser compreendida para que haja produção de sentidos. Conforme Ferraz (2018), as imagens presentes na sociedade contemporânea, que são encontradas nas mídias de massa e redes sociais, desenvolvem papéis essenciais, sobretudo como forma de comunicação. Essas imagens podem ser encontradas em todos os formatos possíveis: vídeos, filmes, fotografias, memes, bricolagens, constituindo assim textos multimodais produzidos nesse ambiente digital.

Tendo em vista características da sociedade contemporânea, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) traz uma lista de competências gerais que devem ser ensinadas nas escolas de educação básica no Brasil no século XXI, dentre elas:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9)

A professora Da Silva relata um dos motivos pelos quais ela gosta de considerar os letramentos visuais em sua prática docente e sobre a escolha das temáticas pensando nas possibilidades críticas.

Isso porque a escolha desse material está totalmente ligada às questões sociais, as temáticas podem ser sociais ou podem ser profissionais também, né? Eu fiz o primeiro apanhado com os alunos e analisei quais temas seriam importantes, e aí eu vou explorar aquelas temáticas de acordo com o que tá acontecendo no momento, né? Por exemplo, como o tema era violência, então resolvi pegar um acontecimento bem recente que estava na mídia ainda para poder abordar a questão, né? E a partir disso outros temas vão surgindo, outros elementos vão compondo essa temática, né? A experiência de cada um também é colocada a partir disso, porque cada um traz consigo aquele histórico, né? Conhece alguma coisa, então depende também desse conhecimento de mundo, né? de cada um. (DA SILVA, 2022)

A participante salienta a relevância de trabalhar com os letramentos visuais sob a perspectiva das questões sociais, das vivências dos alunos e de acontecimentos que repercutem nas mídias. É muito relevante o olhar que essa professora possui, pois ela considera o conhecimento de mundo de seus alunos. Ao problematizar, ao questionar as imagens que nos cercam, abrem-se novas possibilidades de leitura. Ferraz e Tomizuka (2021) trazem uma reflexão, na perspectiva dos letramentos visuais, afirmando que, “como professores, podemos tirar proveito desse momento para discutir com os alunos os modos como esses preconceitos e injustiças sociais ainda prevalecem em nossa sociedade”.

Considerando a relevância de uma educação linguística, uma das participantes relata a importância da formação crítica dos alunos e diz que a prática do letramento visual traz essa possibilidade de trabalhar com a percepção crítica na sala de aula, que há uma diversidade de textos imagéticos disponíveis e possíveis de serem usados nas aulas.

Eu utilizo muitos textos imagéticos, inclusive para montar minhas provas, eu sempre coloco muita charge. Gosto de utilizar bastante, principalmente charge. Tem uma charge que eu acho muito interessante, que fala sobre bullying, né? Eu sempre procuro trabalhar com os alunos essas questões, porque essa fase é muito complicada, né? Geralmente procuro alguma charge que tem alguma coisa a ver com assunto que eu esteja trabalhando também. E sempre procuro contextualizar, recentemente eu utilizei uma charge sobre política em uma prova, aí tinha uma charge que falava sobre a guerra da Ucrânia, aí eu procuro contextualizar nesse sentido. (BUTTERFLY, 2022)

O relato da professora participante desta pesquisa demonstra uma possibilidade de trabalhar com os letramentos visuais a partir das charges e também, no relato dela, é possível perceber que ela trabalha com as charges abordando algumas temáticas específicas, como por exemplo, *bullying* e acontecimentos marcantes, retratados pelas mídias. Trabalhar nessa perspectiva aponta para a possibilidade de trabalharmos com o pensamento crítico de nossos alunos e também possibilita enxergar as imagens a partir de processos interpretativos diversos. Sobre essa questão, Ferraz e Furlan (2019, p. 208), em suas pesquisas sobre essa questão da imagem na sociedade, explicam que “do mesmo modo que acreditamos na transparência do signo linguístico e, com isso, vemos língua/linguagem como algo fixo e estável, também fazemos isso com as imagens”. Por isso, é essencial que na sala de aula haja a compreensão de que uma imagem “é representada e traduzida no jogo da linguagem, entre materialidade (sua própria existência), seu contexto histórico (em que momento está sendo lida?) e a subjetividade do intérprete (que pode levar quase ao infinito o jogo das interpretações” (FERRAZ e FURLAN, 2019, p. 209).

De forma similar, a participante Da Silva acredita que a prática constante de letramento visual possibilita que o professor trabalhe com temáticas críticas na educação linguística.

A partir da temática, o uso dos textos imagéticos e o ponto de culminância seria justamente o pensamento crítico, geralmente a atividade conduz a isso, a um pensamento crítico. O pensamento crítico em inglês, para que o aluno possa conseguir expressar isso em inglês, não é tão simples... não é tão simples como eles fariam em língua portuguesa. Então, o que eu geralmente promovo é uma discussão que envolve as duas linguagens: português e inglês, e assim você consegue fazer um texto, né? usando as suas capacidades de escrita e fala a respeito do tema em questão. Eu gosto sempre de tentar entender o meu aluno antes de começarmos a discussão propriamente em língua inglesa. Gosto que eles falem para mim antes em português, o que é que ele tinha pensado, né? Eu uso as duas línguas porque eu vejo como a forma de melhor integração, melhor relação com assunto. (DA SILVA, 2022)

A partir desse relato realizado pela professora Da Silva ela demonstra que os textos imagéticos são utilizados em suas aulas com intuito de trabalhar sob a perspectiva dos letramentos visuais, visando o letramento crítico de seus alunos. Da Silva, como já mencionado, é professora de inglês do ensino superior em um curso de Letras, e na sua prática de educação linguística prevalece a consideração do uso da língua como uma manifestação política, no sentido explicado por Sabota (2018, p. 55), de uma “educação para o respeito, para o debate, para a construção colaborativa de sentidos que sejam capazes de transformar realidades, oxigenar ideias e favorecer que as vozes antes silenciadas emergjam”. Para tanto, a professora permite o uso de português e inglês nas aulas, para que as vozes dos alunos com pouco repertório linguístico em língua inglesa não sejam silenciadas no debate.

A professora Bia também acredita que a prática constante de letramento visual possibilita que o professor trabalhe com temáticas críticas na educação linguística. Durante nossa entrevista, ela relata uma atividade utilizando uma animação e diz os motivos que a levaram a utilizar os letramentos visuais em suas aulas de inglês.

Recentemente eu trouxe para sala de aula um vídeo, que é a história de uma menina, o nome do vídeo é “Hair Love”, é a história de uma menina que tinha um cabelo afro, né? E o pai dela tinha dificuldade para pentear o seu cabelo e o pai lutava para tentar aprender a arrumar aquele cabelo daquela criança, né? E a mãe que estava no hospital com câncer perdeu todos os fios do cabelo, né? Eu coloquei o vídeo todo em inglês, eu trabalho em uma escola regular, então os alunos não têm domínio 100% da língua. Porém o vídeo chamou muita atenção, né? E eles conseguiram compreender o que estava acontecendo na história. E elas conseguiram através desse visual compreender, porque eu tenho certeza que se fosse só a língua estrangeira mesmo que estava sendo narrada no vídeo, elas não iam conseguir compreender e só visualizando elas conseguiram refletir, né? E com esse letramento visual elas conseguiram refletir e discutir algo que não era o meu propósito naquele momento, as crianças conseguiram ir além, né? Eu achei isso muito importante, isso delas ter essa experiência com o letramento visual por meio do vídeo, não sei se é isso, acredito que isso tenha a ver com letramento visual. (BIA, 2022)

As afirmações da participante a partir desse episódio narrado por ela trazem indícios de que o uso dos letramentos visuais auxilia no processo de aprendizagem de seus alunos, uma vez que seus alunos são crianças e elas são muito visuais. Além disso, como ela mesma disse, eles possuem pouco repertório linguístico em língua inglesa e o vídeo possibilitou a interpretação deles. Cabe ressaltar que o vídeo escolhido por ela também abre a possibilidade de trabalhar com a percepção crítica dos alunos, pois há uma temática social nessa animação

“Hair Love”, a qual trabalha a questão da representatividade negra e tem como personagens uma família negra. Assim, a partir de vídeos como o citado, é possível promover uma prática de educação linguística, que “pode colocar em xeque o status quo, desconstrói discursos racistas, homofóbicos, xenofóbicos, misóginos e classistas”, pois “através das reflexões que ocorrem a partir da observação das práticas sociais e do nosso cotidiano, podemos construir e reconstruir práticas de empoderamento e críticas através da linguagem (FERREIRA, 2012, p. 36).

FIGURA 17: Animação “Hair Love”



Fonte: <https://static01.nyt.com/images/2019/08/28/arts/28hair-love1/merlin>.

Quanto às vivências durante essa proposta de trabalhar com o vídeo, esse relato serve para refletirmos sobre a importância de trabalharmos com a diversidade e representatividade, a partir dos letramentos visuais. Pois, a diversidade cultural ainda é pouco representada no cinema, a cultura do estrangeiro ainda é muito relatada nos filmes, trazendo um enfoque para a “cultura inglesa”, os costumes e modos de viver do povo dos Estados Unidos (FERREIRA, 2012). Essa questão da falta de representatividade dos grupos sociais não hegemônicos é uma urgência e com ela surge a necessidade de discutirmos as relações de identidade na sociedade, pois não existe apenas uma identidade. Isso se faz necessário para que possamos ter um olhar que vise a alteridade, reconhecendo o outro, a outra cultura, a outra identidade como tão valiosa e importante quanto qualquer outra. Nesse sentido, a educação linguística deve estar “atenta aos alunos e às alunas em suas identidades, sabendo que se trata de identidades sociais, sejam elas de raça, de gênero, de classe social e de muitas outras categorias, e que estão interagindo em

sala de aula” (FERREIRA, 2012, p. 37). Assim, a leitura crítica de imagens, principalmente daquelas que reforçam um padrão ideal, possibilita uma desconstrução e discussão sobre a falta de representatividade. Essa questão do padrão ideal de cultura, raça e costume é muito limitado e excludente, pois desconsidera tudo aquilo que não cabe no ideal padronizado, que nada mais é do que uma construção estereotipada presente em nossa sociedade.

Diante das imagens que circulam na mídia e nas redes sociais, a diversidade de identidades sociais muitas vezes é pouco representada. Por esse motivo, o letramento visual é essencial, pois se o professor conseguir desenvolver um “trabalho consciente com as imagens”, a aprendizagem linguística será em conjunto com a cultural e humanística, promovendo uma “expansão interpretativa das imagens”, e também “uma horizontalização da relação educador e educando (pois não se trata apenas da interpretação válida do professor, mas da negociação de interpretações entre todos, docentes e discentes)” (FERRAZ e FURLAN, 2019, p. 212).

A professora Ana também tem a percepção de que a prática constante de letramento visual possibilita um maior aprendizado por parte dos alunos. Durante nossa entrevista ela relata que o visual traz mais possibilidades e que considera o visual como um facilitador de aprendizagem.

Eu acho que sim, a respeito da língua inglesa, por exemplo, o trabalho com a música quando você usa a imagem ou vídeo, pode explorar assim de maneira muito semiótica e depois eu acho que as atividades ficam mais interativas. E quanto esses novos aprendizados, enquanto professora, eu aprendi bastante. Em relação aos alunos, eu acho que também, por exemplo, eles aprenderam a mexer nas ferramentas também. (ANA, 2022)

As considerações acima na visão da participante refletem sobre a relevância da semiótica na prática docente. Nesse sentido, a fala da professora Ana ressalta o trabalho com a língua de forma diversa ao utilizar vídeos e músicas, por exemplo, ela acredita que as aulas se tornam mais dinâmicas, e isso desperta o interesse de seus alunos. É importante ressaltar que durante esse processo de aprendizagens aprendemos muito com os nossos alunos, pois eles já trazem consigo vivências diversas. Ela também relata sobre a possibilidade de explorar os vídeos na percepção da semiótica.

Sobre essa questão, a semiótica prima pelo estudo do texto em suas diferentes formas e linguagens. Embora a semiótica seja mais utilizada para se referir a textos digitais, a multimodalidade já era encontrada em pinturas rupestres que demonstram a vida cotidiana do homem expressa por signos. Assim, destaco que os letramentos visuais sempre estiveram

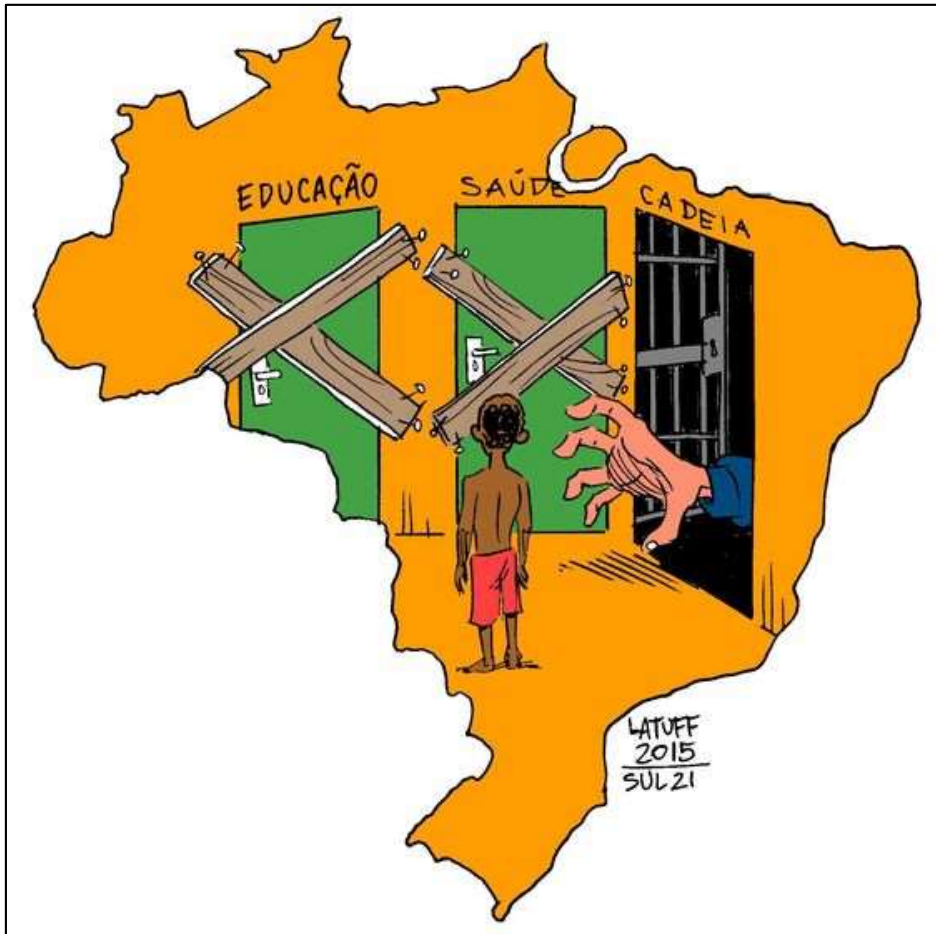
presente em nosso cotidiano. Atualmente, os textos verbais convivem mutuamente com ícones, fotos e vídeos expressando sua multimodalidade (CAZDEN et al, 2021).

A professora Maya relata sobre o uso de textos imagéticos nas suas práticas de ensino de língua inglesa. Ela também tem a percepção dos textos imagéticos como facilitadores da aprendizagem e aponta alguns motivos para trabalhar com os letramentos visuais.

Tem um site que eu usei muito como criador de memes. Nesse site os alunos criam memes, tinha uma tarefa específica, como proposta no texto do livro, assim na terceira série, o livro que eles utilizam é do SAS, aí é só leitura de texto, só leitura nada mais, não tem nada de gramática, com intuito de focar no Enem né? Lógico. Em umas das propostas do livro eu aprendi a usar lá na pandemia e eu uso até hoje, que é o criador de memes e o aluno cria. E aí usei bastante o que eles conseguem, essa aproximação que eu falei, eles conseguem criar tranquilamente. E aí eu penso que isso inova tudo. (MAYA, 2022).

A declaração da professora Maya ilustra a sua prática de ensino de língua inglesa, em que utiliza textos imagéticos como recursos didáticos para a aprendizagem dos alunos. Para ela, o uso de textos imagéticos facilita a aprendizagem, pois permite que os alunos se aproximem dos conteúdos de forma lúdica, criativa e engajadora. A utilização de textos imagéticos no ensino de língua inglesa não é uma prática nova e vem sendo discutida há algum tempo na literatura acadêmica. Segundo Rojo e Moura (2012), como já mencionado, a utilização de textos imagéticos no ensino de línguas pode oferecer uma gama de oportunidades de aprendizagem e de prática linguística. Textos imagéticos podem contribuir para a compreensão e a produção de textos orais e escritos, permitindo o desenvolvimento de habilidades linguísticas, tais como a compreensão leitora, a interpretação de imagens, o desenvolvimento do vocabulário, entre outras.

FIGURA 18: Memes como possibilidade de críticas.



Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/b7/d8/f9/b7d8f908bbcd8c8f06c220786a8c696f.jpg>.

A professora Maya também menciona o uso de memes como uma atividade lúdica e criativa para os alunos. A utilização de memes tem sido apontada em muitas pesquisas como uma possibilidade de promover a aprendizagem de línguas por meio de conteúdos que os alunos têm interesse e familiaridade (LOMICKA e LORD, 2012). Além disso, a criação de memes pode ser uma forma de promover o desenvolvimento de habilidades linguísticas, como a produção escrita e a interpretação de linguagem figurativa.

No entanto, é importante considerar que o uso de textos imagéticos no ensino de línguas não pode ser visto como uma solução mágica para os problemas enfrentados pelos professores. É necessário que haja um planejamento cuidadoso e intencional das atividades e dos materiais utilizados, bem como uma reflexão crítica sobre as implicações pedagógicas desse uso. Em relação a essa pesquisa que aborda os letramentos visuais em práticas de educação linguística, a declaração da professora Maya pode ser considerada um exemplo prático de como os letramentos visuais podem ser utilizados em sala de aula. Além disso, a declaração destaca

a importância de uma abordagem lúdica e criativa para o ensino de línguas, que pode promover a aprendizagem de forma significativa e engajadora para os alunos.

Assim ressalta-se o uso consciente e intencional de letramentos visuais nas aulas de língua inglesa, com o objetivo de ampliar as possibilidades de acesso ao conhecimento e fomentar a participação dos alunos em atividades que envolvam a linguagem. A partir do uso de diferentes recursos, como vídeos, charges, memes, entre outros, a professora busca criar um ambiente de ensino diversificado e inclusivo, que atenda às necessidades e interesses dos seus alunos.

De acordo com Street (2014), o letramento visual é uma prática social que se apoia na compreensão e produção de diferentes tipos de imagens, como fotos, vídeos, gráficos, entre outros. O autor destaca que o uso de letramentos visuais na educação pode favorecer a ampliação das habilidades linguísticas dos alunos, permitindo que desenvolvam estratégias para interpretar e produzir diferentes tipos de textos, além de incentivar a criatividade e a expressão.

Desta maneira, o professor que demonstra ter uma compreensão dos benefícios do uso de letramentos visuais no ensino da língua inglesa, faz uso de diferentes recursos e busca estabelecer uma conexão entre o conteúdo linguístico e a realidade dos alunos, entendeu todo o processo, pois assim ele consegue aumentar a motivação e o engajamento durante as aulas. Além disso, ao utilizar textos imagéticos para promover discussões e atividades que incentivem a expressão e a opinião dos alunos, promove-se uma prática social de uso da língua, que é fundamental para a formação de indivíduos críticos e participativos na sociedade. Nessa direção,

A educação linguística (em línguas portuguesa, LIBRAS ou estrangeiras) e os estudos da linguagem assumem um papel fundamental nessa relação língua, linguagem, imagens, representação, construção de sentidos (interpretação). Portanto, o fazer pedagógico (e o próprio fazer humano) necessitam deslocamentos epistemológicos e sobretudo ontológicos se realmente desejamos um mundo coabitável e possível. Em tempos de escola sem partido e tantas ameaças à vários direitos humanos, novos olhares precisam ser incentivados. Essa é justamente a nossa proposta de um letramento visual ético e responsável. (FERRAZ e FURLAN, 2019, p. 218)

No contexto do ensino remoto, a utilização de letramentos visuais se torna ainda mais relevante. Nesse sentido, o uso de diferentes tipos de textos imagéticos pode ser uma estratégia eficaz para manter a atenção e o interesse dos alunos nas atividades propostas. Por fim, é importante destacar que a prática da professora Scooby (já mencionada anteriormente), por exemplo, evidencia a importância do uso consciente e intencional de letramentos visuais no ensino de língua inglesa. O uso dos letramentos visuais pode ampliar as possibilidades de

aprendizagem e favorecer o desenvolvimento de habilidades linguísticas e críticas nos alunos. Portanto, a inclusão de letramentos visuais nas práticas de educação linguística deve ser incentivada e explorada pelos professores, de forma a proporcionar um ensino mais diversificado, dinâmico e participativo.

Nesse aspecto, a participante Scooby fala sobre uso de textos imagéticos e sua contribuição para a construção de sentidos e de pensamento crítico nas suas aulas de línguas, ou seja, de como o uso dos letramentos visuais desenvolve a percepção crítica de seus alunos.

Principalmente quando eu levo a charge ou meme, ou alguma propaganda, né? ou alguma cena específica de seriado ou trecho de alguma música por exemplo, aquela Première hirtz da Beyoncé, para falar por exemplo sobre padrão de beleza, né? Então eu acredito que esses textos ajudam de forma muito significativa. Principalmente para desenvolver um pensamento crítico sim, porque quando eu trago eles, eu permito, né? que eles tenham a voz de poder, colocar a voz deles dentro da sala de aula usando a língua para fazer isso. (SCOOBY, 2022).

Para Scooby, textos imagéticos como charges, memes, propagandas, cenas de séries e músicas são recursos valiosos para iniciar conteúdos e promover discussões que levem à reflexão crítica. A partir da visualização, a professora Scooby permite que seus alunos exerçam seu poder de voz e se posicionem de forma crítica, utilizando a língua como ferramenta para isso.

FIGURA 19: Reflexões sobre os padrões estéticos na música de Byonce.



Fonte: https://movinggirls.com.br/blog/wp-content/uploads/2020/09/beyonce-pretty-hurts_padrao-de-beleza.jpg

A percepção crítica que os alunos desenvolvem por meio dos letramentos visuais é um tema relevante na literatura acadêmica sobre o ensino de línguas. Autores como Kress e Van Leeuwen (2006) e Jewitt (2008) defendem que o uso de imagens na sala de aula pode ampliar as possibilidades de comunicação e interpretação de diferentes culturas, trazendo à tona questões sociais e políticas.

Através do diálogo crítico que se estabelece entre as imagens e os alunos, a compreensão do mundo se expande e os alunos podem se tornam capazes de interpretar e produzir diferentes tipos de textos em diferentes contextos. Kress (2003) propõe que a comunicação é, por natureza, multimodal, o que implica que os textos não se limitam ao verbal, mas incluem elementos visuais e outros modos semióticos. Essa concepção é fundamental para o desenvolvimento de práticas de educação linguística que vão além do ilustrativo, ou seja, que não se limitam à utilização de imagens apenas como ilustrações de um texto verbal. Nesse sentido, a obra de Kress pode ser vista como uma referência importante para a compreensão dos letramentos visuais em práticas de educação linguística. Ao analisar essa obra, Ribeiro (2020) traz reflexões relevantes para o contexto atual, em que o uso de tecnologias digitais e o ensino remoto se tornaram mais presentes.

Dentre tais considerações destaco, assim, a partir das reflexões propostas por Ribeiro (2020) e Kress (2003), é possível perceber a importância de uma abordagem mais ampla e integrada dos letramentos visuais nas práticas de educação linguística, considerando não apenas o verbal, mas também outros modos semióticos presentes nas diversas formas de comunicação. Dessa forma, é possível desenvolver práticas mais significativas e engajadoras para os estudantes, ampliando suas possibilidades de leitura e produção de textos multimodais.

Portanto, a experiência de Scooby confirma a relevância do uso de letramentos visuais no ensino de línguas, não somente como recursos ilustrativos, mas como elementos que permitem a construção de sentidos e o desenvolvimento do pensamento crítico e da percepção cultural. Com isso, a utilização de textos imagéticos se torna um instrumento poderoso de engajamento dos alunos, proporcionando a eles a possibilidade de explorar as diversas linguagens e compreender a diversidade cultural do mundo contemporâneo.

O professor Jota também tem uma percepção positiva acerca do uso de textos imagéticos nas suas práticas de ensino de língua inglesa durante o ensino remoto. O relato dele a seguir fala sobre as suas vivências durante o período de aulas remotas.

Inicialmente, é muito útil para os alunos que jamais tiveram contato com a língua alvo, de língua inglesa, entende? É importante para eles

entenderem as explicações de forma oral, né? Entenderem explicações feitas de forma oral é muito difícil para eles entenderem, por essa razão as imagens e os vídeos. Eles são muito úteis, né? para facilitar o entendimento dos alunos, então, e principalmente nos anos iniciais, para crianças e para adultos também, depois a gente continua utilizando vídeos e imagens, mas não necessariamente para explicar, né? Mas sim como um starter, né? É como um gatilho para iniciar. Ah! mas nos níveis iniciais, para crianças, as imagens são muito importantes para que a gente possa entender, principalmente coisas que não fazem parte do cotidiano delas, fazem parte do cotidiano dela com as imagens e com os vídeos, a gente consegue entender mais rápido. (JOTA, 2022)

O professor Jota destaca a importância do uso de textos imagéticos, principalmente em níveis iniciantes de ensino de língua inglesa, tanto para crianças quanto para adultos, a fim de facilitar o entendimento dos alunos. Ele menciona que as imagens e vídeos são úteis para explicar coisas que não fazem parte do cotidiano dos alunos e servem como um gatilho para iniciar a compreensão da língua alvo. Além disso, ele ressalta que, mesmo em níveis mais avançados, o uso de imagens e vídeos pode ser valioso como complemento ao ensino tradicional.

A professora Da Silva, por sua vez, explica que todas as aulas são pensadas a partir de uma temática social e que utiliza textos imagéticos para expandir a construção de sentidos e de formação crítica.

Mais recente, vou citar os mais recentes, eu utilizei fotos, as fotos eram relacionadas com o conteúdo que eu estava, com o conteúdo temático, que eu tava explicando, utilizei vídeos. Na temática de um dos vídeos que eu utilizei, a gente tava falando sobre violência, sobre aquele caso do moço que foi morto no Carrefour, no estacionamento do Carrefour. Aí eu encontrei um vídeo que tinha legenda em inglês e utilizei o vídeo. Então, assim como minhas aulas são temáticas, as imagens dos vídeos, uso quadrinhos também, eu gosto de utilizar, eles são todos contextualizados com a temática que vou trabalhar no dia, aí aqui até fala sobre como eu seleciono, né? (DA SILVA, 2022).

Nessa prática pedagógica da professora Da Silva, o uso de letramento visual coaduna a compreensão de educação “como uma forma de ver o mundo e construir sentido a partir de um posicionamento. Um sentido que inclua, que ouça, que respeite, que se permita sentir a si e ao outro antes de responder com regras, fórmulas e formas (SABOTA, 2018, p. 52).

A utilização de recursos imagéticos nas aulas de língua é uma prática cada vez mais comum, sendo reconhecida por diversos estudiosos como uma forma eficaz de promover a construção de sentidos e o pensamento crítico dos alunos (JEWITT, 2014; KRESS; VAN

LEEuwEN, 2006). A participante Da Silva compartilha essa visão, destacando que suas aulas são pensadas a partir de uma temática social e que o uso de imagens, vídeos e quadrinhos relacionados a essas temáticas têm sido uma forma eficiente de promover o letramento visual e crítico de seus alunos.

FIGURA 20: Assassinato de um homem negro no Mercado Carrefour



Fonte: <https://www.brasildefatomg.com.br>

A professora Da Silva segue uma perspectiva de educação linguística, que busca engajar os alunos em temáticas sociais relevantes para a sociedade e, ao mesmo tempo, desenvolver suas habilidades linguísticas e interpretativas. Nesse sentido, o modo como Da Silva atua é reflexo do seu posicionamento, da sua escolha por um desafio.

As reflexões e os estudos que tenho feito sobre a atuação crítica têm me levado a considerar que promover uma educação linguística crítica seja, primeiramente, um posicionamento, a aceitação de um desafio. Desafio de vivenciar uma prática problematizadora (PENNYCOOK, 2001) que não se restringe aos temas com os quais trabalhamos e que tocam assuntos que podem ser ressignificados, pensando na construção de uma vida menos desigual. (BORELLI, 2018, p. 120)

No entanto, é importante destacar que o uso de imagens e recursos multimodais requer cuidados e reflexão por parte do professor, para evitar reproduzir estereótipos e preconceitos, bem como para promover uma análise crítica das mensagens veiculadas pelos materiais

selecionados (CALLISTER; WALLACE, 2016). Além disso, é fundamental que o uso de recursos multimodais esteja integrado a uma abordagem pedagógica que busque desenvolver habilidades de leitura e escrita em língua materna e estrangeira, de forma crítica e reflexiva (JORNITZ; PETRILLI, 2020). Para tanto, ressalta-se a relevância da seleção cuidadosa de materiais multimodais, integrados a uma perspectiva crítica e reflexiva da educação, para promover a participação ativa dos alunos e o desenvolvimento de sua percepção crítica. Todavia, pesquisas indicam que mesmo se preocupando com o letramento visual, muitas vezes os professores “são privados de uma abordagem mais rica pelo sistema educacional, falta de recursos, seus gestores e a própria formação continuada que, a nosso ver, deixa a desejar em termos de letramento visual” (FERRAZ e FURLAN, 2019, p. 216).

Em relação ao uso de textos imagéticos e sua contribuição para a construção de sentidos e pensamento crítico nas suas aulas de línguas, o professor Matheus também traz sua percepção positiva.

A partir do momento que ele [aluno] entende qual é o contexto daquela fala, daquele texto, enfim, do porquê que nós estamos utilizando essa metodologia... eles conseguem compreender o porquê que estão aprendendo. É o caso da Jane Austen, a gente já leu “Orgulho e Preconceito” e muita gente já ouviu pelo menos, mas muita gente não sabe que foi uma mulher que escreveu, não sabe o que ela teve que passar para escrever... Uma lady, né? e não podia assinar o próprio nome. Então, quando você traz isso visualmente, há um impacto muito maior. (MATHEUS, 2022).

O professor Matheus tem a percepção de que trazer elementos visuais para a sala de aula, como a figura da autora Jane Austen, é impactante e ajuda na compreensão do contexto de uma fala ou texto, os alunos são capazes de entender melhor o propósito e a importância de estarem aprendendo aquilo. Em outras palavras, é um uso da imagem para que os alunos possam ter uma compreensão mais profunda e significativa do que estão estudando. No exemplo citado, o tipo de abordagem pôde levar a uma reflexão crítica sobre o papel da mulher na sociedade e na literatura, por exemplo.

É importante que os professores de línguas, assim como Matheus, tenham ciência de que

[...] as maneiras como planejamos nossas aulas, o que preparamos para acontecer dentro delas, as escolhas temáticas e de materiais didáticos etc., não são meros meios para ensinar uma estrutura linguística. São (ou deveriam ser), antes, a maneira como levamos a vida social para a escola, como aproximamos nossas realidades do espaço educacional e como podemos fazer uso dele para influenciar e transformar nossas

realidades segundo os interesses de nossas comunidades.
(MASTRELLA, 2018, p. 136).

Nesse sentido, o uso de letramentos visuais pode ser uma prática eficiente para promover o letramento crítico e a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com as questões sociais e políticas do mundo em que vivem. Considerando que os usos que fazemos de linguagem operam sobre nossas realidades (MASTRELLA, 2018), é importante que as atividades com imagens, vídeos e outros recursos visuais sejam planejadas e contextualizadas de forma apropriada, com o intuito de aproximar e transformar realidades sociais.

Como já mencionado, a literatura acadêmica tem destacado o potencial do uso da perspectiva dos letramentos na educação, a partir de uma visão crítica e sociocultural, que busca compreender como as práticas de leitura e escrita são influenciadas pelas relações de poder e pelas dimensões socioculturais em que estão inseridas (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996; STREET, 2003; NEW LONDON GROUP, 1996). Nessa direção, a utilização de letramentos visuais pode ser considerada como uma prática pedagógica que amplia a capacidade dos alunos de compreenderem, de se expressarem e de se comunicarem em diversas esferas sociais, podendo assim contribuir para mudanças na sociedade.

Retomando a reflexão sobre escolhas temáticas, no excerto a seguir a participante Scooby fala sobre os motivos e o modo como seleciona o seu material didático para promover letramentos.

Sim, é sempre algo que eu sei que é do contexto do meu aluno, né? Então eu busco situações que a gente chama, né? Tem uma autora, Rezende, agora não lembro o primeiro nome dela. Rezende chama de temas vivenciais, então eu dou início a partir do que está dentro do contexto do meu aluno, para pensar a aula. Então eu sempre começo a aula com alguma discussão sobre algum tema, por exemplo, o padrão de beleza, desigualdades sociais ou regionalidade, né? Esses três, por exemplo, foram temas da minha pesquisa. E aí, eu, pela minha pesquisa eu descobri, né? Eu percebi como trazer essas questões que tá no meio deles, isso faz com que eles utilizem a língua de uma maneira mais natural, porque eles querem trazer a voz deles, a ideia deles, o defender, né? O que eles acreditam e utilizam. Então eu sempre trago questões, né, para a sala de aula, que sejam esses temas vivenciais e que contemplem o contexto dos meus alunos. Então, por exemplo, eu fui dar aula sobre condicionais no nono ano, eu selecionei três charges que traziam críticas, né? de aspectos diferentes da sociedade, um relacionado à educação, uma era relacionada a feminicídio e uma outra eu não me recordo bem aqui agora, mas eu utilizei essas três charges para a gente fazer uma discussão, conversar, né? E geralmente esse primeiro momento é em português, para que depois a gente fique pensando nas possibilidades de que e do que poderia ser feito para que

o resultado fosse outro, né? E aí para a gente utilizar as diversas vozes. Então primeiro, faço isso, para poder trazer o aspecto linguístico de uma forma mais significativa, né? E eu notei que eles conseguiram construir as frases porque eles colocaram nas frases a opinião deles. (SCOOBY, 2022).

Em seu relato a professora Scooby explica que busca “temas vivenciais” para trabalhar nas aulas. Rezende (2017), mencionada no excerto, faz uma crítica em relação ao uso de temas polêmicos nas aulas de línguas.

A prática de sala de aula, nas aulas de línguas estrangeiras, por temas (polêmicos), no lugar de meros conteúdos, é uma inovação da Linguística Aplicada Crítica, já consolidada. Com o tempo, entretanto, foi-se formando um cânone temático para as práticas de sala de aula de língua estrangeira e as práticas críticas foram perdendo a criticidade. (REZENDE, 2017, p. 282).

A partir dessa crítica a autora pontua que a atuação pedagógica por temas vivenciais promove “a insurgência da vida”, por serem construídos por todos envolvidos, “junto@s e em igualdade”, assim são “temas da vida, mas, principalmente, são temas prenhes de vida” (REZENDE, 2017, p. 283).

Os *temas vivenciais* se assemelham aos *temas contextuais* das licenciaturas em educação intercultural de formação de docentes indígenas, como a da UFG (Cf. PIMENTEL DA SILVA; BORGES, 2011), por serem contextualizados na vida e no mundo das pessoas, e por isso serem interculturais e transdisciplinares. Aproximam-se também muito da arte da “escrevivência”, de Conceição Evaristo (2006), porque promovem a reconfiguração ou ressignificação identitária e, assim, são temas-corpos, temas-vidas, temas vivências – temas vivenciais. (REZENDE, 2017, p. 283)

Nessa direção, a professora Scooby amplia sua atuação pedagógica na perspectiva da educação linguística ao trabalhar com temas vivenciais e com letramentos visuais, trazendo para a sala de aula discussões sobre questões sociais relevantes para os alunos, como o padrão de beleza, desigualdades sociais e regionalidade, por exemplo. A escolha por temas vivenciais, a meu ver, se alinha com a proposta dos letramentos visuais, que considera o contexto e as vivências dos alunos como elementos fundamentais para a construção de sentidos.

Além disso, a participante destaca que as charges e outras imagens são utilizadas como ponto de partida para a construção de conhecimento linguístico e crítico. Scooby percebe que o uso de letramentos visuais faz com que seus alunos utilizem a língua de uma forma mais “natural”, porque eles querem trazer sua voz e defender suas ideias.

Em suma, as percepções da professora Scooby evidenciam a importância do uso de letramentos visuais para a construção de conhecimento linguístico e crítico em práticas de educação linguística. A abordagem temática e crítica, sobre o uso de temas vivenciais e a promoção da participação ativa dos alunos na construção de sentidos, são elementos centrais dessa prática, que tem o potencial de expandir a criticidade dos alunos e contribuir para uma formação cidadã mais consciente e participativa.

Nesse sentido, considerando os motivos para o uso dos letramentos visuais nas práticas de educação linguística, o professor Matheus relata sobre o que o leva a essa prática.

Então quando você traz a questão visual, a imagem, que é hoje o que domina, eles vão entender o que é aquilo ... porque é bom ter curiosidade em procurar, descobrir outras vertentes, né? Então, assim, tal coisa e eu utilizo muitas questões de curiosidades, né? Como é feito aqui, ali, trago o Harry Potter. Enfim, filmes que eles gostam, porque eles precisam também ter essa curiosidade, despertar a curiosidade do aluno que vai fazer com que ele produza muito mais e melhor. Então visualmente o aprendizado, pelo menos a meu ver, a questão do aprendizado visual é uma coisa assim, fantástica. E aí a internet e as tecnologias te trazem inúmeras possibilidades de fazer isso. (MATHEUS, 2022)

O uso dos letramentos visuais nas práticas de educação linguística pode trazer diversos benefícios, como despertar a curiosidade do aluno, proporcionar um aprendizado mais significativo e efetivo, contribuir para a construção de sentidos e pensamento crítico, além de permitir a exploração de diferentes vertentes e possibilidades. O professor Matheus destaca a importância de utilizar imagens e outros elementos visuais para engajar os alunos e despertar o interesse deles pelo aprendizado, além de utilizar questões de curiosidades e temas relacionados aos interesses e contextos dos alunos para tornar a aula mais significativa e envolvente. Ele também ressalta que a tecnologia e a internet oferecem diversas possibilidades para explorar os letramentos visuais e tornar o aprendizado mais atrativo e dinâmico. Desta forma, a educação linguística pode ser “uma opção viável de promover o diálogo e trazer a vida para a sala de aula. Neste sentido, ela pode ser um agente que corrobora para a equidade e a inclusão social para além de um modo burocrático de ensinar línguas” (SABOTA, 2018, p. 58).

A respeito da relevância do letramento visual na educação linguística, da sua importância para construção de significados na aprendizagem de línguas, a participante Scooby menciona que:

Eu sou uma pessoa extremamente visual, então, acredito que eu levo para sala de aula um pouco de mim, da forma que eu aprendi, da forma que eu ensino, da forma que eu aprendi, eu acho. E eu me considero uma pessoa visual, eu busco elementos visuais para trabalhar minha disciplina, e aí eu busco diversas formas de textos visuais, eu prefiro o texto visual do que o escrito mesmo, né? Ou a mistura dos dois, mas eu tenho essa facilidade muito grande de aprender as coisas por meio do visual. (SCOOBY, 2022).

O relato da professora Scooby reitera a afirmação de Freitas e Avelar (2021, p. 93) de que “as nossas escolhas como professoras estão cheias de nós e refletem o que pensamos, o que e como fazemos; também, são construídas pela nossa cultura e pelos elementos que a constituem”. Cabe ressaltar, mais uma vez, a necessidade de os cursos de formação de professores de línguas promoverem experiências de multiletramentos e de letramentos visuais para que os professores vivenciem novas formas de linguagem e novas formas de construir sentidos.

A participante Scooby destaca a importância do letramento visual em sua prática pedagógica, enfatizando sua preferência por elementos visuais e a facilidade de aprendizado por meio de imagens. Esse relato corrobora com as discussões atuais sobre a relevância do letramento visual para a educação linguística, que vai além do uso meramente ilustrativo das imagens.

De acordo com Cope e Kalantzis (2009), os letramentos visuais são tão importantes quanto os demais letramentos, pois ambos são formas de comunicação e produção de significados. Nesse sentido, a utilização de recursos visuais nas práticas de ensino pode proporcionar aos alunos novas formas de construção de significados e de compreensão dos conteúdos abordados, além de ampliar suas habilidades de leitura e interpretação de imagens. Além disso, é importante destacar a necessidade de os professores de línguas estarem cientes de suas próprias preferências e formas de aprendizagem, para que possam aplicar esses conhecimentos em suas práticas pedagógicas e assim, contribuir para a construção de ambientes de aprendizagem mais inclusivos e acessíveis.

Nesse sentido, as declarações da professora Scooby reforçam a importância de os cursos de formação de professores de línguas incluírem experiências de multiletramentos e letramentos visuais em sua grade curricular, para que os futuros professores possam vivenciar novas formas de linguagem e novas formas de construir sentidos. Essa formação mais abrangente pode ser uma maneira de preparar os professores para atender às demandas de uma

sociedade cada vez mais visual e multimodal, contribuindo para uma educação linguística mais atualizada e eficaz.

Diante das entrevistas realizadas ao longo deste estudo, houve algumas percepções que se divergem entre os participantes deste estudo. A professora Alice, por exemplo, ao relatar sobre as aulas remotas no período da pandemia, fala sobre as suas vivências e sentimentos enfrentados durante esse período e sobre demandas extras e falta de acessibilidades por parte dos alunos. A partir de sua fala, a participante parece associar os letramentos visuais apenas com a tecnologia.

Até por ser muito violento para conosco, professores, que a gente passou a ter que lidar não só com as nossas mazelas, mas tem que ouvir as situações muito tristes dos pais e descobrir que eu já falei isso várias vezes, que não importava que eu estava 10 anos na mesma escola, 9 anos na mesma escola, assim, eu ainda me surpreendi com a pobreza dos alunos, porque eu fazia as coisas testadas no meu celular, mas aquilo que dava no meu celular A8 no celular do meu aluno que era um S10 não dava, obviamente, nos celulares que meus alunos tinham, então muitas vezes mesmo aqueles que tinham celulares não tinham acesso. Porque aquilo que eu projetava para o meu celular, que eu estava com meu celular e funcionava no meu celular, muitas vezes não funcionava no celular dos meus alunos, então o letramento visual para mim ele é feito para algumas pessoas, ele funciona para algumas pessoas, ele não funciona para grande massa. (ALICE, 2022)

A participante Alice, ao se referir às suas vivências durante a pandemia, traz à tona uma questão importante que precisa ser levada em conta na discussão sobre letramentos visuais: a acessibilidade tecnológica. Ela aponta para o fato de que, apesar de ser uma professora que utiliza recursos visuais em suas aulas, a tecnologia muitas vezes não está disponível para todos os alunos, o que pode excluir uma grande parte dos estudantes e dificultar a aprendizagem.

Nesse sentido, é importante considerar a necessidade de se promover políticas públicas que garantam o acesso à tecnologia e, conseqüentemente, aos letramentos visuais. Além disso, é preciso ampliar o conceito de letramento visual para além da tecnologia, reconhecendo a diversidade de práticas culturais que envolvem a produção, circulação e consumo de imagens.

Conforme apontam Street e Lefstein (2007), os letramentos visuais são parte integrante de um conjunto mais amplo de práticas de letramento, que incluem tanto práticas orais quanto escritas, além de outras formas de comunicação. Assim, é importante reconhecer a complexidade das práticas de letramento, suas dimensões culturais e sociais, e as formas como elas são mobilizadas e transformadas em diferentes contextos.

Nesse sentido, é preciso pensar em estratégias que considerem as demandas e necessidades dos alunos, e que possibilitem a construção de sentidos por meio de múltiplas formas de linguagem. Isso pode incluir a diversificação de recursos e atividades que envolvam imagens e outros elementos visuais, além de estratégias pedagógicas que valorizem a cultura visual dos alunos.

Portanto, é fundamental que os professores tenham uma compreensão ampla e crítica do conceito de letramento visual, considerando não apenas suas possibilidades, mas também suas limitações e desafios em relação à inclusão e à equidade educacional.

A respeito disso, a participante tem a percepção de que os letramentos são uma forma de exclusão, e que eles só são acessíveis para pessoas que tem uma condição financeira melhor. Ela também acredita que a pandemia foi o momento em que isso se tornou mais claro, diante das vivências que ela teve durante o período.

Era muito difícil, então acho que tem coisas que estão mais embaixo dos letramentos que as tecnologias, os letramentos digitais neste momento não resolveram não. E isso só escancara a pobreza, sabe? Só deixou mais claro o lugar de cada um na sociedade, sabe o meu lugar é aqui com meu notebook, com meu tablet, com meu celular e o lugar dos meus alunos, desprovidos dessas coisas, sabe? (ALICE, 2022)

O relato da professora Alice mostra a importância de se considerar a relação entre letramento visual e acesso à tecnologia. A tecnologia é uma ferramenta importante para o letramento visual, mas não deve ser vista como a única forma de alcançar esse tipo de letramento. A questão do acesso à tecnologia deve ser levada em consideração, é necessário que haja políticas públicas para fornecer aos alunos os recursos necessários para que eles possam desenvolver suas habilidades de letramento visual.

No entanto, é importante destacar que a questão do acesso à tecnologia não é a única forma de exclusão relacionada aos letramentos visuais. A literatura acadêmica destaca que existem diferentes formas de exclusão relacionadas a esse tipo de letramento, tais como: exclusão social, cultural, econômica e educacional (GEE, 2003). Por isso, é fundamental que os professores estejam atentos às diferentes formas de exclusão que podem afetar o desenvolvimento de habilidades de letramento visual em seus alunos.

Dessa forma, o papel dos professores e das instituições de ensino é fundamental para garantir que todos os alunos tenham acesso a diferentes formas de letramento visual, incluindo aqueles que não possuem acesso à tecnologia digital. É importante que os cursos de formação de professores incluam discussões sobre as diferentes formas de exclusão relacionadas aos

letramentos visuais, de modo que os professores possam estar cientes dessas questões e trabalhar para superá-las em suas práticas de ensino. É necessário também que haja investimentos públicos para isso, uma vez que a educação não se sustenta sozinha, ela depende uma esfera maior.

Além dos motivos já mencionados, de acordo com a percepção da professora Da Silva os letramentos visuais são também uma forma de expandir a criatividade daqueles que tiverem contato.

Além da criatividade, né? Porque eu penso que com tudo isso, a nossa criatividade, ela é muito desenvolvida, eu penso porque eu tiro por mim, né? Quando eu tô ali pesquisando e viajando por tudo aquilo, eu penso mil coisas, né? Penso mil coisas, mil possibilidades, então a criatividade, talvez seja outro ponto também que está sendo desenvolvido com o uso [de textos imagéticos]. (DA SILVA, 2022)

A professora Da Silva destaca a importância dos letramentos visuais não só para a construção de conhecimento, mas também para o desenvolvimento da criatividade. Essa visão é compartilhada por diversos pesquisadores da área, como Kress e Van Leeuwen (2001), que afirmam que a multimodalidade pode permitir uma maior expressividade, criatividade e flexibilidade na comunicação. Além disso, Gee (2003) destaca que os letramentos visuais podem desenvolver habilidades de decodificação, interpretação e produção de textos multimodais, que são cada vez mais presentes na sociedade contemporânea.

A afirmação da professora Da Silva também reforça a importância de uma educação linguística que inclua múltiplas linguagens, uma vez que a criatividade e a capacidade de produzir e interpretar textos multimodais são habilidades fundamentais para a vida social e profissional. Mizan (2018, p. 228) explicita que o letramento visual, na perspectiva da educação linguística, deve “não só considerar a multiplicidade semiótica presente nas diferentes linguagens e formas de texto (verbal, visual, literário, musical e outros), mas também rejeitar as dicotomias conceituais entre o acadêmico e o popular, entre a produção cultural do centro e da margem”.

Nessa direção, os letramentos visuais podem levantar temáticas e possibilitar reconhecer o que está por trás de discursos proferidos em nossa sociedade, seja pelos filmes, redes sociais, jornais, entre outras mídias. É imprescindível que essas questões sejam trabalhadas na formação de professores e, conseqüentemente, nas escolas de educação básica. Diante disso, ressaltamos a necessidade de leitura crítica de imagens no ambiente educacional, pois as imagens são uma realidade em nosso cotidiano e geralmente no meio acadêmico elas passam

despercebidas ou apenas são consideradas como recurso ilustrativo, ou somente ligadas à questão da aprendizagem linguística.



Os letramentos visuais são importantes porque permitem que os alunos interajam com textos de maneira mais significativa e engajada. Eles podem analisar imagens e outros elementos visuais em relação ao texto, o que ajuda a desenvolver habilidades de leitura crítica e interpretação. Ao longo da minha trajetória tenho observado que os letramentos visuais se fazem cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Para além deles, posso citar que tem provocado novas demandas, como o surgimento de novas discussões emergentes da sociedade contemporânea, como questões no âmbito social e cultural. A utilização de recursos visuais, sejam eles de imagens ou vídeos, permitem que os alunos sejam capazes de ampliar suas possibilidades de representação e comunicação, podendo expressar ideias e emoções de maneiras diferentes e mais ricas, tornando assim, protagonistas de seu aprendizado.

Cabe ressaltar que as tecnologias digitais e conseqüentemente os letramentos, estão modificando nossas práticas sociais, possibilitando nos comunicar e nos expressar por meio múltiplas linguagens: escrita, falada, imagens estáticas e em movimento, gestos, sons e vídeos. Eles acionam outras formas de ler e escrever através da multimodalidade, que trazem novas maneiras de produzir sentidos. A utilização de imagens, por exemplo, pode permitir que os alunos expressem ideias e emoções de maneiras mais complexas, do que apenas com palavras. Além disso, a análise de imagens e outros elementos visuais pode ajudar a desenvolver habilidades de comunicação visual.

Foi a partir das minhas experiências e vivências tanto pessoais como profissionais e visando os estudos da linguagem, que me propus a realizar esta pesquisa, pois entendo o quão valioso seria reconhecer as potencialidades dos letramentos visuais nas práticas de educação linguística. Cabe ressaltar, que nesta dissertação não pretendi prescrever modelos de ensino-aprendizagem, mesmo porque entendo que não há uma receita certa, pois é preciso sempre analisar o contexto em que se está inserido, para definir o que será feito.

A presente dissertação "Para Além do Ilustrativo: letramentos visuais em práticas de educação linguística" se propôs a investigar em que sentido o uso frequente das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) no ensino remoto promoveu experiências significativas de letramento visual e crítico na educação linguística. A pesquisa partiu do pressuposto de que no mundo contemporâneo, é essencial que as práticas educacionais considerem a multiplicidade de linguagens presentes nas diversas esferas da vida, incluindo a multimodalidade dos textos, bem como as diversas semioses características do ambiente digital, como as imagens, por exemplo.

O estudo abordou três objetivos específicos: (i) Analisar e compreender o uso de diferentes formas de linguagem, além da escrita e da oralidade, em contextos educacionais e suas implicações para o ensino de línguas. (ii) analisar as percepções dos professores quanto ao uso do letramento visual na educação linguística; e (iii) investigar quais funções as imagens desempenharam na construção de sentidos nas aulas virtuais de língua inglesa.

Desse modo, meu objetivo principal foi investigar a importância do uso de tecnologias educacionais no ensino de línguas e como os letramentos visuais são incorporados e utilizados nas práticas de educação linguística, tendo em vista a relação direta entre o letramento visual e o letramento digital. Através da revisão bibliográfica realizada e da análise do material empírico, foi possível observar que o uso de tecnologias digitais pode ser eficaz para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, bem como para a promoção de uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Para realizar a pesquisa, adotei uma abordagem qualitativa de cunho interpretativista. É importante destacar que a metodologia utilizada nesta pesquisa foi a qualitativa interpretativista, permitindo uma compreensão mais profunda das experiências e comportamentos humanos relacionados ao uso de letramentos visuais em práticas de educação linguística.

Os participantes foram nove professores de língua inglesa, que atuam em diferentes níveis educacionais, do ensino básico à pós-graduação. As análises realizadas apontam para a necessidade de que os professores tenham uma formação que lhes permita vivenciar novas formas de aprender e de ensinar, bem como para a necessidade de investimento para que as escolas possam promover mais acesso ao mundo digital.

A partir da definição dos objetivos, elenquei três perguntas norteadoras, para que a pesquisa se concretizasse. Abaixo, descrevo cada uma, com uma resposta sucinta a partir das minhas análises.

- ✓ Quais são as percepções que os professores de línguas, participantes desta pesquisa, têm em relação aos letramentos visuais?

A percepção da maioria dos professores é que os letramentos visuais contribuem para uma formação crítica, por parte dos alunos e também auxiliam no processo de aprendizagem de línguas, tornando o ensino mais interativo, mais dinâmico. Somente uma participante teve uma visão contrária a respeito dos letramentos, afirmando que os mesmos restringem muito o ensino, pelo fato de que nem todos os alunos têm acesso à dispositivos digitais e acesso à internet, evidenciando a falta de acessibilidade. Mesmo assim, vez ou outra, durante a entrevista ela contradiz sua ideia inicial, afirmando que eles também podem contribuir. A análise de sua fala indica que ela considera letramento visual apenas como o uso de ferramenta digital.

- ✓ Como os professores participantes estão utilizando os letramentos visuais em suas salas de aula de língua?

Os professores estão considerando os letramentos visuais, a partir da utilização de filmes, vídeos, animações, charges, *flashcards*, imagens da internet, memes, enfim, o máximo possível de recursos visuais, a fim de possibilitar o entendimento e a compreensão da língua inglesa. Lembrando que para cada um, uma realidade diferente, então, cada professor utiliza do recurso que ele tem disponível, bem como, aquilo que ele reconhece que fará sentido para seus alunos.

- ✓ Quais as contribuições e as dificuldades do uso de letramentos visuais?

Sobre as contribuições, após toda análise, acredito que os letramentos visuais auxiliam na educação linguística, principalmente por trazer a possibilidade de um trabalho com mais criticidade nas aulas de línguas, tanto no momento de realização das aulas, como também no momento da escolha dos recursos a serem utilizados.

Já sobre os desafios, pude perceber, que ainda há uma dificuldade, por parte dos professores, na compreensão de o que é, de fato, considerar os letramentos visuais na sala de aula. Esse é um ponto muito importante, pois precisa ser presente nos cursos de formação de professores de línguas. Além disso, ficou evidente que durante a pandemia esses desafios

ampliaram muito e de uma vez, pois para que a educação pudesse acontecer naquele momento, tinha que ser de forma remota. Muitos professores, sem nem saber, trabalharam sob a perspectiva dos letramentos visuais. Os principais desafios enfrentados foram no âmbito do acesso às ferramentas digitais, quando consideramos o uso das TDICs, ou seja, nem todos (professores e alunos) tinham aparelhos que suportassem as exigências do momento, não tinham dispositivos digitais, nem mesmo acesso à internet (tanto na escola, como em casa).

Esse é um problema relacionado às políticas públicas, da escola, da universidade, da sociedade como um todo, pois vimos que passamos por muitas dificuldades durante o período pandêmico, mas pouco mudou, ou pouco fizeram (politicamente) para que essa carência tecnológica, nos ambientes institucionais de ensino, fosse suprida.

A pandemia trouxe a necessidade de pensarmos a educação sob outro viés, o de enxergar que as tecnologias digitais, em conjunto com os letramentos visuais, devem ser aliados para a expandir a produção de conhecimento, tornando a aprendizagem mais significativa e contextualizada. As percepções dos professores participantes desta pesquisa evidenciam o quanto o uso de letramento visual pode ampliar a construção de sentidos dos alunos nas aulas de línguas. Além disso, as análises desenvolvidas podem contribuir para o debate sobre a necessidade de repensarmos os “repertórios necessários para nos prepararmos epistemologicamente para o desenho de currículos e práticas pedagógicas” (FERRAZ, 2018, p. 92), tanto nas licenciaturas em Letras quanto nas escolas de educação básica, que ainda valorizam predominantemente a linguagem escrita e oral em detrimento de outras formas de linguagem presentes na sociedade digital, como também podem subsidiar a prática docente e fomentar discussões em torno da necessidade de repensar a educação linguística diante das mudanças sociais e tecnológicas que marcam o mundo contemporâneo.

Por fim, a partir das (in)conclusões aqui descritas, destaco que a proposta dessa pesquisa teve o intuito de provocá-los a refletir sobre a importância dos letramentos visuais e seus aspectos críticos para o desenvolvimento de uma educação linguística, ressaltando o potencial “das imagens para promover discussões acerca de temas sociais, políticos e culturais” (FERRAZ e TOMIZUKA, 2021, p. 390). Além disso, o letramento visual possibilita o desenvolvimento de uma agência de mais autonomia e de mais criatividade tanto para os alunos quanto para os professores, fomentando assim uma atuação mais crítica e responsável, que pode levar a transformações em condições sociais individuais e/ou coletivas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017.
- ALMERICH, Gonzalo et al. **The impact of visual literacy on academic achievement in secondary education**. *Journal of Visual Literacy*, v. 36, n. 2, p. 68-82, 2017
- AVELAR, Michely Gomes. **Game on: uma experiência com games na formação de professores de línguas inglesa**. Goiás. 2020.
- AVELAR, Michely Gomes. **Letramento digital na formação de professores de línguas: uma experiência com ferramentas Google**. Goiás, 2019.
- AVELAR, Michely Gomes. **Game on: uma experiência com games na formação de professores de línguas inglesa**. [s.l.]: Amazon, 2021. E-book.
- BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction**. Penguin, 1994.
- BORELLI, Julma Dalva V. Pereira. Caminhos e vivências de uma atuação crítica decolonial. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria (org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 137-146.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Bertrand Brasil, 2000.
- BRAHIM, A.C.S.M. et al. **A linguagem na vida**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF, 2018.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. São Paulo: Editora Penso, 2018.
- CALLISTER, T., & WALLACE, J. (2016). **Teaching English as a second language in New Zealand**. Cambridge University Press.
- CAMPBELL, Colin. **The Art of Kula**. Bloomsbury Academic, 2014.
- CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos. Desenhando futuros sociais**. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.
- COPE, Bill., & KALANTZIS, Mary. (2009). **Multiliteracies: New literacies, new learning**. *Pedagogies: An International Journal*, 4(3), 164-195.

COPE, Bill e KALANTZIS, Mary. **“Multiliteracies”: Novos letramentos, novos aprendizados.** Linguagens de enquadramento e letramentos. Routledge, 2012. 115-145.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

DUBOC, Ana Paula Martinez. Letramento crítico nas brechas da sala de línguas estrangeiras. **Letramento em terra de Paulo Freire.** 3 ed. Campinas: Pontes, 2017.

DUBOC, Ana Paula; FERRAZ, Daniel de Mello. **Letramentos críticos e formação de professores de inglês: currículos e perspectivas em expansão.** Revista X [online], 2011, v. 1, n. 1, p. 33- 47, 2018. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/23056/16914>. Acesso em: 27 Nov. 2021.

FERRAZ, Daniel de Melo. **Da crítica como auto-superação da filosofia kantiana: o projeto de Adorno.** 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERRAZ, Daniel de Melo. **Reflexões sobre o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras.** Campinas: Pontes, 2012.

FERRAZ, Daniel de Melo. **Perspectivas sociointeracionistas e ensino de línguas estrangeiras.** Campinas: Pontes, 2014

FERRES, Joan; PISCITELLI, Alejandro. **La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores.** Comunicar, v. XIX, n. 38, p. 75-82, 2012.

FERRAZ, Daniel de Melo; TOMIZUKA, G. H. **Cinema e letramento visual em aulas de línguas estrangeiras.** Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 389-419, abr./ago. 2021.

FERRAZ, Daniel de Mello. EELT – **Education through English Language Teaching in a Brazilian Technical School.** Revista Crop, nº 15, 2010, p. 102-119.

FERRAZ, Daniel de Mello. **Visual literacy: the interpretation of images in English classes.** Revista Eventos Pedagógicos, v. 5, n. 1, 2014, p. 16-28.

FERRAZ, Daniel de Melo. **Os sentidos de “crítico” na educação linguística: problematizando práticas pedagógicas locais.** Educação linguística em línguas estrangeiras, campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FERRAZ, Daniel de Melo; FURLAN, Claudia Jotto Kawachi. **As imagens nas aulas de inglês: por um letramento visual ético e responsável.** In: FERRAZ, D. M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 205-219.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: Imagens na mídia acerca de raça/etnia.** UEPG, Ponta Grossa (PR), Brasil, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.

FRANK, Helvio. Língua/linguagem e vida em ressignificação pela educação crítica. In: PESSOA, R. R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

<https://materiais.parabolaeditorial.com.br/ebookperspectivas>

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3ª.ed: Paz e Terra. São Paulo, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 47.ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Carla Conti de; AVELAR, Michely Gomes. Leitura do e no mundo digital: Multiletramentos na formação de professores de línguas. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. **Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica**. 1ª ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2021, p. 91-108.

FREITAS, Carla Conti. **Multiletramentos na formação inicial de professores de línguas: das limitações às novas práticas curriculares**. Revista Coralina, Cidade de Goiás, vol. 1, n.1 fev., 2019. p. 67-80.

GEE, James Paul. (2003). **What video games have to teach us about learning and literacy**. Palgrave Macmillan.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. LTC Editora, 1989.

GELL, Alfredo. **Art and Agency: An Anthropological Theory**. Oxford University Press, 1998.

GOMES, Célia Maria Benedicto. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018.

JEWITT, Carey. (2008). **Multimodality and literacy in school classrooms**. Review of Research in Education, 32(1), 241-267.

JEWITT, Carey. (2014); KRESS, Gunther., & VAN LEEUWEN, Thomas. (2006). **Multimodal methods for research in science education**. In: N. Lederman, & S. Abell (Eds.), Handbook of Research on Science Education (pp. 43-70). Routledge.

JEWITT, Carey. **An introduction to multimodality**. In: JEWITT, C. (Ed.). The Routledge Handbook of Multimodal Analysis. New York: Routledge, p. 14-27, 2014.

JORNITZ, S., & PETRILLI, S. (2020). **Language education policy in Brazil: Historical overview and current trends**. In: R. Spolsky, & K. Hult (Eds.), The handbook of educational linguistics (pp. 53-70). Wiley-Blackwell.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, R. **Os propósitos dos Letramentos.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 41, n. 153, p. 545-563, jul./set. 2020.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 3. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.** In: Kleiman, A. B. (org.) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p. 15-61.

KRAMSCH, Claire. (2010). **The multilingual subject.** Oxford University Press.

KRESS, Gunther. (2003). Literacy in the new media age. Routledge.

KRESS, Gunther., & VAN LEEUWEN, Thomas. (1996); STREET, Brian. (2003); NEW LONDON GROUP. (1996). **A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures.** Harvard Educational Review, 66(1), 60-92.

KRESS, Gunther., & VAN LEEUWEN, Thomas. (2001). **Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication.** Arnold.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Thomas. **Reading images: the grammar of visual design.** 2nd ed. London: Routledge, 2006.

KRESS, Gunther.; VAN LEEUWEN, Thomas. **Reading Images: The Grammar of Visual Design.** London: Routledge, 1996.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **A new literacies sampler.** New York: Peter Lang, 2007.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Digital literacies: concepts, policies and practices.** New York: Peter Lang, 2008.

LANKSHEAR, Colin.; KNOBEL, Michele. **New Literacies: Changing Knowledge and Classroom Learning.** Buckingham: Open University Press, 2003.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LIU, Jinyuan et al. **Learning analytics in higher education: a literature review.** Educational Technology Research and Development, v. 69, n. 4, p.

LOMICKA, L., & LORD, G. (2012). The connectivist learning model: Theory and practice. International Journal of Technology in Teaching and Learning, 8(1), 1-12.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. **Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.28, n.4, out.-dez. 2021, p.1263-1267.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana. Ser crítica: uma história (sempre) incompleta. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria (org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 147-160.

MATTOS, Andrea. Machado. Almeida. **Novos letramentos: perspectivas atuais para o ensino de inglês como língua estrangeira**. Signum: Estudos da Linguagem, v. 17, p. 2014a.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mário. **Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem**, 2019. p. 245-258.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mário. **Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação**. In: Maciel, R. F.; ARAÚJO, V. A. (Org.). **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019, 328p.

MIZAN, Souza. A linguagem visual e suas contribuições nas perspectivas críticas da educação linguística. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria (org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitária/ os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MIZAN, Souza. **Letramento em terra de Paulo Freire. Letramento Visual Na Mídia**. São Paulo, Campinas, Pontes Editores, 2014.

MOITA LOPES, Luiz. Paulo. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. D.E.L.T.A, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MONTE MÓR, Walkyria (orgs). **Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

MONTE MÓR, Walkyria Maria. **Linguagem Digital Interpretação: Perspectivas Epistemológicas**, Campinas, p.31-44, 2007.

MONTE MÓR, Walkyria Maria. **Metodologia científica: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2009.

MONTE MÓR, Walkyria Maria. **Multimodalidades e comunicação: Antigas novas questões no ensino de línguas estrangeiras**, Uberlândia-MG, p.469-476, v.26 n. 2, 2010.

MONTE MOR, Walkyria. **Aprendizagem mediada por tecnologia: estratégias e práticas**. São Paulo: Editora Penso, 2017.

MONTE MÓR, Walkyria. **Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares**. In: ROCHA, Cláudia H.; MACIEL, Ruberval F (Org.). **Línguas estrangeiras e formação cidadã: por entre discursos e práticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 31-50.

MONTE MÓR, Walkyria. **Inclusão digital: polêmicas, reflexões e desafios**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.

MONTE MÓR, Walkyria. Sobre rupturas e expansão na visão de mundo: seguindo as pegadas e os rastros da formação crítica. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria (org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MONTE MÓR, Walkyria. Sociedade da escrita e sociedade digital: línguas e linguagem em revisão. In: TAKAKI, Nara Hiroko. MONTE MÓR, Walkyria (org.). **Construções de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens**. Campinas, SP: Pontes editores, 2017.

MONTE MÓR, Walkyria. **Teoria da arte contemporânea**. Editora Zouk, 2017.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papyrus, 2007.

MORAN, José Manuel. et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2015.

MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus. 2013. p. 11-66.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância?** 4. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

MORPHY, Howard e PERKINS, Morgan. "**A antropologia da arte: uma reflexão sobre sua história e prática contemporânea**." *A antropologia da arte: Um leitor* (2006): 1-32

NUNES, Danielle Rosa; FREITAS, Carla Conti de. Produção de vídeos: experiência com multiletramentos na formação inicial de professores de línguas. **In: Educação no contexto atual [recurso eletrônico]: interlocuções teóricas e práticas** / Marlene Barbosa de Freitas Reis, Daniel Junior de Oliveira, Carla Conti de Freitas (Organização) Goiânia: Scotti, 2021.

PASSERINO, Liliana et al. COVID-19 e educação: impactos e desafios para a formação de professores. São Paulo: Editora Blucher, 2021.

PENNYCOOK, Alastair. **Uma linguística aplicada transgressiva**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada (in)disciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. **Critical Applied Linguistics: a critical introduction**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido; FREITAS, Carla Conti. **Praxiológicas do Brasil Central: Floradas de educação linguística crítica**. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido da; FREITAS, Carla Conti de. *Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica*. 1ª ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2021, p. 15 24-108.

PRENSKY, Marc. **Digital native, digital immigrants. On the horizon**, MCB University Press. v. 9, n. 5, 2001. Disponível em: <https://cutt.ly/7gcYBNJ> Acesso em: 22 out. 2020.

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants part 1**. On the Horizon, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

PRETTO, Nelson De Luca. **A informática na educação brasileira: entre o discurso e a prática**. São Paulo: Editora Scipione, 2013.

REZENDE, Tânia F. Posfácio. *In*: SILVESTRE, Viviane P. V. **Colaboração e crítica na formação de professores de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o Pibid**. Campinas: Pontes, 2017. p. 279-289.

RIBEIRO, Ana Elisa F. **Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI**. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-19, 2020

RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital e ensino remoto: reflexões sobre práticas**. Debates em Educação, Maceió, v. 12, p. 446-460, dez. 2020

RIBEIRO, Ana Elisa. **Livro e multimodalidade: Concepções em Trânsito na obra de Gunther Kress**. Revista Interinstitucional dos Programas em Pós Graduação em Comunicação Social da Puc Minas e da UFMG.

RIENTIES, Bart et al. **Trends and issues in learning analytics**. Journal of Learning Analytics, v. 7, n. 3, p. 1-8, 2020.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SABOTA, Barbra. Do meu encontro com a educação linguística crítica ou de como eu tenho revisitado meu fazer docente. *In*: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE MÓR, Walkyria (org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 59-68.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. Brasiliense, 2013.

SANTOS, Boaventura Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, (2002).

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. 16. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2009. E-book. (epub).

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. 4. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017b

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2020.

STREET, Brian. (2014). Literacies in context. In: LEFKOWITZ, N., & SÁNCHEZ, A. R. (Eds.). **The Oxford handbook of literacy in America** (pp. 54-72). Oxford University Press.

STREET, Brian. & LEFSTEIN, A. (2007). **Literacy: An advanced resource book**. Routledge.

UNESCO. (2021). **Education: From disruption to recovery**. Recuperado de <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>.

WARSCHAUER, Mark; MATUCHNIAK, Tina. **New technology and digital worlds: analyzing evidence of equity in access, use, and outcomes**. Review of Research in Education, v. 34, n. 1, p. 179-225, 2010.

WIKILIVROS. (2013). **Estrutura de uma árvore**. Disponível em; https://pt.wikibooks.org/wiki/Wikilivros:_P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 10. Fev. 2023.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista

Projeto de pesquisa: Para além do ilustrativo: letramentos visuais em práticas de educação linguística no curso de Letras.

Pós-Graduanda: Danielle Rosa Nunes

Tendo em vista a multimodalidade cada vez mais presente nos meios de comunicação e a ampliação do uso de recursos das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) durante o período de ensino remoto, esta pesquisa tem como objetivo discutir o letramento visual e crítico em práticas de educação linguística. Considero como letramento visual formas de ler textos imagéticos presentes em narrativas que fazem parte do nosso cotidiano: imagens, memes, vídeos, filmes, animações e outros.

- **Roteiro da entrevista com professoras/es de línguas**

Uso de TDICs na educação linguística:

- Me conte sobre o uso de TDICs nas suas aulas de inglês. Como era antes da pandemia, como foi durante o período de ensino remoto e como têm sido agora.

- Quais tecnologias digitais você usava antes da experiência de ensino remoto? Quais usou durante? Quais têm utilizado atualmente?

- Quais foram os desafios que você encontrou em relação ao uso das TDICs durante o processo de aulas remotas? E quais desafios você tem encontrado agora com o retorno do ensino presencial?

- Você considera que uso de TDICs trouxe novos aprendizados para a sala de aula de línguas? Quais? Poderia me explicar.

Experiências de letramento visual:

- Me conte sobre o uso textos imagéticos nas suas práticas de ensino de língua inglesa. Quais você utilizou? Eles foram utilizados com qual propósito?

- Como era a frequência do uso antes do ensino remoto? E durante o ensino remoto? E como está sendo no momento atual?

- Como você seleciona as imagens e vídeos? O que leva em consideração? O que acha importante?

Funções do letramento visual:

- Me conte os motivos que te levam a usar letramentos visuais nas atividades de ensino de língua inglesa.

- O uso de textos imagéticos tem contribuído para a construção de sentidos e pensamento crítico nas suas aulas de línguas? Se sim, explique como isso ocorre.

- Na sua visão quais novas habilidades estão sendo necessárias para a leitura de textos multimodais nas aulas de línguas?

Questionário - Perfil dos participantes

Informações sobre o/a participante

1. Qual o seu gênero?

- Masculino
- Feminino
- Outro
- Prefiro não dizer

2. Qual é a sua idade?

- Menos de 20 anos
- Entre 20 e 30 anos
- Entre 30 e 40 anos
- Entre 40 e 50 anos
- Mais de 50 anos
- Prefiro não dizer

3. Qual sua cor ou raça?

- Branca
- Preta
- Parda
- Indígena
- Amarela
- Prefiro não dizer

4. Qual sua formação acadêmica? (graduação, especialização etc.)

5. Há quanto tempo atua como professor/a de língua?

6. Como não haverá sua identificação no estudo, escolha por favor um pseudônimo.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Tendo em vista a multimodalidade cada vez mais presente nos meios de comunicação e a ampliação do uso de recursos das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) durante o período de ensino remoto, esta pesquisa tem como objetivo discutir o papel do letramento visual em práticas de educação linguística de língua inglesa. Considero como letramento visual formas de ler textos imagéticos presentes em narrativas que fazem parte do nosso cotidiano: imagens, memes, vídeos, filmes, animações e outros.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de análise das experiências com o uso de TDICs no ensino remoto, das transformações que essas experiências geraram nas práticas pedagógicas das/os professoras/es de línguas e das funções que as imagens desempenharam na construção de sentidos nas aulas virtuais de língua inglesa.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativista, que tem como material empírico as percepções de professoras/es de língua inglesa, que serão obtidas por meio de entrevistas e questionários. As entrevistas serão realizadas com professoras/es de língua inglesa, após assinatura deste termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE. O registro será por meio de recurso de gravação audiovisual via web conferência. Os registros obtidos das entrevistas serão utilizadas como objetos de análise, que poderão ter trechos transcritos publicados integralmente ou parcialmente na dissertação. Assim, solicito que registre abaixo a sua autorização de som/voz. Ressalta-se que será garantida toda confidencialidade e privacidade de imagem e/ou som da/o participante da pesquisa, que o uso será apenas de transcrições.

Não haverá identificação do/a participante, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. O/a participante poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital sob minha guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Oriento que marque a proposição escolhida:

() Permito a gravação/obtenção da minha voz (áudio) no Google Meet .

() Não permito a gravação/obtenção da minha voz (áudio) no Google Meet.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da voz (áudio):

() Permito a divulgação dos trechos transcritos da minha voz(áudio) dos encontros nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a divulgação dos trechos transcritos da minha voz(áudio) dos encontros nos resultados publicados da pesquisa.

Riscos e formas de minimizá-los:

A pesquisa pode gerar riscos mínimos de desconforto emocional (ansiedade, angústia, insatisfação). Para diminuir os riscos, as pesquisadoras estarão continuamente abertas ao diálogo e aos questionamentos. Ademais, a identidade dos participantes será preservada e eles

poderão desistir de participar da pesquisa a qualquer momento durante o andamento da pesquisa.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo. Caso sinta qualquer desconforto será assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como benefícios levar aos participantes a refletirem sobre as diversas formas de linguagens para além da escrita e da oralidade, visando assim, contribuir para uma educação linguística e formação crítica de professores de línguas. E também conhecer e valorizar de forma significativa a diversidade de culturas e de linguagens presentes em nossa sociedade. Diante da pesquisa realizada também poderá servir como diálogos para novas pesquisas.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo. Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos o local profissional para recebê-los, o telefone e e-mail informando anteriormente para a disponibilização dos resultados.

Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando

quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

Declaração do(a) Participante

Eu,, abaixo assinado, discuti com a pesquisadora Danielle Rosa Nunes sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo PARA ALÉM DO ILUSTRATIVO: LETRAMENTOS VISUAIS NA FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSORES DE LÍNGUAS. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiás, ____/____/____

Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: ____/____/____